



A Polícia disparou, pelo menos, seis tiros contra os assaltantes, estilhaçando a fachada envidraçada

ASSALTO AO B.P.A.

Alarme, tiros

e prisões:

tudo em dez minutos

«Só na segunda-feira é que se pode abrir os cofres» explicou o funcionário do Banco Português do Atlântico aos dois assaltantes que ontem à tarde puseram sobre o balcão uma saca de batatas vazias e lhe apontaram dois revólveres e uma granada.

Tinham já sido fechados os três cofres com o dinheiro e os funcionários responsáveis pelas chaves haviam já saído. Foi o primeiro desaire sofrido pelos assaltantes — dois jovens de 18 e 17 anos, António José Gonçalves, e Fernando Jorge Godinho Firmino, que se entreolharam espantados e mandaram que os bancários pusessem as mãos sobre o bal-

cão. Começaram então a andar de um lado para o outro, de revólver na mão, e, assim foram vistos do lado de fora da dependência bancária. Eram 18.02 e, dentro do Banco na esquina da Rua Alexandre Heróclano com a Avenida da Liberdade, após a saída de vários funcionários, restava pouco mais de uma dúzia de pessoas.

Um dos assaltantes rodou o tambor do revólver e outro desencavilhou uma granada. «Explicuei-lhes bem que não podia abrir os cofres, que tinham sido conferidos e fechados, e não tinha as chaves» — contou-nos o funcionário respon-

Continua na pag. 20

“PASSADOR” PRESO NA CAMA DO HOTEL

P.J. apanhou mais 10 mil “dólares algarvios”

Na sequência da detenção de um fabricante de dólares falsos (Mendes Jacinto, que se preparava para levar para Espanha 535 mil) acaba de ser detido, um dos principais «passadores» das notas fabricadas em Vila Real de Santo António. Com a detenção deste último foram apreendidos mais de 10 mil «dólares algarvios».

O detido, cujo nome a P. J. não revelou, é muito conhecido, nos melhores bares e «bôites» lisboetas, pelo «senhor capitão Roby», pessoa que se ausentava com frequência ao estrangeiro e que cultiyava, com singular desvelo, muitas amizades femininas.

Sabendo da sua existência, mas desconhecendo-lhe o paradeiro, a Polícia seguiu a pista de duas das suas amigas — uma jovem portuguesa, outra espanhola — que levaria a um quarto do Hotel Penta (em nome de Maria del Carmen Padilla) onde ambas aguardavam o «capitão Roby». Todavia, desta vez, o «capitão» faltou ao encontro.

Seguindo sempre pistas a partir do elemento feminino (o calcanhar de Aquiles do Roby) a P. J. logrou descobrir, antes de romper o dia, uma outra paixão do «passador» de dólares: Ivone Maria Sirgade, hospedada no quarto 604 do Hotel «Altis», onde, por sinal, a Polícia os foi encontrar a dormir confiadamente.

Na circunstância: o «capitão» não pôde, sequer, fazer uso da pistola de grande calibre e da granada ofensiva que tinha no quarto, igual às outras duas apreendidas ao Mendes Jacinto. Com a detenção do Roby, retiram-se do mercado 10 mil «dólares algarvios».

Sabe-se, porém, que os dólares fabricados no Algarve começam a ter circulação internacional, havendo sido localizadas notas daquelas na América do Sul e na Europa, especialmente na Dinamarca, segundo chegou ao conhecimento da sede da Interpol em Paris.

A conotação do fabrico dos dólares com objectivos políticos, parece agora ser um facto incontroverso: os elementos da quadrilha andam fortemente

armados (facto considerado vulgar entre «passadores») e, além disso, é «dos livros» e

da prática diária constatada por todas as polícias, que burles e falsários evitam a violência e o uso de armas que

a empresas, bancos e repartições de crédito ou finanças, bem como a rede bombista, são elos de uma mesma ca-

Notas falsas já circulam

na Europa e América do Sul

lhes agravará substancialmente as penas.

Por outro lado, as circunstâncias fazem concluir que as notas falsas e certos assaltos

deia, obedecendo a um programa comum de acção contra-revolucionária. Sendo assim, visse-se, objectivamente, o regresso do País ao fascismo.

Detido em Lisboa um chefe bombista

dias detidos no Estoril pela Polícia Judiciária Militar, do qual faziam parte dois estrangeiros ligados à organização fascista O. A. S.

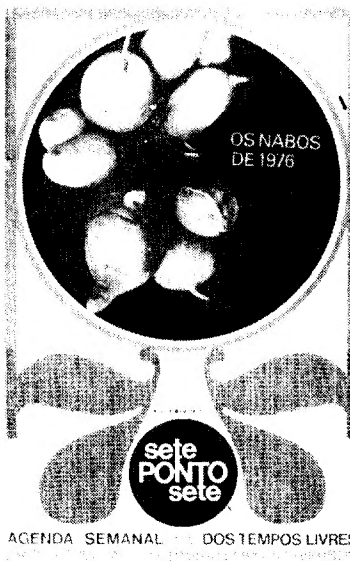
Entretanto, a Polícia Judiciária do Porto emitiu um estranho comunicado em que desmente categoricamente a possibilidade de elementos agora detidos terem ligações com organizações políticas, clandestinas ou não.

Segundo o comunicado da P. J. do Porto, para a execução dos assaltos este grupo de indivíduos servia-se de retornados e de outros descontentes com a situação política vivida no nosso País. «Há como se disse, apenas um grupo de indivíduos apenas interessado

em realizar dinheiro, não olhando a meios. Esta é a verdade», afirma-se no referido comunicado.

E de referir, perante esta informação da P. J. do Porto, que os bombistas agora detidos costumam intitular-se «Comando de Defesa da Civilização Ocidental» (C.O.D.E.C.O.) reivindicaram o atentado à Casa de Angola, e estão também implicados na colocação de bombas em sedes de vários partidos políticos.

E ainda de realçar que a informação tornada pública é contraditória com todas as informações até agora prestadas pela Polícia e mesmo com o rumo que as investigações têm vindo a tomar.



Os maiores nabos de 1976

O «DL» sai hoje com 32 páginas, incluindo o «Sete-Ponto-Sete». No suplemento deste sábado elegemos «Os maiores nabos de 1976», sem desfazer das qualidades de outras personalidades que poderão — com todo o merecimento — vir a ser eleitos no próximo ano.

Ex-presos políticos amanhã na Televisão

A RTP transmite amanhã à noite, a seguir ao segundo Teletjornal, um programa sobre as actividades da ex-PIDE/DGS, confirmando-se assim a notícia ontem dada pelo «DL».

O programa, que terá a duração de 35 minutos, conta com a presença dos ex-presos políticos Manuel Alpedrinha, Edmundo Pedro, José Maria do Rosário e Francisco Lyon de Castro, e resulta de uma iniciativa dos próprios entrevistados que, nesse sentido, enviaram uma carta ao secretário de Es-

tado da Comunicação Social.

Estes ex-presos políticos consideram que, face à maneira como estão a decorrer os julgamentos dos ex-«pides», é necessário e urgente alertar a opinião pública sobre o que foi a polícia política de Salazar e Caetano.

Entretanto, a RTP aceitou também a sugestão que lhe foi feita de produzir um filme sobre as cadeias políticas, que será exibido juntamente com depoimentos sobre a acção da ex-PIDE/DGS.

Mais sete ex-“pides”

em liberdade

(PAG. 20)



A multidão aglomerada ao fim da tarde de ontem na Avenida da Liberdade. Aliás, muita gente assistiu às principais peripécias do assalto falhado

Nacional

Imprensa estrangeira faz-se eco da sentença do ex-"pide" Domingues

O julgamento dos agentes da PIDE-DGS tem atraído a atenção dos correspondentes da imprensa estrangeira em Lisboa, alguns dos quais reflectem, nas notícias publicadas pelos jornais que representam, a indignação revelada pelos progressistas portugueses ao tomarem conhecimento da sentença proferida no julgamento do assassino de José Dias Coelho.

O «Times», de Londres, noticia as manifestações de repúdio verificadas em Lisboa e, no «Guardian», António de Figueiredo, depois de afirmar que os agentes da antiga polícia política não têm sido julgados com a devida seriedade, sugere que há quem «não esteja interessado em ir ao fundo dos casos».

O correspondente da agência checoslovaca Ceteka, por sua vez, depois de referir que a sentença pronunciada contra o pide António Domingues levantou uma onda de indignação, afirma que «desafiando essa onda de indignação, outro ex-agente da PIDE-DGS foi condenado a uma pena muito baixa e posto imediatamente em liberdade por já ter expiado o «castigo».

Entretanto obtivemos mais dois depoimentos de individualidades políticas sobre a irritante sentença aplicada ao ex-«pide», na ocorrência subscritas ambos por figuras conhecidas do P.S.D./P.P.D. Eis os textos:

ARTUR CUNHA LEAL

«O acórdão que condenou o assassino de Dias Coelho é, inquestionavelmente, por de mais benévolo. Na realidade, por melhor que seja a boa vontade, com que se queira encarar-lo, não pode deixar de chocar a consciência imparcial de quem quer que seja, o facto de se poder admitir que para evitar que alguém, a quem se pretenda prender, se possa escapar, contra ele se disparem dois tiros que o venham a abater.

«Tal poderá demonstrar e demonstra mesmo o exemplar afã profissional, mas em idênticas proporções, evidencia também uma total ausência de prudência de consciência, quanto aos resultados do comportamento de quem assim agiu, o que põe, obviamente em causa, o problema de involuntariedade do seu gesto.

«Para além do mais, uma sentença tem de ter sempre, a par duma finalidade repressiva, um fim preventivo. Ora, não será com decisões como esta que tal objectivo se atingirá. E os prenúncios de tanta coisa,

que já chegou aos nossos ouvidos, não são de molde a deixar-nos tranquilos.

«Para mim, à brandura do acórdão em causa, não pode ser alheio, o foro militar em que o caso foi julgado. Efectivamente, por um lado, os componentes das Forças Armadas, na sua grande generalidade, escaparam por via de regra, à fúria persecutória da Polícia Política e, por outro lado, o seu convívio prolongado, no decurso da guerra no Ultramar com os agentes daquela Corporação, aonde, de facto, o seu comportamento não assumiu os aspectos odiosos de que aqui se revestiu, deve ter criado, na mente dos nossos militares, a respeito da PIDE e da sua gente, um juízo bem diverso daquele que por cá, nós, com dolorosa razão, fomos forçados a formar.

«Tais factos, é bem possível, que estejam na origem da leve condenação do matador de Dias Coelho».

SÉRVULO CORREIA

«Ao pronunciar-se sobre a sentença proferida relativamente ao agente da ex-PIDE que assassinou Dias Coelho, faço-o como mero cidadão e não como representante do P.S.D. Com efeito, penso que acima da contingência da justiça desta ou daquela sentença individualizada, está o princípio da independência dos Tribunais. Ora, este ficaria em risco, se os partidos políticos se pusessem a avaliar do mérito ou demérito das sentenças: seria ainda uma forma de pressionar os Tribunais.

«Em contrapartida, nada impede qualquer cidadão de achar boa ou má uma sentença, embora deva ter a consciência de que, uma vez transitada em julgado, ela é para cumprir.

«Pessoalmente, fiquei surpreendido pela leveza da pena, infligida ao assassino, embora a este meu juízo se deva opor todas as reservas resultantes de só conhecer do processo, aquilo que alguns jornais disseram. Parece-me que, mesmo na óptica policial da ex-PIDE, dois tiros dados a curta distância contra uma pessoa desarmada e rodeada por vários esbirros, seriam manifestamente excessivos e, quem os deu, teria pelo menos a consciência de que poderia matar a sua vítima.

«Falando também pessoalmente, creio que seria preferível que os membros da ex-PIDE fossem julgados pelos tribunais judiciais, em vez de serem pelos tribunais militares».

EANES NA POSSE DE SOUSA GOMES

"Pôr em funcionamento empresas que são propriedade social"



O empossado quando usava da palavra

«O Estado dispõe no sector industrial do controlo suficiente dos meios que lhe permitem acelerar a recuperação. O que está em causa é pôr em funcionamento as empresas que são propriedade social por forma a que contribuam eficazmente para aumentar a riqueza do País», salientou o Presidente da República na cerimónia de posse do eng.º Sousa Gomes do cargo de ministro da Indústria e Tecnologia.

O general Ramalho Eanes considerou também imprescindível «a definição clara do papel dos investidores privados e das condições que permitam mobilizar as poupanças dos particulares» para que se compreenda que não é «peccado social ter êxito e que ninguém pode ser punido pelo sucesso dentro das regras esta-

belecidas».

Numa referência à gestão das empresas nacionalizadas Ramalho Eanes considerou

«injusto repercutir sobre o conjunto da sociedade os efeitos do mau dimensionamento de certas empresas e de cus-

tos que não encontram paralelo em unidades congêneres doutros países».

E a concluir o seu breve discurso numa cerimónia de «ajustamento na equipa governamental» caracterizada pela «simplicidade que há que imprimir aos actos formais que assinalam os compromissos públicos de serviço do País», o Presidente da República sublinhou: «O País não quer que nacionalização e inintervenção sejam sinónimos de ineficácia. O País espera do Estado, e da capacidade de V. E.ªs que se retire da utilização desse novo tipo de instrumentos um acréscimo de riqueza nacional. Riqueza para melhorar verdadeiramente as condições de vida dos cidadãos mais desfavorecidos, riqueza para vencer a crise e construir uma sociedade melhor para todos».

Trabalhadores agrícolas de Coruche criticam cedências do Governo

Trabalhadores agrícolas do concelho de Coruche vieram ontem ao encontro dos jornalistas, para através deles dar a conhecer ao País as arbitrariedades cometidas pelo MAP, relativamente às unidades colectivas de produção «Avante 25 de Abril» e «14 de Outubro».

Os representantes destas duas U. C. P.'s que foram intimados pela Comissão de Gestão Transitória do Perímetro do Vale de Sorraia a entregar até ao dia 30 do mês passado várias dezenas de hectares de terra de regadio a alguns seareiros da região, pediram aos jornalistas presentes para ventilar os factos dentro da maior objectividade.

Também Alvaro Brasileiro, dirigente do Sindicato Agrícola de Santarém, frisou que «muitos jornais fazem ataques cerceados aos trabalhadores e elogiam os elementos reacconários da CAP, organização fascista, empenhada na destruição da Reforma Agrária».

Depois de «esgotadas as possibilidades de diálogo com o Governo», os trabalhadores decidiram não entrar em choque com os seareiros, embora saibam como eles estão a ser manobrados pela CAP, que sempre se manteve activa no concelho de Coruche. Ainda há uns tempos atrás esta organização que se declara defensora dos interesses dos agricultores, provocou uma situação de conflito com os trabalhadores rurais quando do assalto ao C. R. R. A. de Coruche. Nesses incidentes que podiam ter desdobrado num grande drama (só a calma dos trabalhadores evitou que isso acontecesse) estavam envolvidos seareiros que agora reivindicam as terras.

Entretanto, os trabalhadores das unidades colectivas, cuja viabilidade económica vai ser afectada pela determinação do MAP que, sem atender a certos factores, resolveu entregar terra a seareiros de campanha, enviou uma exposição ao secretário de Estado, Carlos Portas, na qual se apontavam soluções para a questão.

Acham os trabalhadores que o problema podia ser resolvido colocando os referidos seareiros nas herdades nacionalizadas ou expropriadas, mas que continuam na mão dos agrários. O Governo ficou surdo às sugestões dos trabalhadores. «Será um Governo socialista?» perguntam os seareiros.

Segundo os trabalhadores, o secretário de Estado desconhece completamente as particularidades das cooperativas, pois até afirma no despacho enviado aos trabalhadores que as duas U.C.P.' têm em conjunto 600 hectares de regadio, o que não é verdade. Esses número dizem respeito à área que está prevista vir a ser regada. Depois aconselha os trabalhadores a cultivar 345 hectares de tomate, desconhecendo que isso implica um estudo técnico. Por outro lado um dos porta-vozes da «Avente 25 de Abril» afirmou que o ano passado tinha sido cedida terra ao seareiro Francisco das Neves, naquela unidade colectiva. O seareiro recusou. Agora vem exigir terra no mesmo sítio. Apesar de tudo, os trabalhadores acham que os seareiros têm também direito à terra, desde que não venham prejudicar as cooperativas.

A CAP está a empurrar os seareiros para o confronto com a gente, mas nós preferimos ceder as terras mesmo sabendo que isso vai agravar o desemprego, diz um elemento da «14 de Outubro».

Na realidade, o desemprego grassa no distrito de Santarém. Por exemplo, no concelho de Coruche, há 10 mil hectares já expropriados, mas que continuam nas mãos dos agrários. Nessa terra poucos ou nenhuns trabalhadores conseguem arranjar trabalho. As terras estão incultas. Nada produzem.

Alvaro Brasileiro, a propósito do desemprego, disse:

A partir de Benavente, passando pela Chamusca e Alpiarça, há desemprego que até faz doer a alma. Nessa região o sindicato teve de utilizar o



Um momento da conferência de imprensa: a palavra cabe à mesa

sistema rotativo para alargar o número de pessoas a trabalhar. No entanto há muitos trabalhadores que passam semanas e meses sem fazer nada. Isso para eles é uma doença. Um homem habituado ao trabalho quando não trabalha fica

com os nervos destranbelhados.

Os trabalhadores rurais do concelho de Coruche manifestaram-se dispostos a discutir com o Governo qualquer caso que surja em relação à entrega de terra. Querem cumprir a lei.

Novo acordo de emigração luso-luxemburguês

«O meu país atingiu uma encruzilhada da sua história em que se encontra mais do que nunca, inserido num contexto europeu, nesta Europa para a qual contribui actualmente, não só pelo esforço e trabalho dos seus emigrantes mas também ao criar as suas próprias estruturas democráticas, que o aproximam das democracias europeias aos quais nos ligam tantos laços de c o ração, de espírito e de cultura», afirmou ontem, no Luxemburgo, o secretário de Estado da Emigração, dr. João Lima, durante

a cerimónia de assinaturas de um protocolo modificando o acordo de emigração entre os dois países, o qual introduz melhorias relativamente às condições de trabalho dos emigrantes portugueses ali radicados.

O presidente do Luxemburgo, Maurice Thorn que presidiu à cerimónia, revelou o seu interesse em conhecer directamente a realidade portuguesa após 25 de Abril, atribuindo grande importância a eventuais contactos directos com Mário Soares.

pub

E D P ELECTRICIDADE DE PORTUGAL

— Empresa Pública —

Redes das Ex-Companhias Reunidas Gás e Electricidade

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo, 9 de Janeiro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE ALCOCHETE: Palhavã, das 07h 30m às 11h 00m.

CONCELHO DO SEIXAL: Cabouca, das 07h00m às 14h00m. Conde, Paivas, Quatro Caminhos, Vito, S.Tomé, Inglesinhos, Borja, Brigadeiro, Qt.ª da Atalaia e Amora, das 07h30m às 14h00m. Cedros, Canavial e Silos, das 08h00m às 15h00m.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1977

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E.P.

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL

Manuel Fernandes Camacho

post-scriptum

A televisão que o povo não merece

Que saudades eu tenho da televisão pós-25 de Abril de 74.

A noite, depois de um dia de trabalho, lá ia eu para o café ver televisão sempre com grande interesse de saber coisas importantes do meu país. E que importantes elas eram: que durante meio século a besta fascista torturou e amordaçou todos aqueles que lutaram pelas formas mais diversas contra a ditadura; que o poder político e económico estava nas mãos de uns poucos que governavam o país a seu belo prazer, tratando oito milhões de pessoas como se carneiros fossem; que a PIDE era um Estado dentro de outro Estado; que Portugal foi um país colonizador, colonizado; que nos explorados deste país, dia após dia, estavam a lutar pelo fim da exploração e pela consolidação da democracia rumo ao socialismo; que o glorioso MFA defendia intransigentemente o programa político anunciado à nação na inesquecível madrugada de 25 de Abril; que o povo unido, nas suas lutas diárias, jamais será vencido; que mais vi eu na televisão!... Tantos e variados programas foram dados a conhecer ao cidadão comum que a certa altura tudo parecia indicar que o imperialismo e a demagogia fácil estavam definitivamente enterrados lá para as bandas do Lumiar.

Mas, lá diz o poeta «mudam-se os tempos, mudam-se as vontades» (de governar). Alguns, os mais honestos, contradizem semelhante aforismo e mantêm-se inalteráveis nos seus ideais, mesmo quando o tempo histórico lhes é adverso. Outros (os oportunistas) variam de atitude conforme estão em causa os seus interesses pessoais.

No primeiro caso, tivemos uma televisão que se identificou com o povo (maioria explorada), vivendo e sentindo os seus problemas e anseios, actuando de acordo com a opção de acabar de uma vez por todas, na nossa terra, com a exploração do homem pelo homem.

No segundo, que é o caso da televisão actual, temos uma completa identificação com a maioria exploradora, que vive do supérfluo e do abstracto, com clara intenção de fazer esquecer os graves problemas que afectam a nação.

É esta a televisão «pluralista e democrática» que muito pouco pluralística e nada democraticamente nos querem impôr?

O povo (o tal das maiorias) repudia programas demagógicos e alienantes que ultimamente têm surgido em doses industriais colocando Portugal na continuidade da mordação rumo ao capitalismo.

António Martins dos Reis
ODIVELAS

Trabalhar?

Mas para quem?

Em face das medidas que o actual Governo vem tomando, podemos perguntar:

Mas o Governo socialista é este que, para fazer face ao aumento do custo de vida, concede aos mais favorecidos aumentos de 5000\$00 e aos mais desfavorecidos somente 500\$00?

Que raio de Governo socialista é este que só consegue impor as suas leis através de pressões policiais tais como as exercidas nas desocupações, no Alentejo, ou no encerramento de estabelecimentos de ensino?

A democracia, para ser vivida, nunca poderá ser controlada pela burguesia. E é a burguesia que está no Poder. Logo, não vivemos em democracia mas sim debaixo do domínio da burguesia.

Podemos, por exemplo, perguntar ao sr. Barreto se tem ele alguma vivência em agricultura, para poder objectivamente resolver os problemas da agricultura? Ou ao sr. Cardia se fez os seus estudos com sacrifícios, para conseguir compreender os problemas dos trabalhadores estudantes!...

Quando ouvimos algumas personagens ditas socialistas dizer mal do gonzalvismo, pois não ficamos admirados por isso. De admirar seria o contrário. Que podem dizer burgueses encapotados de socialistas senão mal dum homem, que, se algum pecado cometeu, foi sempre compreender e defender os trabalhadores?

Dizem-nos que Vasco Gonçalves era um ditador, um totalitário, etc. Mas de que outra maneira se pode vencer a burguesia senão esmagando-a?... Que não se pense que se pode vencer a burguesia pactuando, na mira que ela ceda de vontade própria, abdique dos seus privilégios em benefício duma sociedade justa. Quem assim pensar, sujeita-se a cair no irreal.

Temos que continuar a luta que outros começaram. Não nos convencem quando nos dizem que a crise que atravessamos só pode ser vencida com o trabalho de todos nós. Mas trabalhar para quem? Para os novos Champalimauds, ou para os novos Melos?

Já vai sendo tempo de dos senhores que nos «governam» se convencerem que só podem governar com o apoio dos trabalhadores que eles parecem esquecer. Se é certo que o país não sobrevive sem Capital, não é menos certo que o que produz Capital é o Trabalho.

Esperamos pois que este Governo reconsidere, e se decida a governar para e com os trabalhadores.

José Bernardo
AMADORA

ANÓNIMO PORTUGUÊS — III

ISABEL DA NÓBREGA

Chegada ao último artigo desta série citarei (temeridade...) uma boa dúzia de autores — para alguma gente quem sabe se anónimos. Mas respondem por si, dão obra por si. Distribuem-se por várias gerações (vão dos trinta e poucos aos setenta e muitos) e nenhum deles publicou pela primeira vez depois do 25 de Abril. Quem os não leu depois dessa data... é porque não os lia, não os leu, antes! Não saberia pronunciar-lhes o nome (nomear é já aproximar, tornar próximo), nem os títulos das suas obras. Em suma, com eles não teria estabelecido nunca intimidade.

Só isso explica — sou então levada a concluir — a pergunta-apóstrofe feita a intervalos regulares, que hoje se quer irónica, ontem se queria ingenua, há semanas desdenhosa... («Onde estão, senhores, as tais obras que havia nas gavetas, os originais impedidos de virem à luz sob o fascismo, toda essa literatura amordaçada, onde está ela, afinal?»)

Em artigo anterior narrei o que, testemunha do meu tempo, uso responder na circunstância. «Quem disse que as havia nas gavetas? Que escritor o disse? Aporte um nome, um só nome, se puder!» Para lá do imediato contra-ataque impõem-se argumentos que por vezes emprego. Nunca em excesso! — porque... falando francamente, é grande e inevitável a sensação de desperdício.

Mas tendo lido há dias pela enésima vez a petulante interrogação, decidi reunir paciência e boa-vontade (frutos da época? — escrevo isto no dia de Natal) e serenamente alinhar um feixe de nomes próprios para saírem ao caminho da impaciência, da distração, e da má-fé.

Será um balanço diferente dos que leremos no fim do ano, como pontualmente em todos os fins de ano. Porque não selecciono nenhum livro de ensaios (e importantes houve); nenhum de doutrina política, nem nenhum daqueles títulos que amarram com vistoso laço uma simples pilha de episódios. (Pequenas peripécias, interessantes episódios joieiros unicamente pelo que neles é espectacular, justifica-se o registro mas apenas como tal, porque as oportunísticas edições-relâmpago não cuidaram de o dignificar fazendo-os acompanhar de análise profunda, o que, então sim, os tornaria contribuições úteis para o estudo de uma época.

Também quase não referirei livros de poesia: deixo o balanço global para os especia-

listas. Aqui tento unicamente pôr por escrito respostas dadas oralmente em função de uma pergunta restrita, na esperança de para mim própria as clarificar, e ampliar a comunicação.

Os «perguntadores» esperavam exactamente o quê? Podemos inferir, de boa-fé, que pelo menos estas duas coisas: uma, seis, dez obras literárias de fôlego, onde o talento do autor se evidenciasse inequivocamente aos olhos do leitor ao mesmo tempo que narrasse o inexprimível em tempos de opressão. E talvez também obras em que a acumulação de factos pavorosos — tantos e tão minuciosamente contados — conseguisse enfim produzir-lhe um baque, um arrepio, o gratificante sobressalto que justificasse o preço de capa...

Ora, senhores! Tivestes isso tudo, e achais pouco?! Proverei o que afirmo. Antes, porém, vão desculpar, interrogo eu.

Excluída que está da conversa a referência ao número de analfabetos neste País, começo por referir a altíssima percentagem dos que já tendo por hábito a compra de semanários de vária índole, não chegaram nunca a criar hábitos de leitura. Quero dizer, aqueles que não sabem o que é enfiar-se numa pessoa num livro tal como o fazem num jogo; ficar-se preso nas páginas impressas como ficam diante do «écran» do cinema ou da televisão; todos aqueles que declaram — candidamente mentindo — «não tenho tempo para ler». A esses me refiro, desses me ocupo. Porque me parece que eles integram, tanto como outros já referidos, os núcleos de «perguntadores».

E queriam — esses que até foram capazes de ler (saltadamente?) depoimentos de certo cunho, e por isso os fizeram subir aos primeiros lugares nas listas dos mais vendidos — queriam, julgo, que, do lado oposto, se lhes depositasse nas mãos uma obra, como direi, fácil e empolgante, com a chancela de «best-seller» desde o primeiro dia, e que se sentissem obrigados a apreciar (não sei por que engenho imobilizados todos os seus mecanismos de raivas e desdém contra esses tais testemunhos da opressão). Mas Opressão? Mas apreciaram? Que pontos de referência tem eles para reconhecerem ser de Opressão e de resistência que tais livros tratam? Como as reconheceriam? Digo: não as reconheceram. Poderiam ser sensibilizados pelo talento moldado na prosa, na poesia, se desde sempre estra-

nhos e alheios à genuína prosa, a poesia, à expressão do talento? Como o reconheceriam? Viram-no e não o reconheceram.

Desconhecem eles, ou julgam escassos, os títulos entre tanto surgidos? Senhor, perdão-lhes: além de não saberem ler, não sabem contar. Para um período de dois anos, só em prosa portadora de denúncia antifascista, digo prosa de FICÇÃO, conto de uma assentada treze títulos e outros ficam por contar. Junto a estes títulos de criação literária e ao mesmo tempo de inequívoca posição política duas obras de poesia e faz quinze. Ressalvo que vários dos autores da minha pequena lista (como o Urbano, o Navarro, o Zé Gomes) publicaram ainda outras obras nestes trinta e dois meses.

Quanto aos que sofreram longas penas de prisão e nos parecem as personagens certas para no-las referirem, nada feito. Nesta terra, tais criaturas, é ponto assente, não gostam de falar de si. Noutras terras, apostro, já cada uma delas teria um «Z», um «X», um «Y», à sua conta... Dentre esses mas cuja actividade era também a escrita lá aparece uma ou outra obra denunciadora. E assim temos o fortíssimo «Concerto das Buzinas», de um Virgílio Martinho que consegue a proeza de parecer não estar «lá». Da vida na cela é o mais anónimo dos narradores. Só assim terá tido coragem para nos transmitir essa sua experiência do inferno. Borges Coelho conta por alto, em «Fortaleza», qualquer coisa que me foi quase insustentável ouvir-lhe certa noite, noite dentro, há anos, em casa de conhecidos. No canto de uma marquise, de pé, balouçando o corpo falou, falou (il y a des choses qu'on ne dit que lorsque'il est très tard), canta o Reggianni) evocando alguns dos «jogos» que inventava para não endoidecer enquanto esteve preso dez anos, oito sem nunca ver o céu. Agora leio em «Fortaleza» uma mínima parcela disso tudo escondida nas dobras da literatura, passada já a segundo grau.)

Avivando pois a memória: José Gomes Ferreira: «Revolução Necessária» (e a propósito dos da mesa ao lado referidos no artigo anterior, com que vitalidade nos dá ele a ver por dentro os cafés, as tertúlias oposicionistas de que era um dos «frequentadores ardentes» e onde, por exemplo, no Café Portugal, nos anos 40, «das no-

ve da manhã às cinco da tarde desfilavam como uma espécie de cortejo sentado personalidades das mais diversas tendências ideológicas para ouvir contar em primeira mão os horrores ambientes»; Casimiro de Brito: «Um certo país ao Sul» — uma forma de amor por este País que só poderia formular-se assim depois de Abril...; «Corpo Sitiado», de que haviam sido publicados poemas amputados, e só agora na integra; Maria Velho da Costa; «Cravos»; José Saramago: «O ano de 1993»; Virgílio Martinho: «O Concerto das Buzinas» — tão diferente, mas, à semelhança de «Retornar», de Modesto Navarro, tão intenso e recortado, prontos ambos para as mãos de um cineasta. Onde estão eles? Venham depressa, realizadores do meu País! Armando Silva Carvalho: «O uso e o abuso»; Borges Coelho: «A Floresta de Bremerhaven» — um modo poético e real (quanto mais real mais poético...) de tratar o tema da emigração, felizmente reconhecido pela Academia das Ciências, que o premiou; Pedro Alvim: «O Cosmonauta»; Fiamma Hasse Pais Brandão: «Novas visões do Passado» («o campesinato e o operariado têm necessidades essenciais escassas num mundo tão vasto (...) o campesinato e o operariado não exigiram ainda (...) o conhecimento, o prazer do conhecimento, o prazer do prazer»); Fernando Assis Pacheco: «Catalabanza, Quilolo e volta», onde se inclui esse extraordinário «câu-Kiên», publicado em 1972 numa edição de 500 exemplares só para os amigos, e mesmo assim em «código». Agora, já decifrado, os nomes vietnamitas retomam a versão portuguesa e verdadeira. Jorge de Sena: «Os Grão-Capitães», este, enfim, declaradamente retirado da gaveta. Não vos seria ele só por si matéria suficiente?

Mas, gavetas, em tempos de opressão e repressão, mais do que háve-las na mesa dos escritores repletas de folhas amordaçadas, gavetas são-nos sobretudo eles, que vão em si arrecadando (depois linha, entrelinha, linha), a indignação, a resistência, a esperança. Acabando afinal por «transformar em consciência» (sua e dos outros) «toda a experiência» que puderem. — Que é o que melhor pode dar sentido a uma vida, como disse quem isto disse.

ANTIMARXISMO NA MAURÍCIA

O governador-geral da ilha Maurícia pronunciou, no dia 28 de Dezembro, o tradicional «discurso do trono» num dos últimos países da Commonwealth que ainda praticam uma democracia decalcada do modelo britânico. Oito dias antes as eleições gerais haviam levado a oposição de esquerda ao limiar do poder.

Se sir Seewoosagur Ramgoolam, primeiro-ministro do último Governo pode conservar o cargo, por uma margem mínima, deve-o ao apoio do seu antigo aliado, que depois seria um adversário intratável. Gaétan Duval. As duas formações, hoje reconciliadas, foram duramente experimentadas e já não dispõem senão de duas vozes de maioria. Nestas condições concebe-se que

Duval, depois de haver anunciado o seu triunfo, no estilo tonitroante que muito aprecia, tenha declarado não se sentir «em alma» de pertencer à nova equipa. Fora batido na sua própria circunscrição.

O Movimento Militante Mauriciano, formação marxista animada por Paul Berenger, há anos que se encontrava nos limites da legalidade. A sua campanha foi feita num estado de emergência que ainda não foi levantado. A consulta várias vezes adiada pelos seus adversários, pretextando razões de «ordem pública», acaba de lhe dar trinta e quatro dos setenta deputados de um Parlamento onde não tinha nenhum representante. Isto mostra a audiência que encontraram, num eleitorado composto por 60 por

cento de jovens de menos de vinte e cinco anos, o seu programa de reformas e o seu slogan de «segunda independência», desta vez económica. O M.M.M. pronunciara-se através de medidas tão «radicais» como a nacionalização de grande número de empresas açucareiras, uma notável planificação e uma reorientação do turismo, cujos excessos especulativos denunciava.

Em lugar de se entender com Berenger e de acompanhar, moderando-as, como o aconselhavam alguns dos seus ministros, reivindicações plenamente justificadas, sir Seewoosagur Ramgoolam, embora à frente de um partido «trabalhista» preferiu aliar-se com Gaétan Duval, cujo populismo de direita, confuso e dema-

gógico, não esconde um conservantismo obstinado. É grande a decepção de Berenger perante aquilo que qualifica de «provocação». Mas, à luz das experiências passadas, e principalmente de numerosos abandonos que afligiram a equipa dirigente do partido mauriciano social-democrata de Duval, as pessoas podem interrogar-se sobre o futuro de uma aliança tão frágil, que dispõe de um tão frágil avanço sobre uma oposição coerente e irritada pelo afastamento em que se encontra.

Claro que a nova coligação é cimentada por um reflexo de medo perante o êxito dos «marxistas». Não tendo renunciado a nenhuma das suas pre-

PUB

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO

O DECRETO LEI 841-B/76

AOS TRABALHADORES BANCÁRIOS

Usando a argumentação que o sistema actual de cobrança de quotas e envio aos respectivos Sindicatos enferma de prática corporativista, paternalismo e de intervenção do patronato na vida sindical, contrário ao princípio de liberdade de sindicalização, o Governo, na sua reunião no Porto, decreta que a cobrança deixe de ser feita pela entidades patronais, através dos mapas que mensalmente enviam aos Sindicatos, para ser executada pelas mesmas associações sindicais. O decreto altera, assim, o art.º 21 da Lei Sindical (Dec.-Lei 215-B/75 de 30/4/75).

Perguntamos: É este o desejo do Governo? Não!...

Através deste decreto-lei o Governo visa «quebrar a espinha» ao Movimento Sindical — disse-o o Secretário de Estado do Trabalho — Dr. Maldonado Gonelha.

Nós dizemos, que além desse desejo, o Governo visa algomais. Analisemos!

- 1 — a) O GOVERNO SABE, que o Movimento Sindical em Portugal está assente, no aspecto económico, nas quotas dos seus associados. **Provocar** a diminuição nas suas receitas, que já de si são exíguas para as tarefas imediatas, **obrigar** a montagem de um sistema de cobrança complexo e dispendioso, é dizemos bem alto, **refrear** a acção sindical na defesa dos interesses dos trabalhadores, é, **colocar** o Movimento Sindical permeável às intromissões estranhas ao seu desenvolvimento, é, **privar** os Sindicatos de **controlar** o cumprimento das Leis do Trabalho e dos contratos de trabalho colectivos que, à falta de uma acção efectiva de fiscalização por parte da Inspecção do Trabalho, vem sendo feita através dos mapas de quotização. No fundo, é, dar de bandeja, à CIP o incumprimento das normas contratuais.
 - b) O GOVERNO que quer combater o Desemprego — demonstra-o a discussão do Plano na Ass. da República — SABE, que com esta medida coloca trabalhadores das associações sindicais em risco de engrossarem os desempregados deste País. Estranha coe-rência...
 - c) O GOVERNO SABE, que a independência do Mov. Sindical, consagrada estatutariamente, passa sobretudo pelo seu reforço económico e que não é com decretos deste teor que o Governo vem dar uma ajuda, antes pelo contrário...
 - d) O GOVERNO SABE, que a cisão sindical em França em 1947, não surgiu por acaso, surgiu efectivamente quando o governo pretendia impor um projecto de recuperação capitalista denominado «Plano de Mauzer» e que só era possível pôr em prática, dividindo o Movimento Sindical. **Quer** o Governo, por coincidência, que a situação em Portugal em 1977 seja idêntica à da França, Inglaterra, Itália, Alemanha, etc....
 - 2 — Esta medida do Governo, contraria frontalmente o espírito da Constituição, por isso consideramo-lo **INCONSTITUCIONAL**.
 - Foi elaborado sem a participação e sem consulta aos trabalhadores (art.º 56 e 57).
 - A matéria em causa (direito de associação «indical») é da competência da Ass. da República. (art.º 167)
 - Representa uma ingerência directa do Estado na organização sindical (art.º 57 n.º 4)
 Quando pensa o Governo ouvir os trabalhadores nos problemas que lhes dizem respeito?
- A DIRECÇÃO, defendendo consequentemente a independência do Movimento Sindical face ao Governo, Patronato, org. religiosas e Partidos Políticos, não pode deixar de ser OPOR frontalmente a mais esta medida anti-sindical do Governo, contrária aos interesses dos trabalhadores e **tendente à liquidação dos Sindicatos, colocando-os vulneráveis ao controlo partidário e governamental.**
- A **IMEDIATA REVOGAÇÃO DESTA DEC-LEI (841-B/76) É A EXIGÊNCIA CORRECTA E DIGNA QUE FAZEMOS.**
- Colega trabalhador bancário, Colega delegado sindical, apelamos para a denúncia imediata ao teu Sindicato de todas as tentativas que visam violar o estabelecido no nosso C.C.T.
- NAO AS LEIS QUE AFECTEM OS INTERESSES DOS TRABALHADORES!**
- REVOGAÇÃO IMEDIATA DO DEC-LEI 841-B/76!**
- PELA INDEPENDÊNCIA DO MOVIMENTO SINDICAL!**
- A DIRECÇÃO

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS DO DISTRITO DO PORTO

A RESOLUÇÃO ANTIOPERARIA

DO CONSELHO DE MINISTROS PROVU QUE
OS TRABALHADORES DA COTESI TINHAM RAZÃO

O Governo decidiu mandar publicar um diploma que diz que apenas os Sindicatos podem cobrar as quotas dos seus associados. Tal resolução se constitui mais uma medida antioperária e mais um favor aos patrões da CIP, prova, no entanto, a justeza da luta dos trabalhadores da COTESI, na defesa intransigente dos seus contratos colectivos de trabalho. Pois, se o decreto-lei anterior obrigasse os trabalhadores a cobrar as quotas, não era preciso a publicação doutro diploma legal. Aiás logo que saiu o decreto em que a administração da COTESI se baseava para retirar direitos contratuais, o Ministério do Trabalho para que não ficassem dúvidas aos trabalhadores sobre a interpretação do decreto-lei enviou o Ofício n.º 28516/RT/76 no qual os serviços centrais do Ministério dizem que as cláusulas dos contratos colectivos de trabalho mantêm a sua vigência.

Os trabalhadores na sua corajosa luta pelo cumprimento dos seus contratos mostraram que não é um Viola qualquer que lhes retira os seus direitos do contrato. Esses direitos só o Governo tem poderes para os retirar, como só agora aconteceu.

Portanto, enquanto esse diploma não for publicado a paralisação da COTESI é da inteira responsabilidade da administração.

Aliás muitos patrões enviaram as quotizações de Dezembro ao Sindicato ao contrário do que diz a administração no seu comunicado.

A administração distribui um comunicado no qual faz ameaças aos trabalhadores tentando meter-lhes um papão.

Só ameaça quem não tem razão. Mas descanse sr. Violas que só trabalhadores da COTESI já não têm medo dos papões criados pelo fascismo.

No tempo do fascismo os patrões faziam as leis e depois não as cumpriam, porque a grande maioria dos sindicatos eram também dos patrões e como tal não os obrigavam a qualquer cumprimento. Hoje os Sindicatos são dos trabalhadores e os patrões têm que cumprir, é claro que isto custa muito aos Violas do nosso país. Hoje os Sindicatos não aceitam ordens dos patrões como desejava a administração.

A administração da COTESI é responsável pela paralisação pois não cumpriu o que estava em vigor.

Com estas medidas antioperárias os patrões da CIP querem partir a espinha ao Movimento Sindical, mas os trabalhadores da COTESI saberão encontrar as formas de fazer chegar o dinheiro das suas quotas aos Sindicatos.

A luta dos trabalhadores da COTESI foi um exemplo de firmeza de consciência e de unidade dos trabalhadores em torno dos seus sindicatos.

O Sindicato Têxtil que desde a primeira hora apoiou a luta, reafirma mais uma vez que hoje como ontem está com os trabalhadores da COTESI.

A luta dos trabalhadores da COTESI tem o apoio e a solidariedade de todos os trabalhadores têxteis como foi demonstrado na última reunião de delegados sindicais na saudação que aprovaram e enviaram.

A Direcção do Sindicato Têxtil do Porto está segura de que na nova situação criada pela resolução do Governo, contraria aos interesses dos trabalhadores, os trabalhadores da COTESI continuarão ao lado dos outros trabalhadores a dar o exemplo, na defesa e fortalecimento da sua organização sindical.

Porto, 7 de Janeiro de 1977

PELA DIRECÇÃO
(ASSINATURA ILEGÍVEL)

Geral

Nota Oficial

M.N.E. corrige "O Dia"

«Numa notícia publicada ontem nas páginas centrais do matutino «O Dia» relativa aos portugueses que se encontram aindaditados na República Popular de Angola, refere-se em dada altura, que o ministro dos Negócios Estrangeiros se recusara a receber os familiares e os advogados daqueles detidos, e invocara «a falta de tempo devido ao intenso trabalho, para fazer diligências no sentido de conseguir a sua libertação» (...).

O Ministério dos Negócios Estrangeiros esclarece que é totalmente falso que o ministro dos Negócios Estrangeiros se tenha recusado a receber os familiares e os advogados dos portu-

gueses detidos na RPA ou tenha invocado a falta de tempo para fazer diligências no sentido de obter a sua libertação.

O MNE esclarece ainda que desde a normalização das relações entre Portugal e a República Popular de Angola tem desenvolvido todos os esforços a fim de obter a libertação dos portugueses que se encontram detidos naquele país.

Finalmente, o MNE lamenta que o jornal «O Dia» tenha publicado mais uma vez uma notícia destituida de qualquer fundamento sem ter procurado informar-se anteriormente sobre a sua veracidade».

CONVERSACÕES SOBRE A RODÉSIA

Não em Genebra, talvez em África

O presidente das conversações sobre a Rodésia, o britânico Ivor Richard, termina hoje em Nairobi a primeira parte da sua viagem africana, efectuando conversações com os responsáveis quenianos, depois de ter sugerido que o recomeço das paralisadas conversações se efectue em África em vez de Genebra.

«Mas não tenho qualquer prova de que o regime minoritário branco da Rodésia ou os dirigentes nacionalistas africanos apoiem o meu parecer» afirmou Ivor aos jornalistas à sua chegada da Tanzânia.

Esta sugestão de Ivor Richard foi feita um dia depois do representante britânico ter expresso dúvidas de que seria possível respeitar a data pre-

vista para o reinício das conversações (17 do corrente), enquanto responsáveis britânicos deixavam entender em Londres que possivelmente a reunião nem sequer se efectuariá novamente, devido à absoluta oposição do dirigente da minoria branca da Rodésia, Ian Smith, ao plano de Richard prevenido a supervisão da Inglaterra ao processo de transição para o Governo de maioria negra.

Nas suas conversações de ontem com Nyerere, Richard obteve também garantias de que uma vez estabelecido um Governo de maioria na Rodésia, «a actividade das forças guerrilheiras negras cessará» informou um porta-voz do Governo tanzaniano.

A década africana de Cuba

Cuba intensificará ainda mais durante o presente ano as suas relações com países do continente africano, dentro de uma linha política externa que converteu África no foco principal das atenções dos governantes de Havana — afirmam observadores qualificados na capital cubana.

A aguardada visita de Fidel Castro a Angola pode suceder durante 1977, enquanto a deslocação de Samora Machel a Cuba é outro dos acontecimentos esperados.

Cuba concedeu sempre a África uma atenção especial, mas foi só na década actual que o continente africano se tornou tão importante para os cubanos como a América Latina — notam os observadores, sublinhando que entre os países com os quais Havana mantém excelentes relações se

contam a República da Guiné, a Guiné-Bissau, a Guiné Equatorial, a Argélia, a Somália, o Congo, São Tomé e Príncipe, a Tanzânia, Moçambique e Angola.

Durante 1976, o ano mais «africano» para Cuba, foram igualmente estreitadas relações com a Nigéria e com a Líbia.

No fim do ano passado, Cuba assinou um acordo comercial com o Egipto que teve a virtude de atenuar tensões entre Havana e o regime de Sadat, motivadas pela ordem de expulsão dada por este a milhares de técnicos soviéticos.

Para os mesmos observadores continua a constituir um mistério o facto de um país como Cuba ter penetrado em África com maior êxito que soviéticos e chineses.

Antimarxismo na Maurícia

Continuação da pág. 3

tensões — justificadas outrora, quando mobilizava mais de 40 por cento do eleitorado — Duval ainda se considera o «árbitro da situação». Mas será mais difícil evocar o estado de excepção para tapar a boca à oposição e ganhar eleitorado. Do mesmo modo, não basta que uma greve endureça para que, a pretexto de «subversão», Berenger seja mandado para a prisão onde já passou vários meses.

A aposta geopolítica de uma subida de esquerda ao poder, na ilha Maurícia era tão

considerável, que a manutenção do primeiro-ministro no seu lugar deve causar um grande alívio nas capitais ocidentais. O M.M.M. criticava violentamente a entrega aos americanos da ilha de Diego Garcia onde estes instalaram uma base importante. Nas proximidades da Madagáscar «socialista», numa zona estratégica «sensível», a Maurícia é muito desejada e uma «volta para a esquerda» não deixaria de ter consequências num momento em que a crise da África Austral se agrava.

©(LE MONDE)

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

Nacional

AMANHÃ NO ALENTEJO

Defende-se Reforma Agrária

O corte do Crédito Agrícola de Emergência a U.C.P.'s do Alentejo, e outras medidas que os trabalhadores consideram lesivas tomadas pelo Governo relativamente à Reforma Agrária, motivaram a jornada de solidariedade que decorrerá amanhã nas unidades colectivas afectadas.

Segundo o comunicado da União dos Sindicatos de Évora, as jornadas programadas para as unidades colectivas atingidas «pelo abuso governamental» significam «a firme disposição da classe operária, dos trabalhadores das mais diversas profissões, em combaterem os inimigos da Reforma Agrária, das nacionalizações, do controlo operário do movimento sindical, os inimigos da liberdade, da democracia e

da independência nacional».

A propósito do que representa o corte de crédito para as unidades colectivas, no documento afirma-se que, «tal como no tempo da ditadura, querem submeter os trabalhadores pela fome e a repressão». Os trabalhadores do campo e da cidade que vão participar na jornada encontram-se na disposição de caso, o Governo não voltar atrás na aplicação dessas medidas «lançar uma campanha de fundos a nível nacional e de denúncias a nível internacional de modo a que os trabalhadores das sete unidades colectivas de produção possam receber os seus salários».

No comunicado da União dos Sindicatos de Évora salienta-se o facto de o Governo, en-

quanto corta o crédito agrícola àqueles que trabalham duramente paga subsídios (retroactivos de Agosto a Dezembro), no distrito de Évora, de mais de mil contos a alguns dos agrários da região que têm enormes dívidas para com a banca e sempre se definiram pelas suas ideais reacções.

Apontam-se alguns nomes entre os quais se destacam Miguel Potes, Nunes Mexia, Francisco Rosado Murteira, Joaquim Alfaiinha, etc. «Todos eles grandes exploradores do povo alentejano e pilares da ditadura fascista», segundo se alega no comunicado.

Agricultores de Beja queixam-se das novas tabelas do azeite

A Liga dos Pequenos e Médios Agricultores de Beja pronunciou-se, através de um comunicado, sobre o recente aumento do preço do azeite. Segundo esta organização, «a tabela de preços para este produto saiu tardiamente (no meio da campanha), quando grande parte dos agricultores tinha entregue as suas produções de azeitona às várias fábricas e similares, aos preços praticados na campanha anterior».

De acordo com o documento da Liga de Beja, quem lucra com esta política são algumas fábricas e os intermediários que, adquirindo a azeitona a preços desactualizados, irão vender o azeite a preços muito mais compensadores e lucrativos. Salienta-se também no comunicado, que em 7 de Setembro passado as Ligas apresentaram ao Governo uma proposta de aumento de preços, em reunião com o Instituto dos

Azeites e Produtos Oleaginosos e a Direcção-Geral do Comércio Alimentar, sugerindo que os preços deviam ser fixados antes do início da campanha.

Com o intuito de tentar atenuar os prejuízos causados por esta determinação do Governo, a Liga dos Pequenos e Médios Agricultores propõe que as fábricas e os intermediários restituam «as diferenças aos agricultores que já venderam as suas produções aos preços antigos».

Portugal negoceia construção de cimenteira no Togo

Na sequência de contactos estabelecidos entre a CIMPOR Cimentos de Portugal, E.P., com uma empresa francesa, está em fase final de negociações a participação de empresas nacionais de diversos sectores, nomeadamente metalomecânico e cerâmico, na montagem de uma fábrica de cimentos no Togo.

O valor dos fornecimentos de bens e serviços nacionais eleva-se a mais de 300.000 contos, abrindo possibilidades futuras à exportação da tecnologia portuguesa e à criação de emprego planificado.

A coordenação e responsabilidade por este empreendimento cabe à CIMPOR, Empresa Pública, cuja intervenção

DESPORTO E VERBAS

Privilégio á vista para modalidades de elite

O director geral dos Desportos, tenente-coronel Rodolfo Begonha revelou ontem o montante dos subsídios a atribuir pela DGD às diversas modalidades desportivas, e bem assim o a orientação geral das actividades do desporto para 1977. O orçamento real representa uma diminuição de cerca de 15 por cento em relação aos 30 mil contos previstos. No tocante à distribuição de verbas pelas diversas modalidades, verificam-se anomalias que assumem proporções evidentes de escândalo.

É o caso exemplar do atletismo, modalidade a que caberão 2.500 contos, em contraste com as verbas de 1.250 e 1.100, atribuídas, por exemplo, a modalidades como a patinagem, a Vela e o Ténis de mesa (vulgo: pingue-pongue).

As proporções escandalosas destas diferenças referem-se aos números, mas assentam, é evidente, na escassa diferença. Na verdade, é estranho que, cabendo somente 2.500 contos a um desporto-base como é o atletismo, as modalidades desportivas consideradas fundamentalmente «elitistas»

(e praticadas por escasso número de portugueses) caiam outras verbas que não andam muito longe daquela.

Outro aspecto gritantemente escandaloso: os 1.500 contos atribuídos a uma modalidade essencial como a ginástica. Ao basquetebol, cabem 2.500 contos, ao adebol, 2.000, ao Voleibol, 2.000, à natação (outro desporto-base) 1.500, ao judo, 1.250, à vela (modalidade praticada por escassas centenas de portugueses), 1.100, ao ciclismo, 1.100, ao remo (em circunstâncias idênticas à vela), 1.100, ao badminton, 1.100, à luta, 1.000, à esgrima 900, ao xadrez, 900, à halterofilia 900, ao hóquei em campo, 850, ao boxe, 400, ao ténis (praticado por quantos em Portugal?), 400, a actividades submarinas, 350, ao tiro, 250, à caça, 250, à pesca, 250.

Segundo Rodolfo Begonha, na definição dos critérios tomaram-se em conta as modalidades prioritárias mas não só: também o crescimento ultimamente registado pelas diversas modalidades a nível de clubes, praticantes e contactos internacionais.

Ano de seca fez descer produção agrícola

Segundo as previsões do Instituto Nacional de Estatística vai haver uma quebra das produções de azeite, vinho, arroz, batata, feijão e milho relativamente ao ano de 1976, devido à seca que durante largos meses se fez sentir.

Espera-se que a colheita de azeitona tenha uma baixa de 18 por cento em relação a 1975 e 29 por cento inferior à do último decénio, com a agravante de o azeite ser de má qualidade.

A produção de vinho calcula-se inferior em 7 por cento à do ano passado e 19 por cento menor que a média do último decénio.

Quanto ao arroz, estima-se a produção em 89 mil toneladas, o que significa um decréscimo de 33,43 por cento relativamente à medida do ano anterior e à do último decénio. No caso da batata aquarda-se

uma produção 835 mil toneladas, o que corresponde a uma descida de 16 por cento em relação ao ano anterior e de 23 por cento em relação à média do último decénio. Para o feijão prevê-se uma produção de 29 mil toneladas, o que representa menos 26 e 42 por cento relativamente às produções do ano anterior e do último decénio. Quanto ao milho, estima-se a produção em 357 mil toneladas, ou seja um decréscimo de 21 e 33 por cento em relação a 1975 e à média do último decénio.

Por outro lado, no respeitante às produções de maçã e de pêra espera-se um aumento da ordem de 10 e 5 por cento, respectivamente, em relação ao ano anterior. No entanto prevê-se que a produção dos citrinos seja inferior em 7 por cento à de 1975 e 26 por cento em relação à média do último decénio.

Secretariado da "República" toma posição

O Secretariado dos Trabalhadores do jornal «República» divulga na próxima segunda-feira a sua posição sobre a decisão do último Conselho de Ministros respeitantes àquele antigo verpetismo.

A decisão mencionada foi a de não conceder indemnização aos trabalhadores do «República», encerrado há mais de um ano.



Um aspecto das destruições na fábrica

Arderam milhares de fatos de banho

«São alguns milhares de contos de prejuízo, abrangendo sobretudo toda a nossa produção de fatos de banho desde Agosto, e a matéria prima, destinada à sua confecção, existente em depósito», revelou ao nosso jornal um informador da fábrica de artigos de vultário feminino, situada na Rua João Saraiva, próximo do cruzamento da Avenida do Brasil com

a Avenida do Rio de Janeiro, no Bairro de Alvalade, que um violento incêndio de origem ainda desconhecida quase destruiu completamente, pelas 17 horas de ontem.

Esta manhã ainda decorriam os trabalhos de rescaldo, levados a cabo por uma brigada do Batalhão de Sapadores Bombeiros.

Venha ver os andares modelo Batimate. Hoje mesmo.

Dinheiro parado... Encolhe!

Compre um andar Batimate.

Dia a dia, o dinheiro vale menos! Dia a dia, um andar Batimate vale mais. É um investimento seguro. É uma construção sólida. Para durar. E tem as melhores facilidades de pagamento.

Entre Nova Oeiras e Sassoeiros, andares com 3, 4 e 5 assoalhadas. Com arrecadação. E alguns com garagem. No melhor sítio. A minutos da estação. E do mar.

BATIMATE - Av. da República, 14-5 - Lisboa
 Tels. 45152/3 e 42042
 Desejo receber informações sobre as construções da Empresa Batimate.

Nome _____
 Morada _____
 Telef. _____

batimate construção a sério

Nacional

P.S.D./P.P.D. reúne

AO CERTO, NO GOVERNO

Conselho Nacional

Reúne-se no próximo dia 22, em Lisboa, o Conselho Nacional do P.S.D./P.P.D. para tratar de assuntos internos ao partido e analisar a situação política portuguesa.

O Conselho Nacional do P.S.D./P.P.D. é constituído pelo presidente e vice-presidente da Mesa do Congresso, servin-

do aquele de presidente, por trinta membros eleitos em Congresso, dez representantes da Juventude Social-Democrata, os membros da Comissão Permanente do Grupo Parlamentar, os presidentes das Comissões Políticas Distritais e cinco representantes do Gabinete de Estudos.

"Ajustamentos" sim, remodelação não

As possibilidades de «ajustamentos» no actual elenco governativo não estão excluídas, muito pelo contrário: apresentam-se como inevitáveis. Aliás, Mário Soares e Manuel Alegre, em recentes declarações, não se pronunciaram contra tal

possibilidade, muito pelo contrário. O que ambos fizeram foi acentuar que as especulações que se vêm tecendo em torno do assunto são altamente prejudiciais e apresentam intenções bem precisas, nomeadamente da parte de órgãos de direita. Soares e Alegre acentuam que «ajustamentos» não significam uma «remodelação de fundo» implicando alterações na estrutura e programa do Governo, caso este que desmentem categoricamente. Acompanhando a posição dos dois dirigentes, o Conselho de Ministros pronunciou-se também numa forte crítica aos «boatos» e «especulações», acentuando os seus intuitos «desestabilizadores».

Quanto à altura em que se poderão processar esses «ajustamentos», parece haver tendência a confirmar-se a hipótese, já formulada pelo «D.L.», de nada se efectivar antes do próximo Congresso Extraordinário do P. S., marcado para fins deste mês no Porto.

Na origem dos «ajustamentos» estará, como causa próxima, a demissão dos ex-titulares das pastas da Agricultura e Pescas e da Indústria e Tecnologia, respectivamente Lopes Cardoso e Walter Rosa (a estas poderá adicionar-se em breve — segundo opinião de um semanário — a do secretário de Estado da Construção Civil, Esteves Pereira, por discordância com o titular da pasta da Habitação, Urbanismo e Construção); como causa, remota pesará, também, e principalmente, a constatação de deficiências do actual Governo, constatação resultante da análise destes meses de governação. É assim que os «ajustamentos» poderão ir além do simples preenchimento (com carácter definitivo, pois com carácter interino ele já se processou) das vagas resultantes das recentes demissões e incluir algumas substituições de actuais membros de Governo, quer pela sua transferência para outros Ministérios, quer

pela sua saída do elenco ministerial.

Quanto à indicação de nomes envolvidos nestas «movimentações governativas» e partidárias, tudo quer, o campo das especulações. De destacar, para já, que o nome de Salgado Zenha, muito tido como possível futuro vice-primeiro-ministro, foi desmentido por Mário Soares, que indicou a sua permanência como chefe do grupo parlamentar P. S.

Finalmente, em termos do próximo Congresso Extraordinário, elementos afectos ao P. S. prevêem uma «reunião calma» e afastam qualquer ligação entre a sua realização e os prováveis «ajustamentos» governativos. Na realidade, porém, embora não haja uma ligação directa e aberta entre as duas coisas, têm-se o Congresso como meio de «sondagem» das bases quanto à eventual «deslocação» de algumas pedras importantes do «xadrez» partidário.

PAGOS À LINHA

O inquérito que temos vindo a fazer ao sector cervejeiro atingiu, pelo menos, um alvo: os homens de Champalimaud sentiram-se directamente atingidos e apareceram a descoberto num dos seus jornais, o novo, a esgrimir com furor contra a reestruturação do sector cervejeiro, medida que permitirá consolidar financeira, económica e tecnicamente este sector, de modo a que nunca, nunca mais, os Vinhas e os Champalimauds nele penetrem e

dele se aproveitem. Daí que se hajam identificados com os «escribas dos Champalimauds e companhia» a que nos temos referido, sem ninguém citar. E pergunta-nos a nós quem a terreiro sai contra a reestruturação, Afonso Manta (ou Nuno Rebocho?)

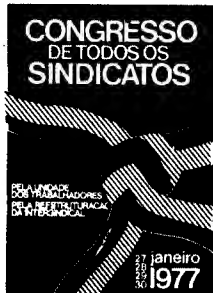
«Quanto ao escriba de serviço do «Diário de Lisboa», apenas queremos lembrar que já foi redactor do «Jornal Novo» melhor do que ninguém saberá se neste jornal se «paga à li-

nha» para defender os interesses dos «Champalimauds e companhia». Calúnia ou uma confissão? A Cândido de Azevedo caberá a resposta».

A resposta é simples. E aqui vai: ao regressar do exílio, trabalhei no «Jornal Novo», e era pago ao mês. Mas já no tempo em que lá trabalhei, como agora, havia quem fosse pago à linha.

J. CÂNDIDO DE AZEVEDO

PUB



A COMISSÃO NACIONAL ORGANIZADORA DO CONGRESSO

CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS

LISTA PROVISÓRIA DOS SINDICATOS INSCRITOS

Nos termos do art.º 11.º do Regulamento do Congresso, torna-se pública, em aditamento à publicação de 28/12/76, a lista dos Sindicatos inscritos até ao momento presente.

1. Distrito de Beja

Sind. Professores da Zona Sul (a) 1 190 trab. 3 deleg.

Distrito de Braga

Sind. Serração de Madeiras de Barcelos 1 200 trab. 3 deleg.

Distrito Castelo Branco

Sind. Panificação 250 trab. 3 deleg.

Distrito Leiria

Sind. Conservas do Centro 950 trab. 3 deleg.

Distrito Lisboa

Sind. Ind. Corticeira 369 trab. 3 deleg.

Sind. Pessoal de Voo

Aviação Civil (a) 1 320 trab. 3 deleg.

Distrito Porto

Sind. Químicos do Norte 16 000 trab. 7 deleg.

Distrito Setúbal

Sind. Conservas 1 540 trab. 3 deleg.

Distrito Viseu

Sind. Panificação Prod. Alimentares 1 089 trab. 3 deleg.

2. Rectificação à lista publicada em 28.12.76 do n.º de trabalhadores e de delegados ao Congresso, após confirmação dos respectivos Sindicatos.

Distrito de Aveiro

Sind. Panificação 1 100 trab. 3 deleg.

Sind. Op. Ind. Calçado

Malase Afins

1 200 trab. 7 deleg.

Distrito Coimbra

Sind. Vestuário

1 570 trab. 3 deleg.

Distrito de Faro

Sind. Metalúrgicos

4 002 trab. 3 deleg.

Distrito de Lisboa

Sind. Fogueiros Mar e Terra

4 000 trab. 3 deleg.

Distrito do Porto

Sind. Tapeçaria e Cordoaria

3 000 trab. 3 deleg.

Sind. Armazéns

15 000 trab. 7 deleg.

3. Nos termos do art.º 12.º torna-se pública a seguinte rectificação aos nomes dos Sindicatos publicados:

— Sindicato dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul

— Sindicato dos Químicos do Centro e Ilhas, e

Moagens do Centro e Sul

— Sindicato Livre Trab. Panificação, Moagens, Massas e Similares do Dist. do Porto.

(a) — Inscrições provisórias

NOTA: Torna-se público que o Sindicato dos Professores da Zona Centro (Distrito de Coimbra) publicado como inscrito provisoriamente na listagem publicada em 28.12.76, retirou posteriormente a sua inscrição.

Igualmente se torna público que a inscrição do Sindicato da Função Pública da Zona Centro é provisória ao contrário do que constava na listagem publicada em 28.12.76.

Total de Sindicatos inscritos até ao momento presente 261

Total de trabalhadores representados 1 735 398

Total de delegados ao Congresso 1 043

Lisboa, 6 de Janeiro de 1977

A COMISSÃO NACIONAL ORGANIZADORA DO CONGRESSO

Costa Brás louva Comissões Administrativas

O gabinete do ministro da Administração Interna, tenente-coronel Costa Brás tornou ontem pública uma nota em que aquele membro do Governo louva a acção da maior parte dos componentes das comissões administrativas das autarquias locais que agora cessaram funções. Segundo a nota, a actividade desenvolvida durante estes dois anos contribuiu «para a frutuosa experiência de vivência democrática, tanto desses elementos como da população em geral».

Ao mesmo tempo, o MAI divulgou um comunicado relacionado com as eleições para as autarquias locais no qual se esclarece o processo seguido em caso de se terem verificado anomalias durante o processo eleitoral. Assim, nas freguesias com mais de 300 eleitores, em que não foi apresentada nenhuma lista concorrente às eleições, será nomeada pelo governador civil uma comissão

administrativa que substituirá, até à realização de novas eleições, no prazo máximo de um ano, a Assembleia e a Junta de Freguesia. Se se tiver verificado a rejeição da lista ou listas apresentadas, o governador civil marcará novas eleições no prazo máximo de 30 dias.

Finalmente e no caso em que as eleições venham a ser declaradas nulas, por se terem cometido irregularidades durante o acto eleitoral, elas serão repetidas na secção ou secções de voto em causa no segundo domingo posterior àquela decisão de anulação.

O MAI informa também os interessados na consulta ou aquisição de documentação referente aos resultados provisórios das eleições que se poderão dirigir ao Secretariado Técnico para Assuntos Políticos Eleitorais, na Praça do Comércio.

Transferência de serviços para Governo dos Açores

Vitor da Cunha Reo, secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro, o secretário regional da Administração Pública do Governo dos Açores e António Simões Torceno, adjunto do ministro da República para os Açores são os nomes indicados por Mário Soares para fazerem parte da comissão que vai estudar e propor as medidas concretas neces-

sárias à transferência dos serviços periféricos dos órgãos de soberania para o Governo da Região Autónoma dos Açores.

Deste modo e segundo uma nota do gabinete do Primeiro-Ministro, se dará cumprimento às disposições sobre a matéria incluída no Estatuto Provisório da Região Autónoma dos Açores.

Actualizados quadros

de oficiais do Exército

Foram introduzidas alterações nos quadros dos oficiais das armas de Infantaria, Artilharia e Cavalaria, com vista a actualizá-los, dado que a sua constituição de base data de 1937 e se torna necessário adaptá-la ao maior enquadramento requerido por um exército moderno.

As alterações, por decreto

do Conselho da Revolução, tiveram em conta a necessidade de o Exército dispôr, nos quadros superiores, de oficiais fisicamente aptos ao desempenho das suas missões. Assim, os quadros de oficiais com acesso a oficial-general são aumentados de 54 tenentes-coronéis e 100 majores.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfina e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

PARIS, 8 — Disfarçada em ataques pessoais, verifica-se neste momento uma ofensiva de direita contra as estruturas da Secretaria de Estado da Emigração SEE (através de artigos no «Dia», ver «DL» de 6.11.76), utilizando a calúnia e as deturpações.

As pessoas visadas nesses artigos, trabalhadores da delegação de Paris da SEE, são os alibis para ser posto em questão o trabalho de apoio sócio-educativo junto da comunidade emigrada.

A delegação de Paris daqui a 15 inicialmente o Secretariado Nacional da Emigração SNE (dirigido em Lisboa por Sáragga Leal) dividia-se em dois sectores, Informação e Social, antes do 25 de Abril.

Salientamos o trabalho de informação que era feito, único meio de esclarecimento legislativo da comunidade portuguesa. Porém, a indefinição política e social deste serviço e os seus limitados meios nunca permitiram que se alargasse o seu campo de intervenção a uma larga camada da população emigrada (in «República» de 28.06.74).

Recordamos, entretanto, uma iniciativa única para uma instituição portuguesa durante aquele período, em que o ex-SNE organizou uma reunião de informação quando do acordo luso-francês sobre segurança social (in «Notícias da Amadora», 26.05 e 2.06.73). Iniciativa tímida, possível graças à dinâmica de alguns animadores, recuperada pela hierarquia de então, o director da Caixa de Trabalhadores Migrantes, os Consules...

Após o 25 de Abril mudou de nome. Deixou de ser um serviço ligado à Presidência do Conselho para ser uma Secretaria de Estado do Ministério do Trabalho.

Os trabalhadores da delegação de Paris elegeram entre si uma Comissão Directiva, que só no II Governo Provisório foi reconhecida pelo então secretário de Estado, Pedro Coelho. Apesar das indefinições

DO S.N.E. à S.E.E. - ELEMENTOS PARA "DOSSIER"

"E é o emigrante que se amola!"

políticas, das querelas partidárias, de algumas pressões pessoais, a delegação de Paris da SEE teve um papel dinamizador e informativo durante o final de 1974 e 1975. Nem sempre apoiados convenientemente pelo Instituto de Emigração, sem segurança de emprego nem estatuto, torpedeados por alguns diplomatas de carreira e alguns chefes de serviço de Lisboa, os trabalhadores da delegação estavam (parecia pelo menos no exterior) unidos e eram coerentes quanto a um projecto de trabalho.

Esta direcção colectiva deu um certo número de passos em falso, em consequência de uma certa morosidade das estruturas da SEE em Lisboa e da pouca atenção que a SEE merecia ao então ministro do Trabalho, Costa Martins.

O PS (Pedro Coelho) sai do Governo em Julho de 75 e o secretário de Estado que se segue é Luís Moita, que não teve ocasião de pôr em prática algumas iniciativas que se nos afiguravam ser mais abertas e dinâmicas quanto à realidade da emigração.

O VI Governo Provisório teve dois secretários de Estado (PPD), Rui Machete e Sérvulo Correia. O primeiro nada fez por uma definição política e de intervenção na emigração, excepto a censura da equipa de Informação (revista «25 de Abril» e programa na TV) e a suspensão do presidente do Instituto de Emigração, Manuel Areias. Isto significa que o pouco que restava de progressista na Secretaria de Estado da Emigração ou foi suspenso ou dificultado na sua acção.

Machete recebeu o caixeiro-viajante de Giscard, Paul Dijoud, seu homólogo em França e, para ambos, a migração foi assunto bem secundário: signi-

ficativo aliás que nem sequer tenha sido publicado um comunicado comum.

UMA ESTRUTURAÇÃO QUE NÃO SE FEZ

Seguiu-se Sérvulo Correia, na esteira de Machete, mas parecendo mais eficaz e interventivo. Tentou desbloquear a discussão do Acordo de Emigração com a França, não dificultando o trabalho preparatório dos técnicos, apesar de ter associado na sua tentativa rápida de mostrar serviço o inspector diplomático Graíha do Vale que, dirigindo a delegação portuguesa à discussão dos acordos, demonstrou só saber «negociar sobre barcos», como afirmava em privado (ver «DL» de 9 e 23.03.76).

Na Alemanha a eficácia de Sérvulo Correia foi «coroada de êxito» para o seu partido ao criar uma estrutura oficial afecta ao PPD. Na realidade, nestes dois anos de corrida a lugares confirmou-se o ditado: «todos, sem excepção, procuraram meter compadres, comparsas e correligionários».

Recordemos que ao terminar o mandato, fez promoções a seu gosto e prolongou a suspensão de Manuel Areias Requite no arbitrio!

Em França teria tentado impor um conselho social para as questões da emigração. Resistências de vária ordem levaram-no a despachar, simplesmente como responsável provisório pela delegação de Paris, o conselheiro cultural junto da Embaixada, Liberto Cruz. Homem há vários anos em França, militante antifascista desde sempre, bem perto da emigração teria sido uma ocasião privilegiada para reestruturar e dinamizar as instituições da Secretaria de Esta-

SOEIRO SARMENTO

do da Emigração em França.

Dificuldades de tempo devido à acumulação de tarefas terão impedido esse trabalho, que só começou a ser preparado em Setembro findo, segundo pudemos apurar. Tardamente sem dúvida, o que reflecte uma ausência de perspectivas de intervenção junto dos emigrantes.

Entretanto, para surpresa da comunidade, o I Governo Constitucional, bem recheado de homens que viveram o exílio e as dificuldades da emigração, escolhe para secretário de Estado da Emigração um desconhecido (também a nível do PS) que desconhece por completo a problemática da emigração, à parte ser de Viseu!

Além disso, o secretário de Estado João Lima, ex-chefe de gabinete de Medeiros Ferreira no VI G.P., parece acumular as funções diplomáticas de receber embaixadores e outros que tais, enquanto as situações apodrecem nas estruturas ligadas à emigração.

E, pois, num contexto de indefinição da política de emigração e do papel das instituições junto da comunidade que são neste momento desferidos ataques contra a estrutura, pouco alicerçada, da Secretaria de Estado da Emigração em França.

Nada nos leva a duvidar que os objectivos coincidem com a má vontade demonstra-

da pelos diplomatas de carreira quanto aos «milicianos» (diplomatas que não são de carreira) e a sede de controlo de tudo o que lhes possa escapar!

Num momento em que se avizinhava uma reestruturação das delegações da Secretaria de Estado da Emigração em França (e do M.N.E.), em que já tinha sido despachado pelos diferentes ministros o nome do futuro conselheiro social (militante P.S., há diversos anos na emigração), em que uma equipa para a Coordenação do Ensino do Português em França aguarda há perto de dois meses e meio para começar a trabalhar, não surpreende esta ofensiva contra responsáveis diplomáticos que não são de carreira, que visa igualmente o embaixador em Paris, Coimbra Martins; homens que dentro da «normalização» que se anuncia não servem os interesses da direita!

Recorde-se a ruidosa reunião que teve lugar na Embaixada em Paris (em Fevereiro passado) com Sérvulo Correia e os Consules em França, onde alguns deles tomaram a ofensiva contra a autonomia das estruturas da Secretaria de Estado da Emigração. Com o inspector diplomático, eminência «grise» do grupo (que considerava ter a «paternidade» das delegações do ex-S.N.E. quando era Consulem Stuttgart-Alema-

nhia), elaboraram mesmo um documento contra essa autonomia.

A publicação pela delegação de Paris da Secretaria de Estado da Emigração de um boletim «Inter-Associações» é sentida como uma falta hierárquica em relação à mentalidade de mandarim que reina no Palácio das necessidades.

Os senhores cônsules, à parte raras excepções, aliviam o enquadramento do emigrante com noutros tempos. Também aqui os emigrantes já perderam as ilusões (ver «O Jornal» de 5.3.76).

As peripécias que levaram à abertura do inquérito sobre a delegação de Paris (a partir de uma carta de três funcionários) são de somenos importância. O que nos parece ser de registar é o apodrecimento de uma situação em que o escalão superior da Secretaria de Estado da Emigração não tomou as medidas políticas que se impunham, estando agora a activar medidas inquisitoriais em consequência da sua incapacidade de actuação. Os trabalhadores agora postos em causa suportam os erros dessa incompetência política e estrutural da Secretaria de Estado da Emigração em Lisboa.

Antes do 25 de Abril o Secretário Nacional da Emigração era uma obra de fachada. Os que tentaram dar outra imagem de Secretaria de Estado perguntam-se hoje: «Também estes só caçam divisas?»

Parecia-nos ser de ressaltar as possibilidades de o primeiro Governo Constitucional poder funcionar. «Uma espécie de colaboração crítica» diziam alguns. Mas, perante os erros nascidos de todas estas manobras, exclamamos como ouvimos há dias:

«O emigrante é que se amola, mas se estivesse organizado...»

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA METALURGICA E METALOMECANICA DO DISTRITO DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINARIA

CONGRESSO DOS SINDICATOS

Camaradas:

O patronato reaccionário está empenhado numa forte campanha contra o movimento operário e popular, contra as organizações de trabalhadores e contra o Movimento Sindical.

Nesta ofensiva o patronato reaccionário tem-se apoiado em sucessivas cedências do Governo às suas exigências, de que é bem exemplo as recentes medidas sobre quotizações sindicais. Visa-se a liquidação do Movimento Sindical, retirando-lhes os meios financeiros necessários à sua acção pela defesa dos interesses dos trabalhadores.

Nesta situação assume particular importância a realização do Congresso dos Sindicatos. O Congresso deverá constituir uma demonstração de firmeza e unidade dos trabalhadores. Só assim poderão enfrentar com êxito as duras lutas em que estão empenhados.

A tua presença é necessária! A tua participação activa é fundamental!

CONVOCATORIA

Assim, ao abrigo da alínea a) do n.º 1 do Art.º 33.º dos Estatutos, convoco uma Assembleia Geral Extraordinária a realizar no próximo dia 18 do corrente mês de Janeiro, pelas 20.30 horas, na Sociedade de Instrução e Beneficência Voz do Operário, sita na Rua Voz do Operário n.º 13 — Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

PONTO ÚNICO:

Discussão e votação das propostas-síntese de alteração da Lei Sindical, Estatutos e Programa de Acção da Central Sindical Única dos Trabalhadores Portugueses, apresentada pela CNOC, em alternativa com propostas recebidas e não contempladas naquelas.

— PELO CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS!

— PELA REESTRUTURAÇÃO DA INTERSINDICAL NACIONAL!

Lisboa, 7 de Janeiro de 1977

P'lo Presidente da Mesa da Assembleia Geral
António Joaquim Catarino David Carvalho



UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA

RUA VICTOR CORDON, 1, 2.º * TEL. 36 52 86/7

LISBOA-2

Aos Delegados Sindicais
As Comissões de Trabalhadores do Distrito de Lisboa
PLENÁRIO SOBRE LEGISLAÇÃO DE TRABALHO

15 Janeiro — 10 horas
Voz do Operário

TEMAS

- Revogação do Dec.º 1 de 530/76
 - Controlo Operário
 - Contratação Colectiva
 - Direito à greve
 - Empresas em autogestão e cooperativas
- (Leis a discutir brevemente na Assembleia da República)

NOTA 1 — Foram convidados a participar os grupos Parlamentares do Partido Socialista e do Partido Comunista para um melhor aprofundamento das matérias e permitir aos deputados um contacto directo e amplo com representantes eleitos dos trabalhadores;

NOTA 2 — É necessário aos participantes a apresentação de cartão ou credencial comprovativo da sua qualidade — dirigente sindical, delegado sindical ou membro de comissão de trabalhadores

Secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa
Secretariado da Cintura Industrial de Lisboa
Secretariado das empresas Intervencionadas
Secretariado das Empresas em Auto-Gestão e Cooperativas
Sindicato dos Rodoviários de Lisboa
Sindicato dos Transportes Colectivos de Lisboa
Sindicato da Ind. Farmacêutica
Sindicato dos Ferrovieiros do Centro
Sindicato Ind. Hoteleira do Sul
Sindicato Metalúrgicos de Lisboa
Sindicato Ind. Açucareira
Sindicato Celulose
Sindicato Cerâmica de Lisboa
Sindicato Electricistas do Sul
Sindicato dos Químicos do Sul
Sindicato dos Vidreiros
Sindicato Telecomunicações
Sindicato Madeiras de Lisboa
Sindicato Sector Telecomunicações do CTT
Sindicato Trab. Função Pública

PUB

CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL

ACTIVIDADES GRÁFICAS,

CARTONAGENS E AFINS

Convocam-se todos os trabalhadores abrangidos por este Contrato para o plenário que se efectua no próximo dia 10 do corrente, pelas 21 horas, na Voz do Operário, sita na Rua da Voz do Operário — Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

- Análise e deliberação sobre as formas de luta a adoptar em defesa do C. C. T. Vertical.
- Sindicato dos Trabalhadores na Imprensa
- Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Calçado, Artigos de Pele, Malas, Correia e Similares do Centro e Sul de Portugal
- Federação dos Transportes Rodoviários
- Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos
- Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa
- Sindicato Nacional dos Cobradores e Profissões Similares
- Sindicato dos Trabalhadores Técnicos de Vendas
- Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Distrito de Lisboa
- Federação das Indústrias Celulose, Papel, Cartonagem e Afins
- Sindicato dos Electricistas do Sul
- Sindicato dos Telefonistas e Ofícios Correlativos do Distrito de Lisboa
- Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes
- Sindicato dos Trabalhadores de Garagens, Postos de Abastecimento, Transportes e Ofícios Correlativos Centro e Sul.
- Sindicato dos Trabalhadores de Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza e Actividades Similares.
- Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes

PUB

SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS DO SUL

INDÚSTRIA QUÍMICA E SIMILARES

Convocam-se os colegas que trabalham nas Indústrias de Tintas e Vernizes, Produtos Químicos, Borracha, Colas, Apostos e Produtos Similares, Cosméticos, Óleos essenciais, Produtos de Conservação e Limpeza, Margarinas e Óleos Vegetais, Sabões e Detergentes, Plásticos e Produtos Resinosos, com a excepção do Sector Petroquímico, CUF, Nitratos de Portugal e Petroquímica, para uma reunião no próximo dia 13 de Janeiro de 1977, 5.ª feira, pelas 21.00 horas, na sede do nosso Sindicato, na qual será analisada a situação da contratação.

A DIRECÇÃO

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SEGUROS DO SUL

ASSEMBLEIAS GERAIS EXTRAORDINÁRIAS

CONVOCATÓRIA

Em relação à convocatória anteriormente divulgada neste mesmo jornal esclarecem-se todos os trabalhadores de Seguros de que a ordem de trabalhos para as Assembleias Gerais marcadas será, mais precisamente, a seguinte:

Ponto Único: C. C. T.

- a) Discussão e aprovação do Anteprojecto do C.C.T. na Generalidade;
- b) Discussão e aprovação do Anteprojecto do C.C.T. na Especialidade.

Lisboa, 7 de Janeiro de 1977

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Fernando Manuel Leite Alves

Trabalho

Trabalhadores não aceitam decreto sobre as "intervencionadas"

Em recente comunicado, o Secretariado das Comissões de Trabalhadores das Empresas com Intervenção do Estado toma posição contra o Decreto-

Lei 907/76, documento no qual se estipulou o prazo de 15 dias para as empresas darem «respostas muito concretas sobre assuntos que envolvem grandes responsabilidades», respostas das quais dependerá, necessariamente, a continuidade ou termo da própria intervenção.

O Secretariado insurge-se contra a escassez do prazo (recordando a propósito que o Governo demorou três meses a elaborar o decreto) e contra o facto de ter sido entregue às comissões administrativas a responsabilidade da elaboração dos relatórios, «o que significa o afastamento puro e simples dos trabalhadores e das suas organizações em matérias que lhes dizem directamente respeito e onde podem ser colocados em perigo os

seus postos de trabalho e o seu salário». Neste particular, o comunicado adianta que «muitas comissões administrativas não são da confiança dos trabalhadores, que outras nem sequer estão completas e que alguns elementos não possuem a competência necessária. Mais gravoso e parcial se torna o Decreto 907/76 continua o comunicado — por permitir a consulta aos antigos detentores do capital privado».

Depois de considerar o diploma em causa ferido de inconstitucionalidade orgânica, o Secretariado adverte: «O Governo, com tais medidas, mais do que pôr em risco a sua própria existência, perante a ameaça da reacção e da direita, põe em causa a democracia e a confiança de dezenas de milhares de trabalhadores

das intervencionadas», quando eles foram e são muitas vezes o exemplo vivo daqueles que, através do combate ao boicote e sabotagem patronal, defenderam e defendem a nossa economia nacional e o processo democrático. Numa reacção patriótica e de independência nacional denunciar, à de divisas para o estrangeiro e o consciente estrangulamento económico por parte das multinacionais.

Concluindo, o Secretariado declara que, «valendo-se do texto constitucional, não aceita o decreto-lei em causa», apelando para que todos os trabalhadores, as organizações sindicais e as instâncias do Poder «tomem posições que façam recuar o Governo na sua política antioperária e de recuperação capitalista».

HOTEL BAIA DE CASCAIS

Um êxito da autogestão

Realizou-se ontem, no hotel Baia de Cascais, a inauguração da 1.ª fase da reconversão daquela unidade hoteleira feita pelos trabalhadores em autogestão. Presentes, para além de trabalhadores cujas empresas se encontram igualmente a ser geridas pelos próprios, o presidente da Câmara Municipal de Cascais, eng.º António Alberto Gonçalves Ferreira, Palma Inácio e outros representantes do Ministério do Trabalho.

Interrogado acerca dos resultados obtidos pelos trabalhadores daquela empresa o presidente da CMC afirmou «serem os resultados até hoje alcançados de suma importância, dispondo-se a Câmara de Cascais a ajudar os trabalhadores do hotel Baia o máximo possível na via empreendida».

Palma Inácio, por seu lado, considerou como um êxito a experiência realizada, acentuando o facto da autogestão ser um dos alicerces do socialismo. «Os trabalhadores do hotel Baia — sublinhou ainda — podem ser um exemplo a apontar a todos aqueles que querem transformar num sentido mais justo a sociedade portuguesa».

Lembre-se que o hotel Baia entrou em autogestão a 9 de Junho de 1975 caracterizando-se nessa altura a situação financeira da empresa por um passivo de 2230 contos de prejuízo e 3900 contos de dívidas. Hoje, os resultados da exploração apontam para um lucro total de 8200 contos e para uma soma de 5000 contos de dinheiro na caixa. Por outro lado, os trabalhadores estão a investir cerca de 700 contos em obras de remodelação tendo já assegurada até fins deste ano a plena operacionalidade do hotel.

Paralisação na "Firestone"

Os trabalhadores da Firestone Portuguesa vão paralisar na próxima terça-feira, a fim de a administração da empresa reintegrar seis trabalhadores que despediu arbitrariamente no dia 16 do mês passado.

Tanto os sindicatos de que esses trabalhadores são sócios como o Ministério do Trabalho diligenciaram já junto à administração no sentido de os trabalhadores serem reintegrados, mas a situação mantém-se. No caso de os seis despedidos não serem readmitidos até ao dia 14, os trabalhadores reunir-se-ão em plenário nesse mesmo dia, às 16 horas, para decidirem como prosseguir a luta.

«Em resultado do seu esforço, e apesar das dificuldades, os trabalhadores conseguiram, em muitos casos, resultados superiores aos alcançados pelos patrões, quando eram eles a gerir. Não só a produção, de um modo geral, aumentou, como ainda se alargaram os postos de trabalho, numa média de 5 ou 6 trabalhadores por unidade». Estas palavras constam de um breve balanço, feito aos jornalistas, da actividade de 11 cooperativas operárias de produção, duas empresas intervencionadas e 5 empresas em autogestão da região Centro e foram proferidas por um elemento da União dos Sindicatos de Coimbra, durante a conferência de imprensa que se seguiu a um Encontro de Trabalhadores convocado pela USC e pelo Secretariado das Empresas em Autogestão e Cooperativas para «análise da situação social das empresas». Conforme adiantou aquele dirigente sindical, houve casos em que os postos de trabalho aumentaram em cem por cento: exemplos da «Nova Lusa» e da «Sovicentro».

Entre as dificuldades que se deparam aos trabalhadores que enveredaram por formas socialistas de produção, foram referidas as que são postas pela Banca e as que são criadas por antigos patrões, que exercem pressão sobre os credores e sobre os clientes. Conforme foi sublinhado, «o que é grave é que a Banca nacionalizada entre também neste processo de travão ao nosso desenvolvimento».

Quanto aos patrões, sobretudo desde que se aperceberam da capa dada pelo Governo a formas de recuperação capitalista, alguns deles empenharam-se em voltar à posse das empresas que, ou abandonaram ou, inclusivamente cedem aos trabalhadores. Por vezes, têm procedido a acções de intimidação e mesmo a ac-

tos de violência, como na «Cooperativa 18 de Março», em Agueda. Ainda quando a este ponto, foi citado o que aconteceu recentemente com a «Cooperativa Ré-Maior», cuja antiga proprietária levantou os 300 contos de subsídio concedido pela Direcção-Geral do Ensino Superior. Os trabalhadores moveram-lhe uma acção judicial, que esta em curso.

Foi deliberado no Encontro elaborar um documento descritivo destes e de muitos outros casos, a enviar aos grupos parlamentares do P.S. e do P.C.P. e ao representante da U.D.P., ao Presidente da República e ao Conselho da Revolução.

Outro ponto em análise foi a recente nota oficiosa do Ministério do Trabalho que, afirmando dar cumprimento ao disposto nos artigos 56.º e 58.º da Constituição sobre a participação dos trabalhadores na elaboração das leis que lhe dizem respeito directamente,

abre um período de 15 dias para consulta sobre três diplomas legais de fundamental importância para o futuro das empresas em autogestão. Ficou decidido dar uma resposta colectiva à nota oficiosa, tendo sido acentuado que, ainda durante a vigência do VI Governo Provisório, foi entregue um projecto de decreto-lei elaborado pelos organismos representativos dos trabalhadores visados, documento no qual os pontos de vista que o Ministério agora se propõe recolher em duas semanas estão já claramente expressos.

Os participantes no Encontro realizado em Coimbra manifestaram-se finalmente pela necessidade e urgência da criação de organismos de ligação económica entre cooperativas, empresas em autogestão e intervencionadas, por ramos de actividade e a nível regional.

CONGRESSO DOS SINDICATOS

Aumenta o número de inscrições

Ascende a 261 o número de sindicatos inscritos no Congresso de Todos os Sindicatos, representantes de 1 785 238 trabalhadores sindicalizados, ou seja mais de 75 por cento dos trabalhadores sindicalizados portugueses.

Esta semana, a CNOC registou a inscrição de mais oito associações (número já incluído nos 261): Sindicato dos Professores da Zona Sul (provisória), da Serração de Madeiras de Barcelos, da Panificação de Castelo Branco, das Conservas do Centro, da Indústria Corticeira de Lisboa, do Pessoal de Voo da Aviação Civil (provisória), dos Químicos do Norte, das Conservas de Setúbal e da Panificação e Produtos Alimentares de Viseu, tendo anulado a inscrição provisória o Sindicato dos Professores da Zona Centro.

Entretanto e contrariando informações divulgadas por forças reacţionárias sobre a sobrevivência da Intersindical, filiaram-se na central sindical durante o ano que terminou mais de 30 associações sindicais.

Relativamente ao Congresso de Todos os Sindicatos, marcado para o fim deste mês, estão a decorrer plenários preparatórios a nível de todo o País. Estão já concluídos os documentos de divulgação dos projectos de lei sindical e de programa de acção da Confederação Geral dos Sindicatos Portugueses, devendo ficar concluído esta semana o documento sobre os estatutos da central. Estes documentos serão em princípio distribuídos pelos sindicatos na próxima semana, a fim de os trabalhadores os debatam uma vez mais.

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecção

Av. João XXIII, 100 - B.º 1.º - Tel. 55 11 11 11

Trabalho

QUOTIZAÇÕES

Interpretação da lei
foi feita pela CIP

Ao aprovar, na sua última reunião, um diploma no qual expressamente se determina que apenas as associações sindicais podem propor a cobrança das quotas dos trabalhadores sindicais, obrigação que até aqui competia aos patrões e empresas, o Governo fez aquilo que a CIP queria. E o que a CIP quer é quebrar a espinha ao movimento sindical, estrangulando-o economicamente.

A própria confederação dos grandes patrões se encarrega de provar que o Governo se apressou a seguir a sua interpretação das emendas introduzidas pelo Dec.-Lei 841-B/76 ao Dec.-Lei 215-B/75. Com efeito, em circular dirigida recentemente às associações patronais, já a CIP entendia aquilo que o Governo decidiu entender na sua reunião de anteontem que «deixou, pois de incumbir às entidades patronais a cobrança e posterior remessa aos sindicatos das quotas dos trabalhadores sindicalizados, ao mesmo tempo que se retirou às convenções colectivas a possibilidade de disporem diferentemente sobre o assunto. O sublinhado é nosso». Prova-se que a «imperatividade» do Dec.-Lei foi definida pela CIP antes de o ter sido pelo Governo, que assim perdeu uma excelente oportunidade de se pôr ao

lado dos trabalhadores, demarcando-se do grande patronato.

Que foi a pressão directa dos grandes patrões que o Governo «deu a volta» à sua própria intervenção da lei, a circular da CIP o prova também. Basta transcrever, do elucidativo documentto, passagens como estas: «Tem-se conhecimento no entanto de que os serviços do Ministério do Trabalho enviaram uma instrução escrita a algumas delegações distritais, onde se defende a estranha tese de que, no tocante aos contratos colectivos existentes se mantêm em vigor as cláusulas acordadas sobre a matéria. Assim, o Decreto-Lei n.º 841-B/76 não prevaleceria sobre as cláusulas convencionais que já estivessem em vigor. (...) Em face da referida interpretação do Ministério do Trabalho, que a CIP considera como incorrecta, e em face da importância do assunto, solicitou-se ao Conselho de Ministros que procedesse à interpretação autêntica do diploma legal em causa».

Poucos dias passados e atente-se nos feriados que houve de permissão, aí estava o Governo a emendar a mão ao Ministério do Trabalho e a interpretar «autenticamente» como a CIP queria...

A.T.

INTERSINDICAL:

Patrões continuam obrigados

«Lutaremos em massa para impedir a entrada em vigor de mais esta medida e defender a liberdade sindical» — afirma um «aviso» do Secretariado da Intersindical Nacional dirigido a todas as organizações sindicais, todas as comissões de trabalhadores, e aos trabalhadores em geral. A medida em causa é o diploma anunciado pelo Governo «que altera mais uma vez o sistema de quotização sindical, não hesitando mesmo em revogar convenções colectivas, livremente celebradas, que obrigam as entidades patronais a proceder à respectiva cobrança em relação aos trabalhadores sindicalizados».

Depois de sublinhar que «mais uma vez o Governo utilizou o processo de anun-

ciar publicamente esta medida como facto consumado, para tentar frustrar o funcionamento dos mecanismos constitucionais e permitir ao patronato pô-la imediatamente em prática», a Intersindical torna clara a sua posição: «Condenamos tal diploma e vamos opor-nos com determinação à sua promulgação e entrada em vigor. Enquanto ele não for promulgado e publicado — sublinha a Inter, — não está em vigor e os contratos colectivos são para cumprir como até agora. Informam-se pois todos os trabalhadores e as suas organizações de classe que o patronato e as empresas continuam obrigadas a proceder à cobrança e remessa da quotização para os sindicatos».

"Cotesi" continua parada

Continua paralisada a «Cotesi», de Vila Nova de Gaia, apesar de ter sido tentada ontem à tarde, na delegação do M. T. do Porto, uma solução para o conflito que se arrasta desde segunda-feira por causa da quotização sindical.

Com efeito, nenhuma das propostas pela comissão sindical da empresa foi aceite pela administração, durante a reunião que contou com a presença de vários dirigentes sindicais. Numa das propostas, a C. S. exigia a continuação da cobrança e envio das quotas para os sindicatos conforme o vinha fazendo a administração, e o pagamento integral dos dias de paralisação (que é da inteira responsabilidade da administração). Na outra proposta era pedida a administração o destacamento de um funcionário dos escritórios ou de outro sector para proceder à cobrança da quotização.

Face ao malogro da reunião, a comissão sindical voltou a pôr a questão aos trabalhadores, ontem à noite e esta manhã, tendo ficado decidido continuar a luta até à resolução do problema. Entretanto, a administração emitiu um comunicado responsabilizando os trabalhadores e os sindicatos pela situação criada e frisando que não pagaria o tempo de greve.

Função Pública já ganha mais

— AUMENTOS BENEFICIAM AS LETRAS SUPERIORES

Está a suscitar reacções francamente críticas nos meios sindicais da função pública a publicação da nova tabela de vencimentos para os trabalhadores do sector, que consagra um aumento de quinze por cento para todas as categorias profissionais, em contraste com a proposta dos sindicatos, que previa um aumento de dois mil escudos para todas as letras.

Os sindicatos manifestarão a sua oposição a esta medida do Governo na próxima segunda-feira, junto do Primeiro-Ministro e do Ministério da Administração Interna, enquanto nos locais de trabalho continuarão a decorrer reuniões sectoriais de trabalhadores destinadas a analisar e dar parecer sobre a actualização decidida e o aumento proposto mas rejeitado.

Os aumentos decretados pelo Governo, que entrarão em vigor no primeiro dia do ano, situam-se ao nível dos 15 por cento, incluindo os vencimentos dos aprendizes e praticantes com vinte anos ou mais. O salário mínimo agora fixado (letra V) é de 4.500 escudos, ao mesmo nível, portanto, do trabalhador indiferenciado rural.

Da aplicação daquela taxa resultam acréscimos que vão de 500 escudos, para a categoria mais baixa, a 2.900 escudos, para a superior. Este critério tem sido contestado pelos três sindicatos da Função Pública, pois vem acentuar as

LETRAS	TABELA ACTUAL	TABELA ANTERIOR	DIFERENÇA
A	21 800\$00	18 900\$00	2 900\$00
B	19 800\$00	17 200\$00	2 600\$00
C	17 900\$00	15 500\$00	2 400\$00
D	16 000\$00	13 900\$00	2 100\$00
E	14 900\$00	12 900\$00	2 000\$00
F	13 800\$00	12 000\$00	1 800\$00
G	12 700\$00	11 000\$00	1 700\$00
H	11 800\$00	10 200\$00	1 600\$00
I	10 900\$00	9 400\$00	1 500\$00
J	10 100\$00	8 700\$00	1 400\$00
K	9 200\$00	8 000\$00	1 200\$00
L	9 000\$00	7 800\$00	1 200\$00
M	8 300\$00	7 200\$00	1 100\$00
N	8 100\$00	7 000\$00	1 100\$00
O	7 800\$00	6 700\$00	1 100\$00
P	7 400\$00	6 400\$00	1 000\$00
Q	7 100\$00	6 100\$00	1 000\$00
R	6 700\$00	5 800\$00	900\$00
S	6 400\$00	5 500\$00	900\$00
T	6 000\$00	5 200\$00	800\$00
U	5 800\$00	5 000\$00	800\$00
V	4 500\$00	4 000\$00	500\$00

desigualdades salariais já existentes, alargando o leque de remunerações anterior. De acordo com números divulgados pelos sindicatos, cerca de 60 por cento dos 280 mil trabalhadores do sector terão aumentos inferiores ou iguais a mil escudos, enquanto as categorias superiores beneficiarão de aumentos muito maiores.

Entretanto, o Governo, no preâmbulo do diploma que

consagra a nova tabela, anuncia estarem em curso «os estudos preparatórios para a reestruturação das carreiras, que, em colaboração com as organizações sindicais da função pública, se deseja concretizar no decurso do próximo ano». Entende o Governo que «as novas carreiras deverão ser adaptadas a uma gestão de pessoal eficiente e uniforme, dentro delas se procurando uma

correspondência integral às funções efectivamente exercidas».

A reclassificação dos trabalhadores tem sido um dos problemas mais insistentemente focados pelos sindicatos, pois dela depende a efectiva correcção das desigualdades existentes na função pública.

ACTUALIZADAS
AS PENSÕES DO
FUNCIONALISMO
PÚBLICO

Com efeitos retroactivos a 1 de Dezembro do ano findo, foram aumentadas as pensões mensais de aposentação, reforma ou invalidez inferiores a 12 mil escudos e as pensões de sobrevivência inferiores a seis mil escudos dos funcionários públicos.

Trata-se de «uma primeira medida, a que se seguirão outras já programadas, com o objectivo de ocorrer à progressiva correcção das distorções existentes quanto a pensões», segundo afirma o Governo, no preâmbulo do diploma que consagra as alterações (Decreto-Lei n.º 922/76, de 31 de Dezembro, agora publicado em 3.º suplemento ao Diário da República daquela data).

Assim, as pensões mensais de aposentação, de reforma ou de invalidez, com encargo total ou parcial do Estado, beneficiam das seguintes alterações: até cinco mil escudos: aumento de 700 escudos; de cinco a oito mil escudos: aumento de 550 escudos ou do necessário para atingirem o mínimo de 5700 escudos;

de oito a doze mil escudos: aumento de 400 escudos, ou do necessário para atingirem o mínimo de 8 500 ou o máximo de 12 000 escudos.

Este sistema que mantém inalteradas as pensões superiores a doze contos aplica-se também às pensões a cargo do Ministério das Finanças (com algumas excepções), bem como as «pensões de sangue que constituíam encargo das ex-colónias portuguesas».

Quanto às pensões de sobrevivência (calculadas no regime do Estatuto das Pensões de Sobrevivência, ou de acordo com o disposto no Decreto-Lei n.º 52/75), beneficiam das seguintes alterações:

até 2500 escudos: aumento de 350 escudos; de dois a quatro contos: aumento de 275 escudos, ou do necessário para atingirem o mínimo de 2850 escudos.

de quatro a seis mil escudos: aumento de 200 escudos, ou do necessário para atingirem o mínimo de 4275 escudos, ou o máximo de seis contos (acima deste valor, as pensões mantêm-se ao nível actual).

As restantes pensões de sobrevivência já atribuídas ou a atribuir são aumentadas de 25 por cento ou do necessário para atingirem, «sem excepção», o mínimo de 1350 escudos.

O diploma estabelece, ainda, que as pensões pagas através da Caixa Geral de Aposentações ou do Montepio dos Servidores do Estado, em cujo encargo o Estado não participa, podem ser actualizadas de acordo com as alterações agora introduzidas, mediante decisões das entidades competentes.

PÃO DE AÇÚCAR

Investidores brasileiros
já não são proprietários

A Comissão Coordenadora dos Trabalhadores dos Supermercados Integrados e Empresas Associadas do «Pão de Açúcar» manifestam em comunicado agora publicado a sua «surpresa e indignação» pelo facto de o Primeiro-Ministro, durante a sua recente viagem ao Brasil ter dado garantias a Valentim Dinis de uma rápida solução do caso do «Pão de Açúcar», no sentido de lhe serem rapidamente devolvidas as suas lojas.

No documento afirma-se que os trabalhadores «desconhecem completamente que tipo de solução está a ser negociada, nem tão-pouco foram consultados sobre essa mesma negociação» e que tal significa falta de respeito pelo «espírito da Constituição que consagra o direito inalienável de os trabalhadores serem ouvidos sobre o futuro das empresas em que trabalham».

Por outro lado, a Comissão Coordenadora destes estabelecimentos recordando que muitas pessoas acham natural «que os capitalistas queiram reaver aquilo que é deles», contraria esta designação «deles», demonstrando que à «data de intervenção do Estado a empresa estava tecnicamente falida, pelo que os patrões brasileiros já tinham perdido todos os seus direitos».

Além disso, tendo perdido todos os seus direitos, «os ex-patrões brasileiros ainda deviam (e continuam a dever) à empresa, mais de 50 mil contos» e de acordo com o documento, apenas o Estado português tem, de facto, capitais investidos nos supermercados

«Pão de Açúcar», quer pela participação directa no capital (mais de 45 por cento era da C.U.F.), quer pelos empréstimos da banca».

NÚMEROS

Entrando nos números, o documento da Comissão Coordenadora dos Trabalhadores do «Pão de Açúcar», lembra que o capital social daquela cadeia de supermercados era de 80 mil contos repartidos pelo Pão de Açúcar do Brasil com 45,78 por cento, pelo Grupo C.U.F. com 45,45 por cento, por João Flores com 4,66 por cento, acções próprias em carteira 4 por cento e 0,01 por cento de diversos.

A data da intervenção do Estado, em 7 de Abril de 1975, havia que juntar ao capital social 2500 contos de reserva legal e 31.500 contos de outras reservas, perfazendo portanto 114 mil contos.

Porém, os prejuízos acumulados nessa data eram de 94.435 contos referentes a 1974, mais vinte mil contos referentes aos três primeiros meses de 1975, o que soma 114.435 contos, ultrapassando o valor do capital.

Para além disso, o Pão de Açúcar do Brasil devia à SUPA mais de 57 mil contos dos quais 20 mil contos de letras da sua responsabilidade, para realização de capital, pagas pela SUPA.

Os empréstimos concedidos pela banca em 31 de Dezembro de 1975 totalizavam 461.119 contos e em 1976 foram obtidos mais alguns com aval do

Estado, pelo que o montante actual deve rondar os 550 mil contos. Nesse total incluem-se empréstimos a longo prazo, concedidos pela Sociedade Financeira Portuguesa, Caixa Geral de Depósitos e um empréstimo externo de 125 mil contos, avalizado pelo Banco Espírito Santo.

PERGUNTAS
E RESPOSTAS

Em consequência destes números, os representantes dos trabalhadores do «Pão de Açúcar» interrogam-se se «o Governo português deve dar garantias aos patrões brasileiros que pela sua gestão ruinosa perderam todos os seus direitos e ainda devem elevadas quantias à empresa?».

Pelo contrário, perguntam ainda se «não será mais coerente que o Governo português exija aos capitalistas brasileiros o cumprimento das suas responsabilidades e adopte medidas que salvaguardem os interesses nacionais».

Depois, a Comissão Coordenadora recorda o que foi a política dos «patrões brasileiros»: «salários de miséria; recurso generalizado ao despedimento sem justa causa, fuga ao cumprimento da contratação; desvio do dinheiro dos supermercados para outros negócios; congelamento dos projectos de abertura de novas lojas a seguir ao 25 de Abril; e recusa do aumento de capital, conduzindo a empresa a uma grave situação económica-financeira».

Trabalho

"O Congresso de Todos os Sindicatos na prática já começou há muito"

- afirma a subcomissão de imprensa

«Há quem procure ver no próximo Congresso de Todos os Sindicatos apenas um processo destinado a resolver um contencioso entre a Intersindical e a denominada «Carta Aberta». Pelo contrário, este Congresso procura ir de encontro aos muitos problemas que se deparam neste momento aos trabalhadores: contratação colectiva, despedimentos, quotação para os sindicatos, feriados e férias. Problemas estes resultantes da vaga de legislação antioperária nos últimos meses saída dos gabinetes ministeriais. Para a Comissão Nacional Organizadora do Congresso, este será uma verdadeira tomada de posição política que traduzirá a visão dos trabalhadores portugueses quanto às condições de transformação da sociedade no caminho do socialismo». Estas afirmações foram prestadas ao repórter durante um encontro realizado com os elementos da subcomissão de imprensa da CNOC, Miguel Guimarães, dos Electricistas do Sul, Armando Silva, dos Gráficos do Porto, Maria Emilia Reis, dos Vestuários do Porto, e José Ernesto Cartaxo, dos Metalúrgicos de Lisboa.

Ao historiarem-nos todo o trabalho até agora desenvolvido («O Congresso, na prática, já começou há muito, não se limita aos dias da sua realização efectiva, ou seja os dias 27, 28, 29 e 30 de Janeiro»), marcaram-nos como data do arranque definitivo o plenário de 23 de Outubro, o maior plenário sindical desde sempre realizado em Portugal (222 sindicatos representados). Foi nesse plenário que se elegeu a Comissão Nacional Organizadora do Congresso. Posteriormente, a subcomissão de redacção elaborou uma «Proposta de Programa de Acção» que foi presente à CNOC. Este e outros textos sobretudo a Lei Sindical e os Estatutos da Confederação foram por esta Comissão enviados aos sindicatos. Por sua vez, as comissões dinamizadoras distritais levaram-nos a discussões em muitas centenas de reuniões de trabalhadores, quer nos próprios sindicatos, quer nos locais de

trabalho. Até ao passado dia 28 de Dezembro, foram recebidas as propostas de alteração e também textos novos para análise.

A CNOC elaborou depois (trabalho terminado ontem precisamente) uma síntese de toda a vasta documentação recebida. O documento-síntese voltará de novo aos sindicatos, para que os dirigentes e delegados sindicais, comissões de trabalhadores e trabalhadores em geral possam culminar toda uma ampla e aberta discussão de todos os problemas ligados à vida sindical.

A própria maneira como tal discussão tem decorrido prova — afirmaram-nos os elementos da subcomissão de imprensa — que não têm razão todos quanto insistem em apelar o Congresso de Todos os Sindicatos como sendo o «segundo congresso da Intersindical». Aliás, e conforme o «D.L.» noticiou na altura, inscreveram-se até ao dia 13 de Dezembro, prazo inicialmente marcado para a apresentação das inscrições, 225 sindicatos: 176 filiados na Inter, 75 não filiados e 4 inscritos provisoriamente. O prazo foi no entanto alargado até oito dias antes do Congresso. Pretende-se com o alargamento permitir que mais sindicatos se possam ainda inscrever. «Por questões de processamento ou burocráticas não haverá direcção que tenha argumento para justificar a sua ausência do Congresso», afirmaram-nos.

A evocação nossa do caso dos sindicatos onde foram realizados referendos, levando por vezes à decisão de não participação no Congresso, foi-nos dito que «quem lança o referendo determina as regras do jogo. Não deixa alternativas, já que nas perguntas e na maneira como elas têm sido dirigidas às pessoas, está implícita a resposta, em alguns casos comandadas por conhecidos chavões. As direcções referendistas acabaram por utilizar processos antidemocráticos, atentatórios da livre discussão dos problemas. Entre o sim e o não que alternativas ficam? Quem propôs os referendos foram as direcções que

não se submeteram à vontade dos trabalhadores expressa em plenários. É por vontade dos trabalhadores livremente expressa que um milhão e 750 mil, número apurado até ao momento, estarão representados no Congresso. Tal é o número de trabalhadores inscritos nos sindicatos que já votaram pela participação. Por outro lado, 2 mil e 500 lugares foram reservados a comissões de trabalhadores e sindicais. Elas serão testemunhas da própria democraticidade do Congresso».

DE «PROGRAMA DE ACÇÃO»

«Debater organizadamente as principais linhas de orientação do nosso Movimento Sindical constitui uma das mais importantes tarefas que todos temos de levar à prática. Disso depende também o reforço da nossa unidade e organização e a marcha do próprio processo revolucionário para o Socialismo, pelo qual lutam os trabalhadores», afirma-se num resumo do «Programa de Acção» elaborado pela CNOC, cuja primeira parte tem por título «Pela Defesa da Democracia, pelo Socialismo». Sob este título se sublinha que «o reforço da unidade sindical e a defesa intransigente do cumprimento da Constituição constituem duas tarefas fundamentais do Movimento Sindical Português».

«Por uma Economia Controlada pelos trabalhadores» se afirma o segundo capítulo do «Programa de Acção». Nele se defende a consolidação das nacionalizações, a liquidação definitiva dos grupos monopolistas, (através da reorganização dos sectores nacionalizados e da criação de empresas públicas únicas por sector de actividade e da reestruturação da banca e da actividade seguradora), a aplicação integral da Lei da Reforma Agrária e do Arrendamento Rural e o desenvolvimento do controlo operário. Ainda no tocante à Reforma Agrária preconiza-se uma política de créditos ao serviço das UCP e dos pequenos e médios agriculto-

res e a criação de estruturas de comercialização controlada. Quanto ao controlo operário, considera-se que as leis não podem limitar o exercício deste direito, antes devem garantir o que na prática já foi conquistado. No plano económico, e de um modo geral, defende-se a participação dos trabalhadores a todos os níveis («empresas, sectores, regiões e nacional»). Mais considera o documento em presença que «a resolução do problema do desemprego deve ser o eixo fundamental da política económica».

O «Programa de Acção» dedica um extenso capítulo à «Defesa dos Interesses Colectivos dos Trabalhadores», passando pelo direito ao trabalho e à segurança no emprego, salários e custo de vida, contratação colectiva, horário de trabalho, habitação, transportes, segurança social e previdência, saúde e assistência, higiene e segurança no trabalho, ensino e formação profissional, tempos livres, situações dos trabalhadores migrantes.

No respeitante à organização do movimento sindical, o documento da CNOC começa por se referir à organização sectorial, defendendo a verticalização sindical para «terminar com a actual pulverização e reforçar a sua capacidade de intervenção. Ao nível regional, preconiza-se o reforço das uniões distritais e locais, defende-se a realização de congressos distritais e o alargamento da estrutura de delegados sindicais o mesmo se passando quanto a este último ponto, no tocante à organização nas empresas, capítulo no qual se sublinha também a importância da cooperação entre as comissões de trabalhadores e os delegados sindicais».

Na parte final do «Programa de Acção» são referidas as situações dos jovens e das mulheres trabalhadoras, para quem se exige o fim das discriminações. Entre outros assuntos, é abordada também a necessidade da realização de cursos de formação sindical e a constituição de uma escola de quadros. O Programa refere-se ainda à concessão de tempo de antena ao Movimento Sindical, prevista pela Constituição e ainda não concretizada.

«No momento actual, o Congresso de Todos os Sindicatos aparece como factor de importância decisiva na defesa das conquistas e direitos dos trabalhadores portugueses afirmaram-nos os elementos da subcomissão de Imprensa com quem passamos em revista este «Programa de Acção». Segundo eles, «a dinamização que o tem antecedido, toda a discussão, que tem sido levada a cabo, dos problemas que afectam os trabalhadores já são o Congresso de Todos os Sindicatos, que culminará com o plenário dos fins de Janeiro. Ele surge num momento fundamental, com o agravamento da situação económica e consequente agravamento das condições de vida dos trabalhadores, por um lado, e por outro com a situação de recuperação capitalista que se está a verificar, por circunstâncias várias, das quais a dependência do país em relação ao capitalismo e ao imperialismo, que tem vindo a aumentar, como se sabe não é o factor menos importante».

Imprensa laboral

CAVAR A SEPULTURA DOS SINDICATOS

«Ao aprovar o Decreto-Lei que determina a cobrança das quotas sindicais pelos respectivos Sindicatos, o Governo está objectivamente a pretender cavar a sepultura de muitos Sindicatos, a reduzir à inoperância outros, a condenar ao imobilismo todos. Sabemos que tal acção não poderá nunca, ainda que algumas forças e o próprio Governo o reclame, servir os interesses dos trabalhadores portugueses. (...) Se por outro lado a partidarização do movimento sindical é um facto, tal como a bipolarização em torno das linhas sindicais Inter-Carta Aberta, a acção do Governo longe de resolver um problema para que nunca foi chamado, pode antes ver voltarem-se contra si todas as forças sindicais, e com elas os trabalhadores, que sabem perfeitamente bem responder com as acções mais correctas sempre que os seus direitos são desrespeitados ou os seus interesses postos em causa».

Do editorial de **Página Sindical**, órgão de informação do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa, n.º 4, de Dezembro de 1976.

INGERÊNCIA NA VIDA SINDICAL

«(...) Tal como ontem a ingerência do Governo na vida sindical é neste momento factor de primordial preocupação por parte do Movimento Sindical Português, que começa, e muito justamente, a inquietar-se quanto às intenções que assistem ao Governo. Que organizações perfeitamente identificadas com a direita mais reacçãoária saiam a público exigindo o enfraquecimento do Movimento Sindical não nos surpreende, surpreende-nos sim é verificar que um governo maioritariamente constituído por elementos de um partido que se afirma, e que é, dos trabalhadores, seja ele próprio o primeiro a atentar contra a libertação conseguida com o 25 de Abril (...)»

Do Editorial de **Página Sindical**, órgão de informação do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa, n.º 4, de Dezembro de 1976.

TRABALHADOR ÉS, REFORMADO SERÁS

«Se quem trabalha deve receber o fruto do seu esforço, quem já trabalhou e deu para a sociedade o melhor do seu esforço também tem o direito a que esta tenha estruturas para lhe proporcionar uma velhice ou reforma digna de um ser humano».

E aqui perguntamos: numa altura em que o custo de vida subiu e continua a subir assustadoramente, em que o salário mínimo nacional é nitidamente insuficiente, como conceber-se que haja reformados recebendo 2000\$00? (...)

Diz um velho adágio de todos bem conhecido: «Filho és, pais serás, conforme fizeres assim acharás».

Não tenhamos dúvidas. Somos jovens, cheios de vida ou adolescentes de pleno vigor? Pois um dia seremos velhos, sem forças, alquebrados pela luta que é toda uma vida. Temos dúvidas? Não estaremos pois na altura de pensar em termos de futuro, nos reformados actuais que seremos nós, volvidos que sejam alguns anos?

Unamo-nos pois em torno dos reformados e da sua luta na unidade com os sindicatos, conscientes de que só assim prepararemos uma vida melhor para aqueles que neste momento necessitam, e da qual por acréscimo, seremos nós os maiores beneficiados».

De um artigo subscrito por Manuel Monteiro, no boletim **Novo Gráfico** de Novembro/Dezembro de 1976 (órgão do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes).

FARMÁCIAS

Sindicato é "observador" no grupo de trabalho

Na reunião do Grupo de Trabalho para estabelecer os novos mapas das farmácias de serviço permanente, realizada na quinta-feira, na Direcção Geral de Saúde, o representante do Sindicato dos Ajudantes de Farmácia do Sul e Ilhas decidiu deixar de fazer parte activa, participando apenas como observador.

A decisão foi tomada por terem sido recusadas, por parte daquele Grupo de Trabalho, propostas apresentadas pelo Sindicato, no sentido de que fosse alterada a constituição do grupo, que deveria deixar de se imiscuir em assuntos de trabalho e para que a Associação Nacional das Farmácias repusesse os antigos esquemas de turnos em todas as localidades, até à conclusão dos trabalhos.

A proposta de reformulação

do grupo pretendia que o patronato nele «não esteja maioritariamente representado» e ainda a inclusão de um representante dos trabalhadores do Norte».

Têm assento neste grupo, por deliberação do director-geral de Saúde, representantes da Ordem dos Médicos, Associação Nacional das Farmácias, Sindicato dos Ajudantes de Farmácia do Sul e Ilhas, Ordem dos Farmacêuticos e da Direcção Geral.

No entender de um porta-voz do sindicato, este esquema origina uma duplicação da representação patronal, na medida em que a Ordem dos Farmacêuticos defende os seus interesses e é constituída essencialmente por proprietários de farmácias e laboratórios. Por outro lado, a mesma fonte manifesta estranheza por não es-

tarem representados o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêutico, nem o Sindicato dos Profissionais de Farmácia do Norte.

Noutra proposta do Sindicato dos Ajudantes de Farmácia, previa-se que «o direito de organizar os turnos em cada celho pertencesse a um grupo de trabalho a constituir anualmente, do qual fariam parte um representante da entidade patronal, um representante dos trabalhadores, a nomear através da estrutura sindical, e um representante das autarquias locais». Essa proposta também foi recusada.

Em informações prestadas à ANOP, um representante da A.N.F. previu que «ainda este mês haverá resultados, se todos os organismos aqui representados quiserem» e que «as populações serão perfeitamente defendidas».

Trabalho

A MULHER NO TRABALHO

Contratos colectivos continuam a permitir discriminações

As discriminações nas convenções de trabalho em relação às mulheres, não foram banidas pelo 25 de Abril. Hoje, já lá vão quase três anos de Revolução, a legislação de trabalho consagra expressamente essas discriminações, em perfeita contradição com o espírito da Constituição. O próprio Governo Socialista, contraria o seu Programa de Governo e de Partido, ao permitir a continuação desse estado de coisas. Indo mesmo ao ponto de «reavivar» certas discriminações, inconstitucionais, como é o caso da triste portaria que «contempla», de forma diferenciada em relação aos dois sexos, os reformados das Casas do Povo.

Um estudo da Comissão da Condição Feminina, que aproveitamos, para demonstrar o que acima afirmamos, classifica as discriminações em «expressas», «estruturais» e outras formas de discriminação como «no acesso a cargos, trabalho ou categorias profissionais; nas condições de trabalho e nos chamados direitos especiais das mulheres».

A discriminação começa logo pela falta de «igualdade de oportunidades». O art.º 52 da Constituição diz textualmente: «A igualdade de oportunidades na escolha da profissão ou género de trabalho e condições para que não seja vedado ou limitado, em função do sexo, o acesso a quaisquer cargos, trabalho ou categorias profissionais». Mas isso não acontece.

Como os números comprovam, as mulheres «chegam muito precocemente ao mundo do trabalho, com uma formação de base que quando muito corresponde aos anos de escolaridade obrigatória, enquanto é investido nos rapazes uma formação de base mais longa».

«As mulheres jovens — prossegue a Condição Feminina — são dirigidas para activi-

dades profissionais à partida condicionadas quanto à escolha, por um lado pela situação do mercado de trabalho que se rege por leis de oferta e procura, por outro lado por estereótipos ou imagens-guias, dos quais resulta que às mulheres estejam de facto vedadas muitas profissões e, dentro destas, muitos postos de trabalho».

A falta de oportunidades passa também pela manutenção de conceitos e convicções perfeitamente ultrapassados pela realidade. Assim, continua a pensar-se que o trabalho da mulher é o complemento do salário familiar. Segundo as estatísticas, porém, apurou-se que em cada cem mulheres que trabalham, 36,7 são casadas; 53,7 são solteiras; 0,6 são viúvas e 9 por cento são divorciadas.

Mas ficou também apurado que em cada 100 solteiras de mais de 15 anos há 39,9 que trabalham; em cada cem casadas, há 14,1; em cada cem viúvas, 40,4. Donde se conclui que são em maior número, as mulheres-sós, que têm de assegurar a sua ou a subsistência da família.

AS DEFINIÇÕES DE CATEGORIAS

Mas as discriminações continuam. O Art.º 53.º, alínea a) da Constituição esclarece: «A re-

tribuição de trabalho, segundo a quantidade, natureza e qualidade, observando-se o princípio de que para trabalho igual salário igual». Pois isso ainda não se passa.

E aqui surgem as discriminações claramente expressas nas convenções de trabalho. Aparecem em todas as convenções colectivas do trabalho agrícola. Nestas, as mulheres ganham, em média, menos 40 escudos por dia do que os homens, e menos 70 do que o tractorista. Esta regra verifica-se sem alterações nos distritos de Portalegre, Évora e Beja.

Beja.

No contrato para a indústria do calçado, à mesma designação de operário de 1.ª, 2.ª e 3.ª corresponde para a operária com as mesmas categorias, uma diferença, respectivamente de 1300\$00, 1200\$00 e 1100\$00. Na indústria de tapeçaria, uma operária especializada ganha menos que um operário não especializado (homem). Neste caso, a diferença é de 1250\$00; também uma operária não especializada ganha menos que um praticante (homem). Neste caso, a diferença é de 750\$00.

Mas é na diferenciação da definição de categorias que se verificam ainda as maiores arbitrariedades. Porém, não são tão nítidas. «Resultam sobretudo de uma classificação profissional arbitrária e baseada no sexo, ou de correlações de categorias profissionais para efeitos de agrupamento em escalões de remuneração que não têm na base qualquer critério objectivo de avaliação de postos de trabalho».

Na indústria têxtil, de algodão em rama e malhas por exemplo, vejamos como se classifica um mestre ou encar-

Continua na pág. 12

o mínimo é o máximo

Claro. O máximo que consome deve ser o mínimo possível. Este máximo, ou seja, este mínimo consegue-se seguindo alguns conselhos que conduzem a uma substancial redução do consumo de energia eléctrica na iluminação e no aquecimento.

É preciso poupar energia eléctrica.

A energia que consome em sua casa custa ao País — a todos nós — muito dinheiro. Poupe energia.

Sempre que possível apague uma lâmpada. Ou mais!

Reduza ao mínimo a iluminação geral.

Não tenha o televisor ligado se ninguém olha para ele.

Instale lâmpadas fluorescentes na cozinha e na casa de banho.

Ligue o aquecimento apenas nos locais indispensáveis.

Use aparelhos equipados com termostato.

Procure que a temperatura ambiente não seja excessiva.

Desligue o aquecimento ao deitar.

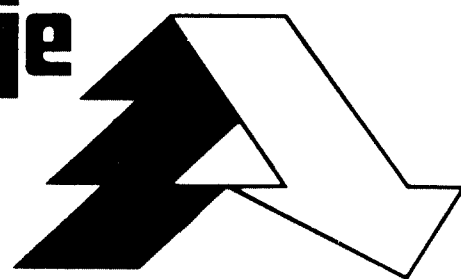
Aproveite o calor solar abrindo persianas e cortinas quando o sol atingir as janelas.

Não deixe de calafetar janelas e portas exteriores.

é preciso poupar energia eléctrica



poupe hoje para ter amanhã



A discriminação nos contratos de trabalho passa apenas pelos direitos, nunca pelos deveres

PUB

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA AVISO — CONVOCATÓRIA

Aos Exmos. membros eleitos das Assembleias de Freguesia do Concelho de Lisboa

A fim de ser dado cumprimento ao disposto no art.º 6.º do Decreto-Lei n.º 701-A/76, de 29 de Setembro são convocados os membros das Assembleias de Freguesia eleitos pelo Povo em 12 de Dezembro de 1976, para comparecerem nos Paços do Concelho (Praça do Município) nos dias e horas abaixo indicados.

1.º BAIRRO

Freguesias de Anjos, Castelo, Coração de Jesus, Encarnação, Graça, Madalena, Mártires, Mercês, Pena, Sacramento, Santa Catarina, Santa Engrácia, Santa Justa, Santiago, Santo Estevão, S. Cristovão, e S. Lourenço, S. José, S. Mamede, S. Miguel, S. Nicolau, S. Paulo, S. Vicente de Fora, S. e Socorro
Dia 10, às 10 horas.

2.º BAIRRO

Freguesias de Ajuda, Alcântara, Lapa, Prazeres, S. Francisco Xavier, Santa Isabel, Santa Maria de Belém, Santo Condestável e Santos-o-Velho
Dia 11 às 10 horas.

3.º BAIRRO

Freguesias de Alvalade, Ameixoeira, Benfica, Campo Grande, Campolide, Carnide, Charneca, Lumiar, Nossa Senhora de Fátima, São Domingos de Benfica, S. João de Brito e S. Sebastião da Pedreira
Dia 12, às 16 horas.

4.º BAIRRO

Freguesias de Alto do Pina, Beato, Marvila, Penha de França, Santa Maria dos Olivais, S. João, S. João de Deus e S. Jorge de Arroios
Dia 14, às 16 horas.

Mais se solicita e agradece que todos os convocados se façam acompanhar do respectivo Bilhete de Identidade ou outro documento oficial de identificação.

Lisboa, 6 de Janeiro de 1977

O PRESIDENTE
Aquilino Ribeiro Machado

S. R.

MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal (EDP (ex-CEAL) a que se refere o processo 8/58 361, arquivo 5460, para o estabelecimento em Beja, concelho de Beja, de uma linha subterrânea a 15 kV com 108 metros do posto de transformação da zona industrial de Beja ao posto de transformação da firma Manuel Pires Guerreiro, Lda. Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 31 de Dezembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA SERVIÇOS MUNICIPA- LIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

SERVIÇOS TÉCNICOS

ANÚNCIO

Conduta elevatória Vale de Milhaço — Reservatório do Raposo Troço de Jusante

Faz-se público que se encontra aberto concurso público para a arrematação acima referida, sendo de trinta dias o prazo de apresentação das propostas, o qual será contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República».

O acto público do concurso realizar-se-á, pelas 10 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de trinta dias fixado neste anúncio, na secretaria dos Serviços Municipalizados de Almada. A base de licitação é de 12 500 000\$00.

O depósito provisório, que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, ou nas suas respectivas filiais, é de 312 500\$00 e o definitivo, de 5 % sobre o valor da adjudicação.

Os concorrentes devem ser titulares do alvará de empreiteiros de obras públicas da V categoria, 3.ª subcategoria, e da classe correspondente ao valor da obra apresentada.

Publique-se.

Almada, 31 de Dezembro de 1976.

O Presidente do Conselho de Administração
José Manuel da Costa Morgado
(Engenheiro)

Trabalho A mulher no trabalho

Continuação da pág. 11

regado, consoante os sexos.

Uma mulher, mestre ou encarregada, é definida pura e simplesmente como «a trabalhadora que até este CCT era classificada como mestra ou encarregada». Um homem, chefe ou encarregado «é o trabalhador que, com suficientes conhecimentos teóricos-práticos e qualidades de trabalho orienta uma determinada secção». Claro que a isto, corresponde a diferenciação salarial. O exemplo que acabamos de citar pode aplicar-se a muitas outras convenções de trabalho. Porquê e com que direito?

AS MULHERES NÃO SÃO «QUADROS»

São poucas as mulheres que chegam a situações de chefia.

E quando lá chegam, mesmo assim, ainda ficam em situação discriminatória. De qualquer forma, a participação da mulher nesses cargos é diminuta e justifica-se por tudo o que temos vindo a afirmar.

Assim, segundo as estatísticas, é de 0,1 por cento a percentagem de mulheres classificadas como «pessoal dirigente» e nos quadros superiores não ultrapassa os 7,2 por cento. Em contrapartida, 92,8 por cento dos «quadros superiores» são homens.

Os direitos especiais da mulher, aqueles que se referem, por exemplo, à gravidez, têm servido para justificar muitas discriminações, isto apesar da Constituição considerar, finalmente, no seu art.º 68 «a maternidade como valor social eminente, protegendo a mãe

nas exigências específicas da sua insubstituível acção quanto à educação dos filhos e garantindo a sua realização profissional e a sua participação na vida cívica do País». Nem a maternidade, na prática, é considerada um «valor social eminente», nem se protege a mulher «nessa sua acção insubstituível».

Por último, teremos de salientar que são ainda as mulheres que estão a ser as maiores vítimas do desemprego e da sabotagem económica. Os assos da Applied Magnetics, Timex e outras, colocaram no desemprego milhares de mulheres, que são também quem mais dificilmente consegue arranjar trabalho em tempo de crise económica.

F.M.

O que se promete

O Partido Socialista, partido do Governo, tem alguns objectivos programáticos, que não estão a ser cumpridos no que toca à discriminação e exploração da mulher que diz pretender acabar.

O Partido Socialista defendeu na Assembleia Constituinte, e votou nesse sentido, o fim dessa desigualdade. Mas não faz cumprir a Constituição, ao permitir que sejam elaboradas e aplicadas portarias como aquela das pensões de 600 e 900 escudos, segundo os sexos.

Mas, para que conste, aqui deixamos alguns dos artigos do Programa do PS, que a serem aplicados, seria um bom avanço na defesa dos direitos da mulher!

«O PS, reconhecendo

que a mulher trabalhadora é o ser mais oprimido pelas estruturas capitalistas, entende que a sua emancipação neste sistema, a não liberta da exploração social a que está sujeita».

«Ao trabalho das donas de casa deve ser reconhecido valor económico».

No trabalho prestado pela mulher fora de casa, deve ser rigorosamente assegurado e posto em aplicação efectiva o princípio de que o trabalho igual deve corresponder a salário igual. Em consequência, não são vedados ou limitados, em função do sexo, o acesso a quaisquer cargos de trabalho ou categorias profissionais. Neste campo, como nos outros, serão proibidas todas as discriminações e protecções

mos. Não se consideram protecções as medidas que tiverem de ser tomadas em relação às situações de gravidez e aleitamento e a favor dos tratamentos da relação mãe-filho nos primeiros tempos de vida».

«Revogar-se-á toda a legislação repressiva do aborto, esclarecendo as populações sobre os meios anticoncepcionais e sobre o facto de o aborto não ser um meio de resolver os problemas de excessos de natalidade. Assegurar-se-ão rigorosas condições clínicas, quando o aborto for realizado».

Aqui ficam, portanto, alguns artigos. Ficarão apenas como um testemunho. Como uma intenção. Recordado apenas nos períodos eleitorais?

PUB

CARTA ABERTA

DISCUTIR, ESCLARECER, VOTAR

Apesar de todas as calúnias, os trabalhadores continuam a exigir organizadamente dentro dos seus Sindicatos, a realização de consultas através de amplas Assembleias Gerais por votação secreta. Os resultados são inequívocos, conforme o demonstra o quadro que abaixo publicamos.

Caluniam-se os Referendos dizendo deles que são o apelo aos sectores mais reacidos da população trabalhadora!

Quem os calunia?

Aqueles (talvez o sector mais avançado da classe!), que a exemplo do Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro, encontrando-se em minoria (300 num total de 2600), impediram a continuação da Assembleia pela agressão física. É porque para estes Srs. as Assembleias só são democráticas quando estão em maioria.

E porque eles não a minoria rejeitam a participação de todos através da votação secreta.

A DEMOCRACIA VENCERÁ

SINDICATOS ONDE JÁ FORAM OUVIDOS OS TRABALHADORES POR VOTAÇÃO SECRETA

N CONGRESSO DA INTERSINDICAL		
	SIM	NÃO
Escritórios de Lisboa	1 421	11 039
Escritórios de Faro	325	581
Seguros do Sul	385	2 962
Telefonistas do Norte	45	710
Hoteleiros do Porto	105	85
Hoteleiros de Faro	637	60
Engenheiros do Sul	255	397
Escritórios de Braga	161	265
Bancários do Sul e Ilhas	685	10 064
Técnicos de Topografia	75	134
Técnicos de Vendas	183	1 204

SINDICATOS QUE VÃO OUVIR OS TRABALHADORES POR VOTAÇÃO SECRETA

Escritórios de Aveiro	8 - 1 - 77
Escritórios do Porto	10 - 1 - 77
Rodoviários e Carregadores do Porto	10 - 1 - 77
Escritórios de Vila Real e Bragança	13 - 1 - 77
Comércio de Lisboa	14 - 1 - 77
Engenheiros Técnicos do Norte	15 - 1 - 77
Professores da Grande Lisboa	19 - 1 - 77
Cerâmicos de Aveiro	ainda não marcado
Metalúrgicos de Aveiro	ainda não marcado
Bancários do Norte	ainda não marcado

SINDICATOS ONDE JÁ FORAM TOMADAS DECISÕES POR ASSEMBLEIAS GERAIS

Seguros do Norte	Adesão à Carta Aberta —	Não ao 2.º Congresso
Construção Civil de Aveiro		(Não ao 2.º Congresso
Mineiros do Centro e Norte		(Por votação secreta)
		Adesão à Carta Aberta

POR UMA CENTRAL SINDICAL ÚNICA, AUTÓNOMA, DEMOCRÁTICA E INDEPENDENTE

Lisboa, 7 1 77.

Pel'A COMISSÃO DE REDACÇÃO DA CARTA ABERTA

(illegível)

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÉCNICOS DE VENDAS

Delegação de Lisboa

QUOTIZAÇÃO SINDICAL

Os nossos associados e as entidades patronais em que os mesmos prestam serviço estão isentos de aplicação do Dec.-Lei 841-B/76.

Assim:

1) Todas as inscrições nesta Delegação são posteriores a 1.5.76 (abertura da mesma), quando já se encontrava em vigor o Dec.-Lei 215-B/75, cujo art.º 16.º conferia aos trabalhadores a liberdade de se sindicalizarem ou não, pelo que ao fazê-lo não foram coagidos como parece querer demonstrar o Dec.-Lei 841-B/76.

2) Todos os nossos sócios são efectivos tendo para o efeito preenchido a proposta que é acompanhada de uma declaração, a qual foi entregue à respectiva entidade patronal, determinando o envio da quotização para este Sindicato.

3) Por outro lado o Dec.-Lei 841-B/76 determina: «compete às associações sindicais estabelecer o valor e proceder à cobrança das quotas sindicais dos trabalhadores seus sindicalizados...» donde não se pode concluir pela proibição às entidades patronais de não efectuarem os descontos, mas tão só isentando-as da responsabilidade do seu envio.

Nestes termos informamos as entidades patronais que podem de futuro proceder ao desconto de todas as despesas de porte, sendo os respectivos mapas cedidos gratuitamente.

A COMISSÃO DIRECTIVA

Estrangeiro

PREVÊ-SE EM ESPANHA

Negociações Governo-Oposição
para a próxima semana

Círculos próximos à comissão de quatro membros indicada pela oposição para as negociações com o Governo espanhol indicam que esses encontros poderão ser iniciados já na próxima semana. Com o próximo Suárez a sugerir que as negociações serão rápidas, os primeiros temas a serem abordados serão os referentes à amnistia e ao reconhecimento de todos os partidos.

Ontem, durante três horas, vários representantes oposicionistas estiveram reunidos com o objectivo de fixar critérios mínimos e básicos quanto ao tema eleitoral. Foram estudados vários aspectos do processo em que se realizaram as últimas eleições e aguarda-se para dentro de poucos dias um documento em que a oposição estabeleça as suas condições para participarem em futuros pleitos. Espera-se também que o estrito segredo em que o Governo tem mantido a sua Lei Eleitoral seja rompido. O seu texto deverá servir de base para as negociações neste sentido.

Entretanto, diversos partidos já começaram a sua campanha para as eleições legislativas da Primavera. Os mais activos são os da direita, que formam a «Aliança Popular», com vários dos seus representantes a fazerem sessões pela província. Contudo, foi desmentida a hipótese que dava como certa a demissão de

Adolfo Suárez como chefe do Governo para concorrer como cabeça de lista de um agrupamento de centro-esquerda, provavelmente «social-democrata». Este poderio continuará à frente do Governo, mesmo depois das eleições, no caso de nenhum partido vencer o escrutínio maioritariamente. Na lei, nada está estabelecido quanto a este caso. A indicação é feita pelo rei.

Enquanto isso, o jornal de extrema-direita «El Alcazar», num editorial de primeira página na sua edição de ontem, exige a execução do secretário-geral do PCE, Santiago Carrillo. O jornal tem estado a provocar uma violenta campanha contra o líder comunista espanhol, usando a costumeira e estafada acusação de que Carrillo é o responsável pela morte de forças franquistas na guerrilha que se seguiu à guerra civil e de prisioneiros nacionalistas, no início do conflito. Este continua a ser solicitado para entrevistas. Ontem, numa que concedeu à UPI, defendeu um «Pacto Nacional» entre todas as forças políticas, pacto que assegure a paz social necessária para reactivar a abalada economia espanhola. Carrillo acredita que a transição pacífica para a democracia é possível desde que não haja discriminação que exclua as classes trabalhadoras do processo político. Na mesma entrevista, exigiu a legalização

do PCE, que, segundo um outro dirigente, José Sandoval, está pronto a desencadear uma greve geral caso não seja legalizado até ao momento das eleições.

A participação do PCE nas eleições foi um dos conselhos dados por Helmut Schmidt, chanceler da RFA, a Suárez, na visita feita à Espanha, que ontem terminou. Schmidt, que além de conversar com Suárez, também esteve com Juan Carlos, partiu satisfeito com o processo de normalização na Espanha, mas sublinhou que a democracia plena ainda não existe, acrescentando que este ponto e a solução dos problemas económicos, são condições «sine qua non» para a entrada na CEE. Sem oferecer auxílio em dinheiro para a Espanha, Helmut Schmidt sugeriu ao Governo espanhol que permita o auxílio de sindicatos fortes e livres para a elaboração de um pacto social contra a agitação e a inflação.

Os programas nucleares brasileiros, impulsionados pelo tratado de cooperação assinado com a R.F.A., poderão ser seriamente afectados, caso o Brasil insista na recusa em assinar o acordo de não proliferação de armas atómicas, exigido e firmado, sob diversas formas e por distintas razões por vários países do Mundo.

A Embaixada da Holanda na qual o país confirmou ontem que o seu Governo está preocupado pelas implicações do vigente tratado Brasil-R.F.A. e que suspenderá as vendas de urânio enriquecido a este último enquanto não tiver algumas garantias quanto ao desenvolvimento dos programas nucleares do Brasil. Por outro lado, o diário soviético «Pravda» escreve hoje que com o apoio da Alemanha Federal o Brasil estará em condições de controlar o ciclo completo de energia nuclear e produzir bombas atómicas, salientando que somente a assinatura do tratado de não proliferação poderá estabelecer algum controlo inter-

nacional sobre este ameaçador desenvolvimento nuclear. Pelo seu lado, em Dezembro último, Carter disse que envidaria todos os esforços para que os projectos de processamento de plutónio vendidos pela R.F.A. ao Brasil «pudessem ser postos de lado».

Nesse contexto, que torna difícil a posição de Bona, tudo parece indicar que o Brasil deverá aceder à exigência e que os seus generais tenham mesmo que assinar o acordo, sob pena de ver os seus planos seriamente ameaçados. Os jornais locais recordam que em 1964, quando o Governo constitucional de João Goulart foi derrubado, os militares direitos autores do golpe impediram a assinatura do acordo de não proliferação de armas atómicas por considerarem que «o domínio do átomo era indispensável para a segurança nacional».

Há dias, entretanto, o matutino conservador «O Globo» informou que a empresa «Brown Boveri», da Suíça, estudava a

possibilidade de substituir a tecnologia alemã no caso do Governo de Bona não cumprir os acordos firmados com o Brasil, país que dispõe de consideráveis reservas de urânio. Recentemente, o ministro brasileiro de Minas e Energia declarou que «ainda que o Brasil tenha um longo caminho a percorrer para chegar a produzir combustível nuclear, há-de consegui-lo, custe o que custar».

Contrastando com tanto «desenvolvimento», índios da região amazônica, irados pelo avanço dos colonos sobre as suas terras, atacaram uma propriedade, mataram dois brancos e destruíram todo o equipamento agrícola. Os índios brasileiros, que na época de Cabral eram seis milhões, hoje estão reduzidos a poucas dezenas de milhares, pela «civilização» a que foram submetidos, pela contínua perda das suas terras e pelos vários massacres que, por diversas vezes já foram denunciados a nível internacional.

PLANO ECONÓMICO DE CARTER

Reduzir impostos e criar empregos

O presidente eleito dos EUA, Jimmy Carter, que tomará posse do seu cargo dentro de 12 dias, delineou ontem as linhas mestras do seu programa económico durante uma reunião de quatro horas com os seus conselheiros para essas questões e com alguns dirigentes do Congresso. O programa visa estimular a iniciativa industrial, prevendo investimentos da ordem dos 15 mil milhões de dólares. Redução de impostos e criação de novos postos de trabalho são os meios que se procuram aplicar para sanar a economia do país.

Pontos principais do plano: investimentos da ordem dos 5 mil a 8 mil milhões de dólares para a criação de novos empregos e 4 mil milhões adicionais

para obras públicas; uma redução de 4 mil milhões de dólares em impostos sobre rendimentos baixos e médios através da simplificação da cobrança de impostos; uma redução fiscal de 2 mil milhões de dólares para o sector industrial, através da dedução de impostos devidos pelo pagamento de salários.

Este programa visa responder aos graves problemas da economia norte-americana, enunciados por Carter: estagnação económica, desemprego crescente e baixos índices de crescimento industrial. O secretário de Trabalho designado, Ray Marshall, afirmou que a aplicação deste programa (considerado «indispensável» por Carter) contribuiria para

dar novas oportunidades de emprego a 800 mil pessoas em todo o país, diminuindo assim a taxa de desemprego, que em Novembro passado atingia 8,1 por cento da população activa.

Por outro lado, a aplicação do programa reduziria em 12 a 16 milhões o défice orçamental.

Uma declaração assinada por 41 congressistas e citada pela agência «Novosti» tinha sido entretanto enviada ao presidente eleito, no sentido de este fazer esforços para resolver o problema do desemprego. Os congressistas salientavam que o desemprego real abrange 7,5 milhões de pessoas, embora só 8,1 por cento dos trabalhadores sem salário permanente recebam subsídio de desemprego. A declaração específica

que os jovens, as mulheres, os negros e os americanos mais idosos são os principais atingidos pelo desemprego. Os legisladores recomendavam finalmente que se aplicassem 30 milhões de dólares na criação de novos postos de trabalho.

No plano da política externa, as declarações prestadas pelo embaixador dos EUA designado para Roma, numa entrevista publicada no «Corriere della Sera» de Milão ontem sugerem que o fortalecimento e solidificação dos laços dos EUA com a Europa e o Japão serão os objectivos prioritários da nova Administração. O embaixador Richard Gardner disse que essa cooperação se alargará ao plano militar, embora a ameaça mais grave para o Ocidente industrializado seja segundo afirmou económica e não militar. Gardner acrescentou que o desanuviamento não seria prejudicial, embora os EUA insistam num desanuviamento realista que implique concessões recíprocas. A imprensa italiana acolheu com satisfação estas declarações. O «Il Messaggero» (de direita moderada) refere-se ao embaixador cessante, John Volpe, acusando-o de interferência nos assuntos internos do país e prevê que Gardner usará outra política: servir-se do «eurocomunismo» para o combate anti-soviético. O «Paese Sera» (esquerda) considera que Gardner tem uma «visão realista do eurocomunismo» e que a escolha de tal homem por Carter revela a preocupação do presidente eleito em manter boas relações com a Europa em geral e a Itália em particular.

A Jordânia vai participar
no comando árabe unificado

A Jordânia participará dentro em breve do Comando Político Unificado que o Egipto e a Síria constituíram durante a última visita do presidente Assad ao Cairo, afirma no sábado a revista «Akhbar El Yom», citando fontes diplomáticas da capital egípcia, o semanário não exclui a possibilidade de uma visita ao Egipto ainda este mês do rei Hussein da Jordânia, a fim de examinar este assunto com o presidente Sadat.

Entretanto, o «Al Ahram» revela que será transferida de Riad para o Cairo a reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países da confrontação (com Israel).

A reunião, marcada para a próxima semana, deverá examinar os problemas relativos ao apoio militar, financeiro e político árabe aos países «de confrontação».

Um comunicado vindo a lume no «Al Gomuhria», assinado pelo conjunto Progressista Unionista (de esquerda) lançou uma advertência contra a campanha antinasseriana em curso no Egipto.

Por fim, o «Akhbar El Yom» informa que o secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, irá em Fevereiro fazer uma viagem pelas capitais do Médio Oriente,

dentro dos próximos quatro dias e disse às facções em luta para entregarem o armamento pesado, caso contrário ser-lhes-á tirado à força.

Um Comité para a paz, composto por representantes de quatro países árabes, avisou-se ontem com o presidente Elias Sarkis e marcou a quarta-feira, dia 12 deste mês, como data limite para os grupos esquerdistas, direitistas e palestinos entregarem a sua artilharia, tanques e carros blindados.

Grupos guerrilheiros palestinos que combateram os sírios durante os 19 meses de guerra, argumentaram que deveriam ser dispensados de entregar o seu armamento ao abrigo de acordos árabes, mas a decisão do Comité anulou esta posição.

ISRAEL

A campanha eleitoral israelita ganha ritmo com a indicação de que o ministro da Defesa, Shimon Peres, se apresentará como candidato rival do actual primeiro-ministro, Yitzhak Rabin, ao cargo de chefe do Governo, nas eleições de Maio próximo.

Entretanto, continua por esclarecer o caso que originou o suicídio do ministro da Habitação, Avraham Ofer, na passada segunda-feira.

O suicídio de Ofer abalou duramente o prestígio do Partido Trabalhista a que pertencem Peres e Rabin.

CHINESES EXIGEM

Morte para os "quatro"
e regresso de Hsiao Ping

A China comemora hoje o primeiro aniversário da morte de Chu En Lai, com manifestações e comícios públicos, enquanto «multidões imensas» (segundo a Reuter) exigem a

morte para a viúva de Mao Tse Tung, sra. Chiang Ching e os outros elementos do «Bando dos Quatro», além do regresso do antigo vice-primeiro-ministro, Teng Hsiao Ping.

Dois casos de espionagem

Dois casos de espionagem são hoje noticiados pelas agências: um, verificado em Nova Jersey (E.U.A.), e outro, na cidade de Katowice (Polónia).

Em Nova Jersey, um homem, de nascimento soviético, Ivan Rogalsky foi preso e acusado pelo F.B.I. de fazer espionagem a favor da U.R.S.S. Segundo o director do F.B.I., Rogalsky procurava obter informações secretas em Princeton

para depois as transmitir a um funcionário da missão soviética nas Nações Unidas.

Por sua vez, dois casais polacos (Irena e Karol Bober e Romana e Anatol Szulski) vão ser julgados num tribunal de Katowice sob a acusação de fazerem passar para um país da N.A.T.O. (não identificado pela agência polaca P.A.P.), que dá a notícia) importantes informações sobre a economia e a defesa do país.

Cartazes de parede e faixas foram colocados nas principais praças de Pequim, saudando Chu como «grande revolucionário proletário, proeminente dirigente do Partido e do Estado, grande lutador comunista».

Entretanto tem havido indícios de que os dirigentes de Pequim estão agora a debater o castigo a ser aplicado aos quatro antigos líderes, mas os sinologistas duvidam seriamente de que seja pronunciada alguma sentença de morte. Também não tem confirmação a previsão que indicava o dia de hoje como data para fazer o julgamento público dos «quatro».

Observadores prevêem que esteja iminente o regresso de Hsiao Ping,

LÍBANO

A Liga Árabe ordenou a cerca de 4000 soldados palestinos que abandonem o Líbano

SINDICATO DOS ECONOMISTAS

Conforme deliberação da Assembleia Geral de 28/12/76, comunica-se aos associados que no dia 17/1/77, se realiza o referendo relativo à participação ou não do Sindicato dos Economistas no Congresso de todos os Sindicatos.

Locais de votação:

Na sede em Lisboa — R. Rodrigo da Fonseca, 76-1., Dt.º.

Na Secção Regional do Norte — R. Gonçalo Crístóvão, 217-10., Sala C — Porto

Horário de votação:

Das 17 às 24 horas.

Lisboa, 6 de Janeiro de 1977

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
A DIRECÇÃO

Estrangeiro

Jane Fonda e Sartre assinam petição por Agee e Hosenball

Um grupo de individualidades acaba de pedir ao Governo britânico que interrompa o processo de expulsão aberto contra os jornalistas Philip Agee e Mark Hosenball, reconhecendo-lhes o direito a um «justo processo». A petição foi entregue na Embaixada britânica em Paris na passada quarta-feira, sendo enviada na mesma data ao «Home Office» (Ministério do Interior).

Recorda-se que Philip Agee, antigo funcionário da CIA, cortou com esse organismo norte-americano e tornou-se o autor (célebre) de «Inside the Company» («No Interior da Companhia»), onde são retratados métodos e figuras do importante aparelho secreto. É actualmente jornalista. Quanto a Mark Hosenball, também jornalista, exerce a profissão no «Evening Standard» depois de ter trabalhado no «Time-Out», ambos de Londres.

Eis o texto da petição: «No dia 16 de Novembro de 1976 o «Home Office» (Ministério britânico do Interior) notificou Philip Agee e Mark Hosenball da abertura de um processo de expulsão. A decisão das autoridades britânicas está iminente. Ela pode levar à expulsão definitiva de Philip Agee e Mark Hosenball. Ora, em nenhum momento os interessados puderam fazer valer os seus direitos, o que se reveste de particular gravidade tratando-se de jornalistas no exercício das suas funções: nenhum facto foi contra eles imputado; nunca se lhes precisou se quaisquer queixas ou testemunhos foram contra eles registados; não está prevista qualquer acareação; nenhum delito se lhes assaca; a Comissão Administrativa de que dependem não oferece a mínima garantia estatutária de independência; ela estatui sem recurso possível.

Perante esta situação, nenhum dos dois tem possibilidade de defesa efectiva no quadro de um processo contraditório, dado não conseguirem inclusivamente o acesso aos **dossiers** da acusação.

Longe de contestarem as instituições do Reino Unido, Philip Agee e Mark Hosenball fazem apelo à Justiça britânica a fim de obterem garantias de um justo processo. A sua solicitação é tanto mais fundamentada quanto o art.º 6.º da Convenção Europeia dos Direitos do Homem, ratificada pelo Reino Unido, dispõe que:

1. Todos os indivíduos têm direito a que a sua causa seja ouvida de modo equitativo, publicamente e num prazo razoável, por um tribunal independente e imparcial, estabelecido pela Lei, que decidirá, quer das contestações sobre os seus direitos e obrigações de carácter civil, quer do bem fundado de qualquer acusação em matéria penal dirigida contra eles. O julgamento deve fazer-se publicamente (...).

2. Todos os acusados têm nomeadamente direito a:

a) — serem informados, no mais curto espaço de tempo (...), sobre a natureza e a causa da acusação que se lhes faz (...);

d) — interrogar e fazerem interrogar as testemunhas arroladas pela acusação, multiparem a convocatória e o interrogatório, nas mesmas condições, das testemunhas que eles próprios arrolarem (...).

Os signatários pedem que, em aplicação desta Convenção, o Governo britânico respeite o direito de Philip Agee e Mark Hosenball a um justo processo.

Assinaram: Joan Baez, cantora; Claude Bourdet, compa-
nheiro da Libertação; Jean-Pierre Chevènement, deputado socialista por Belfort; Costa-Gravas, cineasta; Simone de Beauvoir, escritora; Régis Debray, escritor; Claude Estier, secretário-nacional do Partido Socialista Francês; Jane Fonda, actriz; Daniel Jacoby, membro do Comité Central da Liga dos Direitos do Homem; Alfred Kastler, Prémio Nobel de Física; Jean Lacouture, jornalista; Léo Matarasso, advogado; Gilles Perrault, escritor; Jean-Paul Sartre, escritor; e Laurente Schwartz, presidente do Comité dos Matemáticos.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM CARNES DOS DISTRITOS DE LISBOA E SETÚBAL

A todos os trabalhadores em Carnes dos Distritos de Lisboa e Setúbal

A Direcção do nosso Sindicato **DENUNCIA!**

Camaradas:

Mais um Decreto-Lei antioperário foi feito pelo Governo dito «Socialista» a juntar a tantos outros que, durante este espaço de tempo marcam uma cuidada manobra para derrubar as conquistas alcançadas pelos Trabalhadores após o 25 de Abril de 1974.

A revogação do Artigo 21.º do Decreto-Lei N.º 215-B/75, que atribuiu às entidades patronais a cobrança e o envio da quotização dos trabalhadores para os seus Sindicatos, é mais uma cedência perante a burguesia e visa o esmagamento das estruturas organizativas dos trabalhadores: *Os seus Sindicatos*.

Camaradas:

Os Sindicatos são uma forma de organização dos próprios trabalhadores para a defesa e luta dos seus direitos, quando estes entram em choque contra o seu inimigo de classe, representado pelo Governo que lhes cobre e defende os meios de exploração e opressão: o *patronato*. Tomemos como exemplo casos como a luta pelos C.C.T.; as lutas diárias contra os despedimentos, pelo direito ao trabalho; pelo direito a férias e 13.º mês, etc.; a luta por dignas condições de trabalho, etc., etc.

Como tal a burguesia não pode ver com bons olhos esta nossa forma de organização e tenta esmagá-la a todo o custo.

Face a esta medida antioperária do Governo dito «Socialista», põe-se:

— Que sejamos nós, trabalhadores, a responder de uma forma organizada à manutenção económica das estruturas por nós criadas, criando em todas as zonas onde se fixam os nossos locais de trabalho e nas próprias empresas, comissões sindicais, comissões de apoio à luta sindical e para recolha da quotização.

A Direcção do nosso Sindicato aponta esta nova forma de organização como a mais indicada para fazer frente às manobras e leis antioperárias e levar esta nova forma de organização directamente à Central Sindical dos Trabalhadores Portugueses.

Oponhamos às manobras da burguesia e seus servidores a força organizada dos trabalhadores.

**EM FRENTE COM A ORGANIZAÇÃO DE COMISSÕES SINDICAIS!
EM FRENTE COM A ORGANIZAÇÃO DE COMISSÕES DE APOIO AO SINDICATO!
UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!**

Lisboa, 4 de Janeiro de 1977.

A DIRECÇÃO

PUB

E P A L



EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA EXECUÇÃO DA VEDAÇÃO DO RECINTO DA ESTAÇÃO DE SOBREELEVAÇÃO DA VERDELHA

Faz-se público que, no dia 8 de Fevereiro de 1977 pelas 15 horas, na sede da Empresa Pública das Águas de Lisboa, na Avenida da Liberdade, 24, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

Para ser admitido a concurso é necessário prestar a caução provisória de Escudos 10 000\$00 (dez mil escudos), nos termos do Programa de Concurso.

Os concorrentes deverão ser titulares de alvará de empreiteiro de Obras Públicas da I sub-categoria, I categoria e da classe correspondente ao valor da proposta.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibo, na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa Pública das Águas de Lisboa, na Avenida da Liberdade, 24, até às 17 horas do dia 7 de Fevereiro de 1977.

O Programa de Concurso, o Caderno de Encargos e o Projecto estão patentes todos os dias úteis, excepto aos sábados, durante as horas de expediente, na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa Pública das Águas de Lisboa, onde poderão ser examinados e obtidas cópias daquelas peças.

Lisboa, 3 de Janeiro de 1977

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA
O Presidente da Comissão de Fiscalização
João Bau

Novas revelações na Argentina sobre "farsa dos recontros"

«Centenas de presos políticos estão a ser assassinados na Argentina. As autoridades policiais simulam recontros com guerrilheiros»: esta é a denúncia do advogado Gustavo Roca, presidente da Comissão Argentina pelos Direitos Humanos — CADHU — feita no México e transmitida pela IPS. O advogado voltou a apontar um dos métodos que são

uma prática corrente e já conhecida entre as forças repressivas de Videla, método que consiste no puro e simples fuzilamento de 7, 8 ou 10 presos para, em seguida, num comunicado oficial, serem demonstrados novos «êxitos» na luta contra a guerrilha.

Gustavo Roca tem mantido frequentes contactos a nível internacional para forçar as au-

toridades argentinas a publicar a lista dos presos, já que na sua grande maioria, são apontados como «desaparecidos». Durante o passado mês de Setembro, testemunhou na Câmara dos Representantes, nos Estados Unidos, contra o calcanhar dos Direitos Humanos no seu país, sob o Governo dos militares, ocasião em que recordou o caso de uma criança, filha de um uruguaio, Withelow Blanco, assassinado na Argentina na mesma altura em que dois deputados da mesma nacionalidade foram mortos em Buenos Aires. Segundo o relato, uma menina de nove anos foi obrigada a assistir à morte da sua mãe. Durante muitas semanas não conseguiu falar, devido ao golpe emocional. Actualmente, a única coisa que balbucia é «mamita fué rematada a tiros por un soldado».

O último dia de 1976 foi particularmente trágico. Ao todo morreram 28 pessoas, em «recontros». Como sempre, as forças policiais não sofreram baixas. A maioria da imprensa argentina calcula que mil pessoas foram mortas no ano passado, por pertencerem ao ERP ou aos Montoneros.

Durante o ano, foram descobertos mais de 200 cadáveres de pessoas mortas a tiro, mutilados e carbonizados, para que a identificação fosse dificultada ao máximo ou mesmo tornada impossível. O saldo do estado de guerra civil na Argentina de Videla tem como resultado um total de 1.400 pessoas mortas — sem contar os presos políticos, exilados ou «desaparecidos», que somam milhares. Entre as vítimas, contam-se exilados políticos na Argentina, como o ex-presidente boliviano Juan José Torres, depositado pelo actual ditador, da Bolívia Banzer, e os deputados uruguaio Michelini e Gutierrez Ruiz, assim como numerosas personalidades locais, 28 sindicalistas, 15 universitários e 9 sacerdotes.

SOREFAME

SOCIEDADES REUNIDAS
DE FABRICAÇÕES METÁLICAS, S.A.R.L.

Capital Realizado: Esc. 400 000 000\$00

Sede: Rua Vice-Almirante Azevedo Coutinho
AMADORA

Sorteio de Obrigações

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas de que no dia 19 do corrente mês de Janeiro, pelas 11 horas, se procederá na Sede da Empresa, ao 24.º Sorteio do primeiro empréstimo de 5 por cento, 1960-1980, sendo sorteadas 1206 obrigações, que serão amortizadas, pelo seu valor nominal de 1000\$00 cada, a partir do próximo dia 15 de Fevereiro de 1977, conforme o respectivo plano de amortizações, publicado no «Diário do Governo», 3.ª Série, n.º 178, de 1 de Agosto de 1960.

Amadora, 5 de Janeiro de 1977

O Administrador
José Antunes da Silva



SURDEZ

Recupere a sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSON — Organização especializada em protese auditiva.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.

PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — PARO: Rua Ivens, 24-26

Canal da Crítica

UNIÃO SOVIÉTICA: QUANDO O DESPORTO SERVE O HOMEM

Mário Castrim

Os professores Mirandela da Costa e Afonso dos Santos, no regimento de protocolos desportivos assinados entre Portugal e a União Soviética, visitaram este país. Por lá ficaram alguns dias a estudar a organização desportiva socialista. Viraram a tem à televisão para um breve encontro a propósito dessa visita.

Visivelmente impressionados com os resultados da sua visita, os entrevistados relataram alguns aspectos da organização soviética desportiva. Contaram-nos da imensa actividade que vai desde os comités de bairro até aos mais altos escalões. Descreveram a solicitude que o Estado Soviético dispensa à prática do desporto entre a juventude — e isto compreender-se-á melhor se soubermos que na U.R.S.S. o desporto, sob as mais variadas formas, se bebe praticamente do biberão, já que logo a partir do ingresso nos jardins de infância, ou seja, a partir dos três anos, as crianças são postas em contacto com formas embrionárias do desporto, da Educação Física.

Igualmente a formação de quadros mereceu uma atenção muito especial. Os operários do desporto — cientistas, professores, orientadores, treinadores, etc — são em grande número, na certeza comprovada de que, sem eles, a evolução desportiva é uma expressão sem sentido.

Os números de praticantes, de treinadores, de escolas para a formação de quadros, etc. são na realidade impressionantes. Mas o prof. Mirandela da Costa, muito justamente, pôs a tónica noutro aspecto do problema: na União Soviética, a

prática do desporto é um direito dos cidadãos.

Tem razão Mirandela da Costa: isto é o essencial da questão. Tudo, depois, decorre da capacidade da sociedade para garantir esse direito. A realidade prova que a sociedade socialista, e só ela, está em condições de oferecer tal garantia.

UMA PERSPECTIVA CULTURAL

Duas observações de Mirandela da Costa prenderam certamente a atenção dos espectadores. A primeira diz-nos que o desporto, na União Soviética, é encarado numa perspectiva cultural; a segunda adianta que na primeira pátria do Socialismo não há incompatibilidade entre a massificação desportiva e o desporto de alta competição antes, pelo contrário, se completam.

Sim: a perspectiva cultural do desporto, lucidamente anotado por Mirandela da Costa, aponta para um desporto entendido como factor na construção harmoniosa do indivíduo. Através do desporto prossegue a formação integral, que se opõe à alienação, aos subterrâneos da frustração: desporto como forma de construir e não de destruir.

Por outro lado, da prática generalizada do desporto nascem as grandes vocações, das grandes vocações nasce a grande competição a qual, por sua vez, vai influenciar a massificação. Este ciclo só no regime socialista é possível: fechar-se porque só no regime socialista a verdadeira massificação é possível.

Por exemplo: o aparecimento de um grande corredor co-

mo Carlos Lopes é susceptível de criar um grande interesse pelo atletismo entre nós; simplesmente, não estão criadas entre nós, condições para o aproveitamento integral desta sementeira.

Temos um exemplo, outro, aqui à porta. O grande tenista Santana desenvolveu em Espanha um súbito interesse pelo ténis. Nos dias seguintes àquele em que venceu uma grande

competição internacional, esgotaram-se em Espanha as raquetes e as bolas!

Os resultados deste interesse não estiveram de acordo com a onda levantada. Porque? Porque a um ocasional fenómeno de alta competição não corresponderam estruturas nem condições sociais para a massificação.

Continua na pag. 18

universal As 17 e às 23 horas



OS *um filme Jan de Némec*
mártires
do AMOR

AS PERIGOSAS FASCINAÇÕES DA BURGUESIA, NUM PAÍS SOCIALISTA

EXTERNATO CICLO PREPARATÓRIO CURSO LICEAL NOCTURNO

— ABERTAS AS INSCRIÇÕES —

(das 17 às 23 horas)

Av. Duque de Loulé, 71, 2.º — Telef. 40345

Que Azeite!
Que zeitininho!
Azeitissimo

Copaz.
o Azeite

Descubra Portugal
viajando de comboio



Em PORTIMÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA INGLESA

INSTALADO NA ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES

(JUNTO
AO CINEMA
IMPÉRIO)

SÓ ATÉ AMANHÃ

HOJE, às 16.30 e 21.30 horas

AMANHÃ, às 15, às 18 e às 21.30 horas

CIRCO MARIANO

(O VOSSO CIRCO)

EMP. HENRY TONY

HOJE ÀS 16H30—ANIVERSÁRIO DE HEIDI
BRINDES A TODAS AS CRIANÇAS

VENHAM VER em TODOS os ESPECTÁCULOS a ALEGRIA das CRIANÇAS e ADULTOS

HEIDI, PEDRO, AVÓ

ALP E YUKI

COM A COLABORAÇÃO
DA FARINHA PREDILETA

2 — PARELHAS DE PALHAÇOS — 2

«OS ELIZABETH'S
E CAMPOS FILHOS»

Pela 1.ª vez em Portugal, vindos directamente de Inglaterra

«OS ELEFANTES BEBÊS»



Hoje



Leitão de Barros, realizador do filme «Maria do Mar»

I PROGRAMA

- 16.15 **Ida e Volta** ... Um programa sobre transportes.
- 16.45 **O Povo e a Música** ... Danças de Baião.
- 17.15 **Janosik** ... Série polaca.
- 18.00 **Gentes, Mercados e Músicos**. Mercado de Inverno na Lapónia.
- 18.25 **Bota de 7 Léguas** ... Noticiário para jovens.
- 18.50 **Animação** ... Coordenação de Vasco Granja.
- 19.35 **O Mundo Tribal**.
- 20.30 **Telejornal** ... 2.ª edição.
- 21.35 **Espaço 1999** ... Série filmada.
- 22.30 **O Espectáculo de Sérgio Mendes e Brasil 77** ... No Talk Of The Town, em Londres. Produção e Realização da BBC.
- 23.15 **Fecho**.

II PROGRAMA

- 20.28 **Abertura e Telejornal**.
- 21.30 **Animação** ... Aspectos do cinema experimental.
- 22.00 **Cinemateca** ... «Maria do Mar». Filmado na Nazaré, Maria do Mar, conta-nos a história dum pescador e da sua namorada, a Maria do Mar. Amores contrariados, ódios, paixão, todo o dramatismo da vida dos pescadores da Nazaré, são mostrados numa realização muito certa de Leitão de Barros. Intérpretes: Rosa Maria, Oliveira Martins, Adalina Abranches, Alves da Cunha, Perpétua dos Santos, Dr. Horta e Costa, António Duarte e Maria Leo. Começada a rodar a 23 de Outubro de 1928, «Maria do Mar» viria a ser estreada no S. Luís, a 20 de Maio de 1930.
- 23.20 **Fecho**.

DESTAQUES

I PROGRAMA

Espectáculo de Sérgio Mendes e Brasil-77
(22.30)

II PROGRAMA

Maria do Mar
(22.00)

Amanhã

I PROGRAMA

- 12.30: Abertura e Missa de Domingo; 13.10: Woobinda; 13.40: Desenhos animados; 14.00: Telejornal ... 1.ª edição; 14.15: Zé Povinho faz 100 anos; 14.40: A Invencível; 16.15: Haja Saúde; 16.40: A Voz da vida; 17.10: Cabeça, Tronco e Membros; 17.55: Heidi; 18.20: O Clube do Ferro Velho; 18.55: TV Rural; 20.00: Futebol; 21.30: Concurso «O Gesto é Tudo»; 22.35: A Família Bellamy; 23.30: Fecho.

II PROGRAMA

- 20.30: Abertura e Telejornal; 21.30: Mesa Redonda; 23.00: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ
E EFICIENCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO
PERMANENTE

Telefs. 722786-831271

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Espectáculos

Crítica
de
Teatro

CARLOS PORTO

Os operários do Natal

Os Operários do Natal, de Ary dos Santos e Joaquim Pessoa. Música: Fernando Tordo, Paulo de Carvalho, Carlos Mendes e Offenbach. Encenação: Henrique Viana. Coreografia: Fernando Lima. Cenografia: Maria Helena Reis. Figurinos: Madalena Fernandes. Direcção musical: Correia Martins. Interpretação: Anabela, Ermelinda Duarte, Daniel Filipe, Carlos Bombom, Virgílio Castelo, Ana Margarida, Maria N'Zambi, Lia Sena, Marília Costa Celso, Jacavém, Mário Faisca, Magda Cardoso, Fernando Oliveira, etc. Teatro Adoque. Martim Moniz.

No número de Natal do «Expresso», numa secção em que irresponsavelmente recomendava espectáculos infantis em cena, Helena Vaz da Silva referia-se com desprezo aos «Operários do Natal», «coitadinhos, tão bonzinhos a começar pelos paizinhos...». Não estranhemos que Helena Vaz da Silva ironize com a visão proposta pelo espectáculo do Adoque: poderia ela entender, por exemplo, o que distingue os senhores papás que dispõem de colégios ricos para os filhos, e de empregadas, e podem oferecer-lhes brinquedos caros, dos paizinhos que correm de casa para o emprego, do emprego para casa, sem creches ou infantários aos quais possam confiar os seus filhos? Que também por aí passe a condição de classe e a luta de classes — já o demonstrara Brecht com «O Círculo de Giz Caucasiano» e, sem querer, confirma-o a nota aparentemente insignificante do «Expresso».

O Teatro Adoque conseguiu fazer um espectáculo para

crianças que é ao mesmo tempo uma festa para os miúdos, que nela participam com entusiasmo e alegria, e um divertimento para os adultos, e para uns e outros uma chamada de atenção para aqueles que fazem o Natal, os operários do Natal (os pasteleiros, os vendedores de brinquedos, os palhaços, mas também os trabalhadores do teatro). O espectáculo é transparentemente um acto moral sem que tal implique qualquer sacrifício dos seus aspectos lúdicos que abrangem a música e a interpretação, os figurinos e os cenários.

Servindo-se do esquema da revista, com duas narradoras (Anabela e Ermelinda), e com muitas canções e danças, o espectáculo mantém constantemente desperta a atenção dos pequenos espectadores sem deixar de apontar o caminho da unidade como solução para os problemas de crianças e de adultos de Offenbach muito bem dançado por Magda Cardoso e pelos seus companheiros, embora interessando talvez mais os adultos do que as crianças.

O que mais nos agradou neste espectáculo foi o cuidado de que a sua realização foi rodeada. Não se trata de um espectáculo para encher o Natal porque está ao nível daquilo a que o Adoque nos habituou. Entender que as crianças merecem o melhor, é meio caminho andado.

“Vitória em Entebbe”: protestos e prisões

O filme norte-americano «Vitória em Entebbe» continua a despertar protestos, provocar manifestações e... prisões. Ontem, foram detidas duas pessoas na R. F. Alemã, depois de terem sido encontradas, esta semana, bombas incendiárias que haviam sido colocadas em cinemas que exibem o filme, pró-sionista, que mostra a operação de invasão do território do Uganda por «comandos» de Israel a fim de resgatar reféns de um avião que havia sido desviado por guerrilheiros.

Uma bomba colocada em Dusseldorf, na passada segunda-feira, foi despoletada antes da hora da explosão. Uma outra, num cinema de Aachen,

não chegou a rebentar. A Polícia informou que a organização «Células Revolucionárias» Combatentes para uma Palestina Livre reivindicou a responsabilidade pelas bombas.

No início desta semana, os cinemas da Grécia deixaram de exhibir «Vitória em Entebbe» depois de terem sido encontradas bombas em três deles.



CASINO ESTORIL
SLOT MACHINES
MÁQUINAS DE 21 ANOS
SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS

LIZA PAGE
“ZAZZAM FOLIES”
Produção BOB AZZAM

VEGETA NORTE-AMERICANA
DO CINEMA
E DA CANÇÃO

JOHN SEIDEL
“HIGH ORQ. CASINO TENSION”
“SYGMA”
ESTORIL dirigida por Ferrer Trindade

LES AMAZONES “STRIP-SHOW”
SONOWONDER BAR

SALA ORISTAU RANTELAS 25,50 (não aconselhável a M. 13)
WONDERBAR 1,00 (interdito a M. 18)
Consumo mínimo, sábados 1,00-00-Restantes dias 1,20-00 (t.s.c.)

MATINÉE aos DOMINGOS às 17 horas
Chá completo 100\$00 (t.s.c. impostos incluídos)

teatro do bairro alto

R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05

teatro da Cornucópia

O treino do campeão antes da corrida
le Michel Deutsch

SÓ ATÉ 22
Todas as noites às 21.45
Domingos, às 18 e às 21.45 horas
M. 18 anos

**2 SALAS
2 ESPECTÁCULOS**

os comicos

APRESENTAM

«Do Teatro ao Cais Sodré»
de JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA
Encenação de FERNANDO HEITOR

**HOJE, às 21.45
AMANHÃ às 18 horas**

TEATRO INFANTIL DE LISBOA

MANECAS NA IDADE DA PEDRA

NO TEATRO ABC

AMANHÃ, AS 11 H.

Subsidiado pelo S. E. C.
Bilhetes desde 15\$00
GRATIS ATÉ 6 ANOS

Cenas & Cenários

INTRODUÇÃO À MÍMICA

A Gulbenkian vai organizar um estágio de introdução à mímica, dirigido pela professora Mary Wyllie, que lecciona na Central School of Dramatic Arts, de Londres. O estágio terá o máximo de 20 participantes, que se devem inscrever até ao dia 11. Num primeiro encontro serão seleccionados os candidatos, através de uma audição em que o candidato improvisará sobre um tema dado. A frequência é gratuita.

“O ESCRITÓRIO” EM CENA

No Teatro Vasco Santana encontra-se em cena a sátira do escritor checoslovaco Václav Havel o «O Escritório», na interpretação de Mário Pereira, Carlos Duarte, Susana Prado, Cremilda Gil, Fernanda Coimbra, Helena Félix, Vítor Hugo, Fernanda Montemor, Diniz Castelo, José Brás, Augusto Leal e Manuela Cassola. É a 33.ª peça apresentada pela Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa, que, ao cabo de 12 anos de actividade, vê comprometida a sua subsistência por falta de subsídio que cubra parte das despesas básicas.

“Á VOLTA DO CAMALEÃO ALFACE”

O Teatro do Nosso Tempo iniciou com «A volta do camaleão alface» uma série dedicada ao público infantil, que é apresentada todas as quintas-feiras, às 17 e 30, e sábados, domingos e feriados, às 15 e 30. A peça é de Maria Clara Machado, com realização de Rui Luiz.

“NÓS POR CÁ TODOS BEM...”

Rodado numa pequena aldeia da Beira, a Várzea dos Amarelos, está já na fase de conclusão o filme de Fernando Lopes «Nós por cá todos bem...», produzido pelo Centro Português de Cinema e com participação financeira do IPC. O enredo parte de uma família, cuja história é contada por cartas enviadas pelos seus membros, espalhados um pouco por toda a parte.

MARIA VITÓRIA

TELEF. 36 17 40

UM ÉXITO!

HOJE E TODOS OS DIAS
2 SESSÕES: AS 20.30 e 22.45 H.

Aos DOMINGOS e FERIADOS
«MATINÉES», às 16 horas

AS 2.ª FEIRAS: DESCANSO —
A MELHOR
REVISTA DOS ÚLTIMOS ANOS!
A NOVA PLURALIREVISTA

O BOMBO DA FESTA!
Não acons. m. 18 a.

com SALVADOR 1. IVONE
SILVA 3. LYGIA TELLES

A frente de um grande elenco
e um grupo de baile internacional!

NACIONAL DA I DIVISÃO

Os jogos do dia no Restelo e no Bonfim

Os dois encontros mais importantes da 13.ª jornada do campeonato nacional de futebol da I Divisão que se realiza este fim-de-semana são certamente o Vitória de Setúbal-Sporting e o Belenenses-F.C.Porto. Todas as atenções estão assim voltadas para o Bonfim e para o Restelo. Não somos profetas, mas, se não é provável, é pelo menos possível que dos resultados finais dos encontros que aí vão ter lugar saiam alteradas as perspectivas actuais da situação em que a competição se encontra: o Sporting à frente com uma margem relativamente larga de seis pontos sobre o seu mais directo concorrente, o Benfica, logo atrás deste umas quantas equipas batendo-se pelos lugares que dão acesso às competições europeias, e, no fosso da tabela, os «teams» menos habilitados lutando para escaparem aos lugares de despromoção.

A importância do jogo que vai realizar-se amanhã à tarde em Setúbal deve-se a dois factores principais; primeiro, o Vitória aparece no momento actual como um grupo em fase de franca recuperação e já está isolado em quarto lugar na tabela classificativa depois de alguns bons resultados nas últimas jornadas; depois o adversário é esse Sporting de Hagan, que ainda não perdeu. Para os curiosos: há seis anos que os «leões» não ganham

em Setúbal: perderam duas vezes e empataram quatro. Não vamos aqui apostar em resultado algum. Todavia, é evidente que uma derrota do actual líder só poderia favorecer a competição. Sobretudo se o F.C. Porto entretanto viesse ao Restelo ganhar dois pontos — e partindo do princípio que o Benfica não vai perder ponto nenhum na Luz com o Montijo. A turma de Mortimore ficaria a quatro pontos do primeiro lugar, e o F.C.Porto a cinco. Reganhará

proporções aquela ideia de antes do campeonato começar segundo a qual a turma treinada por Pedroto era uma das favoritas para a conquista do título. Mas tudo isto é evidente que são especulações. Em primeiro lugar, nada faz prever que o Sporting venha sem pontos da viagem a Setúbal. Depois resta saber se o Belenenses é adversário a quem o Porto conquiste sequer um ponto assim tão facilmente. Para os curiosos: há cinco anos que o Porto não ganha no Restelo: perdeu quatro vezes e empatou uma. Ademais, não será de excluir que o Benfica encontre um obstáculo inesperado. Certo que o Montijo, no campeonato em curso e em seis jogos fora ainda não ganhou um ponto que fosse. Mas nem isso oferece seguras garantias para um vaticínio sem hesitações.

A jornada começa esta tarde com o Boavista-Atlético. Vamos recorrer a um pouco de bom senso e prever a vitória da equipa visitada. O mesmo

recurso permitirá a previsão de que os restantes «visitados» irão ganhar; ou, pelo menos, não perder: o Varzim contra o Estoril, o Académico contra o Braga, o Vitória de Guimarães contra o Beira-Mar — e o Portimonense contra o Leixões? Uma inflexão para este último encontro: e se os matosinhos vão perder no Algarve?

II DIVISÃO

Entretanto cumpre-se este fim-de-semana a 15.ª jornada, primeira da segunda volta, da II Divisão.

Na zona Norte há um encontro a atrair atenções: o Paços de Ferreira-Fafe. Defontram-se os dois primeiros da classificação. Os dois segundos (com menos dois pontos que os primeiros) vão deabalada, o Lusitânia de Lourosa a Vila Real, o Riopelle a Espinho.

Na zona Centro, o guia Feirense vem às Caldas da Rainha e o segundo classificado, União de Coimbra (cinco pontos a menos) desloca-se a Tomar, e os dois terceiros também têm deslocações.

Na zona Sul, também o guia se desloca: é o Marítimo do Funchal e vem ao Algarve jogar com o Olhanense. Quatro pontos atrasados, os dois segundos têm igualmente jogos noutros campos: Cuf em Évora contra o Lusitano, Vasco da Gama em Odivelas.

OS JOGOS QUE LISBOA PODE VER

Pelo relance breve, já se viu: amanhã o lisboeta que gosta de futebol tem dois encontros para escolher: o Benfica-Montijo no Estádio da Luz, e o Belenenses-F.C.Porto no Restelo. Parece que o segundo é mais aliciante, pelo menos à partida.

Entretanto, Setúbal fica a quarenta quilómetros, e se o jogo do Restelo promete, o Vitória-Sporting ainda promete mais.

O PORTO SEM FÚTEBOL DE PRIMEIRA

Se Lisboa tem dois jogos da I Divisão domingo à tarde, e ainda outro a curta distância, já o Porto passará o domingo sem futebol de primeira intramuros ou sequer nos arredores. O Boavista-Atlético é esta tarde. O portuense viciado no espectáculo, se não estiver para ir a Guimarães ver o Vitória-Beira-Mar (com Eusébio) o que tem a fazer é pôr-se logo de manhã a caminho de Lisboa. Sugestão talvez desnecessária: certamente a esta hora já tem tudo combinado e a capital amanhã aí o tem.

Desporto

Jogos Olímpicos: só prejuízo

MONTREAL, 8.º (ANOP) — A cidade de Montreal — que custeará a maior parte das despesas dos Jogos Olímpicos — terá de pagar anualmente à sua parte 21,3 milhões de dólares, até 1997, para cobrir o défice olímpico que ascende a quase mil milhões de dólares — anunciou a Comissão Municipal do Quebec.

O perito económico Michael Fairstat, do Movimento Cívico de Montreal — considera que o pagamento da dívida será feito

to à custa dos habitantes de Montreal e diminuirá a capacidade da urbe para financiar obras públicas importantes, tais como um complexo de purificação da água.

Fairstat qualificou a dívida como «um exemplo dos grandes disparates da actual administração municipal».

A cidade de Montreal terá de pagar no total cerca de 426 milhões de dólares, sensivelmente o dobro dos 214 milhões de dólares previstos inicialmente.

Ténis internacional esta tarde em Coimbra

Com um encontro Portugal-Mónaco começa esta tarde (desde as 15 horas) no Pavilhão do Estádio Universitário em Coimbra, a Taça «Saab King», em ténis. A prova pode considerar-se — e assim se considera no âmbito restrito do ténis — como um campeonato da Europa da modalidade.

A equipa portuguesa faz parte do grupo B da segunda divisão, juntamente com o adversário de hoje e ainda a Bélgica e a Itália. Na opinião dos entendidos — na opinião de David Cohen, o responsável técnico pela equipa portuguesa, por exemplo — não há para esta qualquer hipótese de triunfar, a não ser sobre o Mónaco. Mas mesmo esta hipótese é apenas de admitir. Em declarações recentes, David Cohen afirmou que a equipa portuguesa é superior e pode ganhar, se os seus elementos tiverem comportamento à altura das possibilidades. Lembra-se no entanto que foi o Mónaco que eliminou Portugal para a Taça Davis, não há muito ainda.

O interesse do torneio para a equipa portuguesa reside nos contactos que a participação proporciona.

Conhecem-se entretanto as datas para os encontros seguintes: dia 16 é em Liège, contra a Bélgica; dia 23, em Bolonha, contra a Itália. Há depois uma «segunda mão»: o se-

gundo encontro com o Mónaco é em Monte Carlo no dia 30 do corrente; com a Bélgica e a Itália, Portugal voltará a encontrar-se respectivamente a 5 e 12 do mês que vem.

O favoritismo para o primeiro lugar centra-se na equipa italiana. Lembra-se que a Itália

ganhou a Taça Davis em 1976.

Nomes da equipa portuguesa: José Vilela, Sérgio Cruz, Luís Filipe e Miguel Soares. A participação desta equipa no torneio foi organizada pela Escola de Ténis João Lago, por delegação da Federação Portuguesa da Modalidade.

Beckenbauer investe no Egipto

CAIRO, 8 — (F. P.) — Beckenbauer, «capitão» da selecção de futebol da R. F. A., manifestou o desejo de investir sete milhões de dólares no Egipto, anuncia a Imprensa do Cairo.

O projecto foi comunicado a Ahmed Osman, antigo minis-

tro da Reconstrução egípcia, que se dispõe a estudar atentamente tal proposta.

A presença de Beckenbauer, no Cairo, deve-se ao convite que lhe foi endereçado para assistir ao casamento da filha mais nova do Presidente Sadate com o filho de Osman.

Olimpiada estudarem as experiências de Munique e Montreal. Em Moscovo, prevê-se erguer uma grande sala de desporto com paredes cor-de-rosa. Os desportistas disporão também de pistas de atletismo a céu aberto para se exercitarem antes das competições e uma piscina coberta de oito pistas. Os restaurantes e cafés poderão servir simultaneamente quatro mil pessoas. Os atletas olímpicos terão também à sua disposição estafetas dos correios, uma central telefónica automática, um banco, uma policlínica, farmácia, cinema e discoteca.

LÁ FORA

ALDEIA OLÍMPICA

A Aldeia Olímpica de Moscovo ocupará uma área de 107 hectares, ficando a dez-quinze minutos de autocarro do complexo desportivo de Luzhnik, do canal de regatas e dos velódromos para instalar os 12 mil desportistas foram projectados 18 edifícios de 16 andares, com apartamentos de duas e três habitações que depois das Olimpíadas serão utilizados pelos mocovitas. As comissões do comité organizador da

PRACISTA

Para a zona de Lisboa, bem relacionado e conhecedor do ramo de tecidos de algodão, precisa grande unidade textil, produtora de artigos já introduzidos na praça e com valor elevado de vendas.

Pedem-se todas as informações detalhadas, firmas que representa ou representou e curriculum vitae.

Resposta a este jornal ao n.º 1887.

AMORTECEDORES

Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A (Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B (A Benfca)

PASSAPORTES
abreu
Av. da Liberdade 180-LISBOA

GANHE MAIS DE 3000 \$ SEMANAIS



REPARANDO AUTOMÓVEIS

Se você é uma pessoa apaixonada pela mecânica, pelo automóvel, pelo «moto-cross» ou por alguma das variadas e sugestivas actividades que se desenvolvem ao redor do motor, não duvide de que o seu futuro está na mecânica de automóveis. Uma profissão bem cotada e que goza de grande prestígio.

MECÂNICO DE AUTOMÓVEIS

Faltam bons mecânicos. Em pouco tempo, você dominará os segredos do automóvel, estudando em sua casa o curso de MECÂNICO DE AUTOMÓVEIS por correspondência que CETOP tem à sua disposição.

CETOP CENTRO DE ENSINO TÉCNICO E PROFISSIONAL A DISTÂNCIA
Apartado 7, Mira Sintra, Mem Martins - Portugal

Queiram enviar-me, grátis, e sem compromisso, o folheto do curso de

NOME: _____
MORADA: _____
LOCALIDADE: _____ Ref. R-377

CETOP Membro do Conselho Europeu de Ensino por Correspondência

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE CARNES DOS DISTRITOS DE SETÚBAL E SANTARÉM

SEDE EM MONTIJO

Nos termos do artigo 32.º dos estatutos, convocam-se todos os associados a reunir em ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, no próximo dia 15 de Janeiro, pelas 15 horas, no Centro, Rua Serpa Pinto, 60, Montijo, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º — Relatório de Contas de 1976 e orçamento para 1977.
- 2.º — Congresso dos Sindicatos.
- 3.º — Diversos.

(A reunião tem início à hora marcada. É indispensável a apresentação do cartão de associado).

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
Eduardo de Almeida

Geral

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

Mirandela da Costa tem certamente em vista estas situações quando nos recorda que o desporto não pode ser considerado à margem da prática social que o envolve. Não há compartimentos estanques. Daqui se infere que as estruturas desportivas não se constroem de acordo com a sociedade em que se vive ou para a qual se caminha.

A estrutura desportiva existente em Portugal, por exemplo, não está de maneira nenhuma de acordo com a sociedade para a qual aponta a nossa Constituição. O desporto profissional, mercenário, é uma ofensa à situação desportiva do país real. Não diz a bota com a perdigota. É uma qualidade fictícia, com pés de barro: a todo o momento se comprova a sua hipocrisia.

O caminho, pois, não é por aí. Outra via terá de ser encetada. Percam as esperanças os saudosistas da alienação. Só um desporto entendido numa perspectiva cultural pode conduzir à grande competição — que é sempre um espectáculo memorável. Mas só ele, ainda, pode trazer-nos um bem mais precioso: a alegria puríssima de praticar desporto. De praticá-lo sem remorso.

PAL JÁ EMPALMOU?

Dizem para aí que a televisão não quer saber para nada das críticas. Mentira. Por exemplo: a crítica censura que a RTP atire cá para fora com certas produções como quem põe filhos na roda, sem uma apresentação, sem nada. Vai daí, a RTP considera que estes tipos tem razão e começa a apresentar.

Ontem referiu-se ao filme de hoje no segundo programa. **Maria do mar** como sendo um filme bem característico da vida dos pescadores da Nazaré e explicou que tinha **amores contrariados, ódios, paixões**.

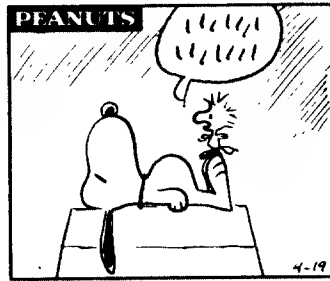
E foi para isto, Fugas Roupinho, foi para isto que te fizeram o milagre no Sítio...

Quanto ao **Eduardo VII** ficamos a saber, antes de mais nada, que granjeou enorme popularidade, vocês sabem graças a quê? Vocês não sabem porque não são do Lumiar. Mas a RTP sabe: porque era um rei de **grande afabilidade, elegância, aventuras e gosto pelos desportos**.

A história assim feita à maneira do Lumiar convenhamos que tem certo sabor...

Quanto ao **Eduardo VII** e suas coscuvilhices britânicas, falaremos oportunamente. Mas

já agora, que diabo, podiam guardá-la para quando tivéssemos televisão a cores pelo sistema Lomaz (não, não é esse, é o Rosa!). É um sistema que sai caro, mas enfim, quando metemos a mão ao bolso para ver televisão a cores, todo o róseo dinheiro é pouco, não é?



CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA ANÚNCIO

AQUISIÇÃO DE 100 TAMPAS E AROS DE FERRO PARA CAIXAS DE VISITA DE COLECTORES

Faz-se saber que, de harmonia com a deliberação camarária de 17/11/76 se encontra aberto concurso público para o fornecimento em epígrafe, sendo de 20 dias o prazo para apresentação das propostas. Este prazo será contado a partir do dia seguinte ao da publicação do presente aviso no «Diário da República». No caso de o último dia cair num sábado, o termo do prazo passa para o primeiro dia útil seguinte.

O acto público do concurso realizar-se-á na primeira reunião da Câmara que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Caução provisória 5.000\$00

A caução definitiva será de 5% do valor global da adjudicação.

A caução provisória é prestada mediante depósito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, à ordem desta Câmara Municipal, por guia preenchida pelos concorrentes, de harmonia com o modelo anexo ao programa de concurso, ou mediante garantia bancária.

O programa de concurso e caderno de encargos estarão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secção de Obras da Câmara Municipal.

As propostas deverão ser enviadas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, ou entregues directamente na Secretaria da Câmara Municipal, contra recibo.

Vila Franca de Xira, 22 de Dezembro de 1976

Pelo Presidente da Comissão Administrativa
José António Veríssimo da Silva

PUB

STAL SINDICATO DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO COMUNICADO

AOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL REVISÃO SALARIAL

Numa reunião havida com o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública - Zona Sul, foi-nos relatada uma entrevista daquele Sindicato com o Secretário de Estado da Administração Pública da qual se salienta:

O GOVERNO APROVOU UM DECRETO-LEI QUE ENVIU À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA PARA PROMULGAÇÃO, O QUAL ESTIPULA UM AUMENTO SALARIAL NO MONTANTE DE 15% SOBRE OS SALÁRIOS DOS TRABALHADORES DO SECTOR PÚBLICO.

ESTE PROJECTO NÃO FOI DISCUTIDO COM AS ORGANIZAÇÕES SINDICAIS POIS NA ÓPTICA DO MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA NÃO CONSTITUI UMA REVISÃO DA TABELA SALARIAL, MAS UMA SIMPLES ACTUALIZAÇÃO FACE AO AUMENTO DO CUSTO DE VIDA.

Perante esta medida governamental lesiva dos interesses dos trabalhadores da Administração Local, geradora de disparidades salariais mais gritantes do que aquelas que já existem, objectivamente inconstitucional, são os trabalhadores chamados a pronunciar-se e a fornecer directrizes à Direcção do seu Sindicato, tendo em vista a perspectiva da sua concretização.

Essa atitude que se julga haver que ser indispensavelmente firme será demonstrativa da inabalável decisão dos trabalhadores da Administração Local em defender os seus legítimos direitos.

A Comissão Coordenadora cumprirá executar as directrizes que os trabalhadores vierem a definir através das suas estruturas organizativas: CRTs, Secretariados Distritais e Conselho de Secretariados a realizar em 15 e 16 de Janeiro em Aveiro.

Santarém, 6 de Janeiro de 1976.

A COMISSÃO COORDENADORA TRANSITÓRIA

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco

TEMPERATURAS EXTREMAS

BRAGA Máxima 11,8°
PENHAS DOURADAS
Mínima 06,4°

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco de Leste; condições favoráveis à formação de geada nas terras do interior

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO 9°
COIMBRA 9°
PORTALEGRE 10°
LISBOA 7°
FARO 10°
FUNCHAL 14°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR
4.46 4,0 m 10.24 0,9 m
17.07 3,8 m 22.35 1,0 m

DIA 9

5.21 4,0 m 11.04 1,0 m
17.44 3,8 m 23.16 1,1 m

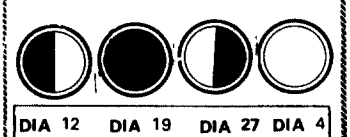
DIA 10

5.58 3,9 m 11.47 1,1 m
18.24 3,7 m

AMANHÃ



NAScer AS 7.55
OCASo AS 17.33



DIA 12 DIA 19 DIA 27 DIA 4

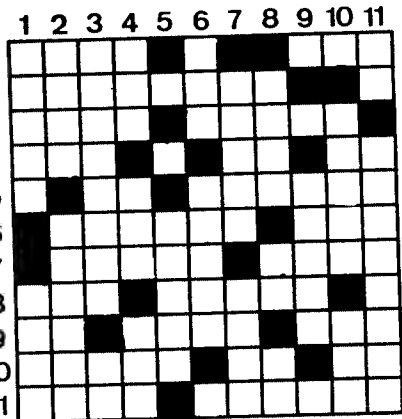
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11645

HORIZONTAIS:

- 1 Batráquio anuro. Pronome relativo.
- 2 Segura com amarras.
- 3 Folha de ferro estanhada. Naípe das cartas de jogar.
- 4 Prefixo que designa três. Ruim. Amónio (s.q.).
- 5 Vi. Murmuração.
- 6 Prantejar. Zombas.
- 7 Linha secundária de Caminho-de-Ferro. Épocas.
- 8 Suspiros. Uma das ilhas Jónias.
- 9 Gálio (s.q.). Filtras. Apellido.
- 10 Gritas. (fig.). Saudável. Vi.
- 11 Árvore indiana usada como adstringente. Aldeia de Itália.



VERTICAIS:

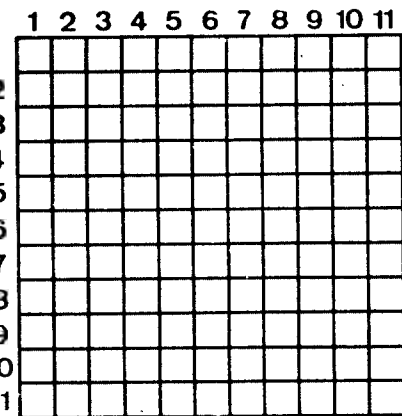
- 1 Cidade da Argentina. Suor.
- 2 Estimar. Educar.
- 3 Pestanas. Rado (s.q.).
- 4 Agora. O mesmo que ião. Cabelos brancos.
- 5 Coriscos.
- 6 Negativa. Privação.
- 7 Versejar. Tosto.
- 8 Terra nova e arreitada de fresco. Era Cristã. Artigo definido.
- 9 Cidade de França.
- 10 Salubre. Naquela lugar.
- 11 Tempo do verbo ser. Cidade de Itália. Seguiu.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRPIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7705

HORIZONTAIS:

- 1 Antiga cidade de Monte Albano. Instrumento de tortura.
- 2 Assanha. Crómio (s.q.). Campeão.
- 3 Baliza. Astúcia.
- 4 O mesmo que islamista.
- 5 Anel.
- 6 Preposição. Guarnecera de asas. Gálio (s.q.).
- 7 Montões. Férteis.
- 8 Cidade do Japão. Adória.
- 9 Pesquiso. Arons.
- 10 Agora. Igual. Preposição.
- 11 Nome de planeta. Cantigas.



VERTICAIS:

- 1 Familiar. Ente. Preposição.
- 2 Parte do lombo dos bovinos entre a pá e o cachaço. Escavara.
- 3 Deitar. Assassinar.
- 4 A Pérsia. Ilha do Pequeno Belt.
- 5 Autores. Povo. Nome de Letra.
- 6 Tempo do verbo ser. Fútil.
- 7 Duzentos, em romano. Tosta. Batráquio.
- 8 Anseia. Ópera de Verdi.
- 9 Ilha do estado da Bala. Enrubescer.
- 10 Prejuízo. Apellido.
- 11 Membro de ave. Cabelos brancos. Catedrais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7704

HORIZONTAIS:

- 1 TERRA. Amolo.
- 2 Amial. Catar.
- 3 Pau. Asas.
- 4 Nas. Sam. Oca.
- 5 Er. Babar. Ar.
- 6 Dom. Rui.
- 7 Ruim. Moca.
- 8 Art. Aar. Dar.
- 9 Nardo. Mar.
- 10 Daria. Rodar.
- 11 As. Ro. Arosa.

VERTICAIS:

- 1 Ta. NEGRA. DA.
- 2 Empar. Urnas.
- 3 Rias. Ditar.
- 4 Rau. BOM. Rir.
- 5 Al. Sam. Adão.
- 6 Ab. PAO.
- 7 Acamar. Rã.
- 8 Mas. Rum. Mor.
- 9 Otão. Iodado.
- 10 Lasca. Caras.
- 11 Or. Arcar. Rã.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11644

HORIZONTAIS:

- 1 Mação. Arrás.
- 2 Atear. Muito.
- 3 Regras. Airas.
- 4 Ria. CC. AC.
- 5 Assim. Assoa.
- 6 Rosca.
- 7 Balir. Atuum.
- 8 Ébano. Ranca.
- 9 To. To.
- 10 Arã. Dão. Aam
- 11 Sasse. Passe.

VERTICAIS:

- 1 Marrã. Belas.
- 2 Ateis. Ab. Rã.
- 3 Cegas. Latas.
- 4 Aar. Irino.
- 5 Ora. Moro. De.
- 6 Mã.
- 7 Amacacar. Op.
- 8 Rui. Satão.
- 9 Rirãs. Untas.
- 10 Ataco. Ac. As.
- 11 Sós. Maomé.

Provérbio: TERRA NEGRA. DÁ BOM PAO

BARES - BOTES
RESTAURANTES
TIPICOS
DANCINGS

NINA Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859/368197. Rosy Striples seuse

CASINO ESTORIL ... Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264596/264621/264946

Caminhos de Ferro Portugueses
de 10 de Dezembro a 10 de Janeiro
EXITE EXPEDIR
PEQUENAS REMESSAS

farmácias de serviço

LISBOA

Até às 22 horas

ASCENSÃO — P. Norte, 11-A (B. Encarnação). Tel. 311216-310177
BAIRRÃO — Rua Prior do Crato, 5, Tel. 661321.
BENFILIZ — Estrada Benfica, 444-A, Tel. 782606.
CARDEIRA — Av. Duque de Ávila, 32-C, Tel. 43495.
CARRONDO — Rua Padre Sena de Freitas, 10-A, Tel. 842518.
CONCEIÇÃO — C. D. Gastão, 30-32, Tel. 361279.
DOURO — Alameda Linhas de Torres, 93-A-B, Tel. 791131.
ESTEFÂNIA — R. Pascoal de Melo, 44, Tel. 44438.
GALEIA — Rua das Pretas, 21-A, Tel. 322588.
GOMES, SUCR. — Rua Junqueira, 326, Tel. 638193.
LUSA — Av. Almirante Reis, 199-A, Tel. 41269.
MARCOS DO NASCIMENTO — C. Marques de Abrantes, 36-A, Tel. 664238.
MARLUZ — C. da Picheleira, 140-B-C, Tel. 720703-728395.
NOVA — R. de Campolide, 297-C, Tel. 687475.
OLIVAIS — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 311237.
PINHARANDA — Rua da Rosa, 94-96, Tel. 321534.
PINHEIRO — Rua Campo de Ourique, 131-133, Tel. 686640.
RIO DE JANEIRO — Av. Rio de Janeiro, 4-C, Tel. 721409.
RONIL — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438.
SA DA BANDEIRA — Rua M. Sá da Bandeira, 36-42, Tel. 54672.
SANTO ANTONIO — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333.
SANTA MARIA — Av. 5 de Outubro, 263-A, Tel. 763016.
SILVA CARVALHO — R. dos Fanqueiros, 126, Tel. 873875.
S. BARTOLOMEU — V. Paulo Jorge, 1, Tel. 790969.
SOARES — Av. Álvares Cabral, 1, Tel. 684282.
UNIÃO — Rua Saraiva de Carvalho, 145-F, Tel. 683643.
VERA CRUZ — P. Alf. Peixoto, 2-B, Tel. 724941.
ZIL — Av. da Igreja, 9-D-E, Tel. 1780.

Permanente
CARDEIRA — Av. Duque de Ávila, 32-C, Tel. 43495.
GOMES SUCR. — R. da Junqueira, 326, Tel. 638193.
MARLUZ — C. da Picheleira, 140-B-C, Tel. 720703-728395.
NOVA — Rua Campolide, 297-C, Tel. 687475.
SANTA MARIA — Av. 5 de Outubro, 263-A, Tel. 763016.
S. BARTOLOMEU — V. Paulo Jorge, 1, Tel. 790969.
SOARES — Av. Álvares Cabral, 1, Tel. 684282.

LINHA DE CASCAIS

ALGES — Miraflores, R. António Granjo, 2 (Tel. 2113161)
ALCABIDECHÉ — Carvalho
PORTO SALVO — Porto Salvo
CAXIAS — Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
CARCAVELOS — Central
S. DOMINGOS DE RANA — Godinho da Silveira, Av. Sa-boa, 29-B (Tel. 260085)
NOVA OBRAS — Leal
PARADE — Junqueiro
MURTAL — Primavera
AMORRIBRA — Amoreira, 2622313/267314 (Tel. 2622313/267314)
CASCAIS — Cascais, Telef. 280141. Até às 22 h e das 0 às 9 h.
OEIRAS — Godinho (Telef. 2430090). Até às 22 h.
PAÇO DE ARCOS — Brás (Tel. 2432034). Até às 22 h e das 0 às 9 h.
PARADE — Alisr (Tel. 2472948). Até às 22 h.

LINHA DE SINTRA
AMADORA — Igreja, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740) Serviço permanente; Melo, Av. D. João I, 9-B (Tel. 932756) Até às 22 horas; Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210) Até às 22 horas; Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120 - Reboleira (Tel. 938424) Até às 22 horas
DAMAIA — D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461) Até às 22 horas
QUELUZ — Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045)
CACÉM — Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)
MEM MARTINS — Miranda Garcia, Est. de Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Marrazes, Vila (T. 2930155) 2930155)
COLARES — Abreja, (Tel. 299088)
OUTRA BANDA
ALCOCHETE — Gameiro, L. Antonio dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)

ALHOS VEDROS

Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250)
ALMADA — Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (Tel. 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A (Tel. 2040141)
BARREIRO — Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2073212) Até às 19 horas; Mascarenhas Neto, R. Almeida Garrett (Tel. 2072454). Serviço Permanente
COVA DA PIEDADE — Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Tel. 2764466)
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO — Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Tel. 2310008)
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028)
SETÚBAL — Marques, R. Arronches Junqueiro (Tel. 22783); Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12 (Tel. 24558)
SEIXAL — Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO
 (De dia e só até às 22 horas)
PASTELEIRA — Rua André Resende, 92 — Tel. 687011.
ALMEIDA CUNHA — Rua Formosa, 327 — Tel. 24874.
CONTUMIL — Rua de Contumil, 540 — Tel. 485755.
SAMPAIO — Rua de Cedofeita, 636 — Tel. 21782.
VAZ TEIXEIRA — Rua do Heroísmo, 56 — Tel. 52782.
COSTA LIMA — Av. da Boavista, 855 — Tel. 60606.
MARQUES DE MENDONÇA — Rua do Ameal, 251 — Tel. 48118.
SÃO JERÓNIMO — Rua de Santos Pousada, 522 Tel. 54526.

(De dia e toda a noite)
ORIENTAL — Rua do Bonjardim, 727 — Tel. 27878.
CARDONA DOS SANTOS — Rua de D. Manuel II, 90 — Tel. 315051.
BIRRA — Praça da Liberdade, 125 — Tel. 20463.
MONTECATIVO — Ruado Monte Cativo, 44 — Tel. 481687.

COIMBRA
 (Das 9 horas às 9 do dia seguinte)
LOPES RODRIGUES — Rua Fernandes Tomás, 41 Tel. 22634.
OLIVAIS — Rua Bernardo Albuquerque, 159, Tel. 72904.

cinemas

cinemas

cinemas

ALVIADE
 1. 84, 146, 14, 16, 30, 19 e 21 15
 Os prados floridos, as montanhas, os vastos horizontes, são o pequeno mundo de
HEIDI
 8.ª semana
 um filme de Werner Jacob
 Para todos

APOLLO 70
 Tel. 763319 14, 16, 30, 19 e 21.15
 Ficção científica ou o epítio de humanidade
À BEIRA DO FIM
 de Richard Fleischer
 Não acons. a menores de 18 anos
 Hoje às 24 horas
 Grupo D (18 anos)
CHINATOWN
 De Roman Polanski

ATIS
 Tel. 4, 163 15.30, 18.30, 21.15
 Não acons. a menores de 13 anos
 Com Les Charlots
 10.ª Semana
OS MALUCOS EM HONG-KONG

BEIRNA
 Tel. 776098 14, 16, 30, 19 e 21.15
 O mais audacioso salvamento deste século
VITÓRIA EM ENTEBBE
 Com Helmut Berger, Linda Blair, Kirk Douglas
 Não acons. a menores de 13 anos

CALEIDOSCOPIO
 Tel. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
 O espectáculo de Natal por excelência
BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
 Um filme de Walt Disney
 5.ª semana
 Falado em Português
PARA TODOS

CASINO ESTORIL
 Tel. 264, 1, 264996 17.00 e 21.15
 Não acons. a men. de 18 anos
O IMPLACÁVEL
 C/Jean-Paul Belmondo e Bruno Cremer

CASIL
 Tel. 630194 15, 17, 19 e 21.15
 Interdito a menores de 18 anos
 As 24 h. Antestreia
QUE RICAS TIAS
 N.acons. men. 18 anos

COIDES
 Tel. 3, 1, 19.00, 21.15
 Não acons. a menores de 13 anos
 A missão impossível
O RAID RELÂMPAGO DOS COMANDOS
 C/Charles Bronson

EDEN
 Tel. 320768 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
 Alain Delon em
ZORRO
 4.ª Semana
 Um filme de Duccio Tessari
 Não acons. a menores de 13 anos

ESTÚDIO
 Tel. 535134 14.30, 16.45, 19 e 21.15
 Não acons. a men. de 13 anos
PROCESSO DIMITROV
 5.ª semana
 de Cristo Christov
 O Julgamento do Século!

ESTÚDIO 444
 Tel. 779095 14.30, 16.45, 19, 21.15
 (Interdito a men. de 18anos)
FESTA PRIVADA
 7.ª Semana
 c/ Isle Damsgard
 Hoje às 24 h **FESTA PRIVADA**

UNAS
 Tel. 574313 574313
 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
 Não acons. a men. 18 anos
CHOVE EM SANTIAGO
 Meio ano de lotações esgotadas
 O Chile de Allende e Pinochet

ODEON
 Tel. 326283 15.15, 18.15, 21.15
 Int. a men. de 18 anos
 2.ª Semana
ESQUADRÃO DO DRAGÃO
 Com os grandes ídolos das artes marciais

PATHE
 Tel. 8, 19, 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
 Int. a men. de 18 anos
A INICIAÇÃO DE FLOSSIE
 Este filme pode ser considerado pornográfico

POLITEAMA
 Tel. 323805 14.15, 16.30, 19 e 21.30
 Para todos
O SOLDADO AVENTUREIRO
 3.ª Semana
 com Bud Spencer

RESTELO
 Tel. 610376 15 e 21.15
É PRECISO VIVER PERIGOSAMENTE
 As 18.15
OS MALUCOS VÃO À GUERRA
 As 00.15 LUXÚRIA

ROMA
 Tel. 727778 15.30, 18.30 e 21.15
REMÉDIOS DE AMOR
 C/Birgit Bergen, Enzi Fuchs
 Interdito a men. 18 anos

rádio

1.º Programa
 16.00: Noticiário. Música variada. 17.00: Conjuntos. 18.00: Transmissão do Teatro de S. Luís de um programa de variedades organizado pela Rádio-difusão Portuguesa. 18.45: Orquestras. 19.00: Cantorias. 19.30: «O que eu tenho para dizer». 19.40: Música variada. 20.00: 11.º episódio do folhetim «As Minas de S. Francisco», de Fernando Namora, numa adaptação de Jorge Ferreira da Silva. 21.19: Música instrumental. 21.30: Biografias dos galardoados com a «Ordem da Liberdade»: Padre Joaquim Alves Correia. 22.00: «Contraponto». 00.00: «Último jornal». 00.15: «Jazz». 00.30: Conjuntos. 01.00: «Música na noite». 02.00: Sinal horário — Noticiário. Ronda noturna trabalhadores das Telecomunicações.

2.º Programa
 16.33: Solos de cravo: suite em mi menor, de Rameau; Tocata em ré maior, de Zupoli. 17.00: Bailado «Orfeu», de Stravinsky. 17.35: Obras de Brahms: Duas rapsódias op. 79, pela pianista Martha Argerich; Quarteto n.º 1 em sol menor, op. 25, pelo pianista Jorg Demus e elementos do Quarteto Droic. 18.30: Concerto sinfónico: 1.ª parte: Abu Hassan, abertura, de Mendelssohn. Intervalo: Madrigais, de Luca Marenzio. 2.ª parte: Sinfonia n.º 7 em lá maior, op. 92, de Beethoven. 20.00: «Pecas de Fantasia», op. 12, de Shumann. 20.30: O Quarteto Italiano: Quarteto em sol menor, op. 10, de Debussy. 21.00: Efeméride: Richard Tauber: Ária de Tamino, do 1.º acto da ópera «A Flauta Mágica». Ária de D. Octávio, do 1.º acto da ópera «D. João». Ária de Belmonte, do 1.º acto da ópera «O Rapto do Serralho». 21.15: Música de Câmara de Rachmaninoff: Sonata em sol menor, op. 19 p/violoncelo e piano. 21.50: Música coral sinfónica: Missa solene de Santa Cecília, de Gounod. 22.45: Concerto Brandeburguês n.º 2 em fá maior, BWV 1047, de Bach. 23.00: Intercâmbio musical. Semanas Internacionais e Música em Lucerna, 1976: gravações cedidas pela Sociedade Suíça de Radiodifusão e Televisão, Estúdio de Basileia. Obras de Heinz Holliger, Walter Baer e Armin Schibler. 00.05: Sonata em fá menor, op. 57 «passionata», de Beethoven. 00.27: Obras de Maurice Ravel. Shéhérazade — ciclo de canções. A Valsa, pela Orquestra Sinfónica de Londres. 01.00: Fecho.

4.º Programa — Em:saõ Total em Este- reofonia
 19.00: Em órbita. 20.00: Programa da noite. 22.00: Auditório. 24.00: Prisma. 02.00: Fecho.

IPSENO
 Tel. 559134 15.15, 18.30, 21.15
 Malcolm McDowell e Christopher Plummer
O DUELO DAS ÁGUIAS
 (Aces High)
 Real de Jack Gold
 Não acons. a menores de 18 anos
 3.ª semana

LODOWES
 Tel. 80134 14.00, 16.30, 19 e 21.15
 Não acons. a men. de 13 anos
OH! MEUS AMIGOS
 Pietro Fermi
 2.ª Semana
 Hoje às 24 h
 Int. Men. 18 anos
TARZOON, A VERGONHA DA SELVA

MUNDIAL
 Tel. 538743 15.15, 18.30, 21.15
 Para todos
ONDE ESTÁ O ÓSCAR?
 Com Louis de Funés

O JOÃO V
 Tel. 971794 21.15
 Não acons. men. 13 anos
2 RAPARIGAS NUM PIJAMA
 As 24 h
GARGANTA, JNDA

ROXY
 Tel. 48560 14, 16, 30, 18, 45, 21.15
 O mais audacioso salvamento deste século
VITÓRIA EM ENTEBBE
 C/Helmut Berger, Linda Blair, Kirk Douglas
 Não acons. a menores de 13 anos

S. JORGE
 Tel. 54150 15.15, 18.15, 21.15
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
 3.ª semana
 5 Óscares o Melhor Filme do Ano!

TVDO
 Tel. 7440 15.15, 18.30, 21.15
 O espectáculo de Natal por excelência!
BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
 Um filme de Walt Disney
 Falado em Português
 4.ª Semana

UNIVERSAL
 Tel. 7440 15, 19, 21
O ANO 01
 Um filme de Alain Resnais, Jacques Poillon e Jean Rouch
 Não Acons. a M/ 13 anos
 As 17 e 23 h.
OS MÁRTIRES DO AMOR
 Grupo C

Ciclo cinematográfico AVENTURA
 Filme:
VENTO DO OESTE
 Realizador: Frank Perry (U.S.A.)
 Sessões: 15, 18 e 21 horas
 bilhetes: Esc. 5,00
 Não acons. m/ 18 anos

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CIRCO MARIANO — Al. D. Afonso Henriques 21.30 (6 anos)
MARIA VITÓRIA — 20.30 e 22.45 (18 anos)
 «O Bombo da Festa»
TRINDADE — 21.30 (13 anos)
 «A Barraca»
COMUNA — 21.30 (13 anos)
 «O Muro»
A. B. C. — 20.30 e 22.45 (18 anos)
 «Cada Cor seu Paladar»
LAURA ALVES — 20.30 e 22.45 (18 anos)
 «Vamos Trocar de Mulheres»
S. LUIS — 21.30 (13 anos)
 «Tudo no Jardim»
MONUMENTAL — 21.15 (18 anos)
 «Uma Estranha Forma de Amar»
TEATRO DO BAIRRO ALTO — 21.45 (18 anos)
 «Do Teatro ao Cais do Sodré»
VARIEDADES — 20.30 e 22.45 (13 anos)
 «Isto é que me dói»

LISBOA/Cinemas

JARDIM — 21.15 (18 anos)
 «O Sabor da Vingança»
CINE AUDITÓRIO — 21.15 (10 anos)
 «Total! Total! Total!»
PROMOTORA — 21.15 (18 anos)
 «A Vida Intima de Dorian Gray»
RESTELO — 21.15 (18 anos)
 «É Preciso Viver Perigosamente»
CINEBOLSO — 21.30 (18 anos)
 «Machíssimo»
CAPITOLIO — 21.15 (18 anos)
 «Requintes de Amor»
CINEARTE — 21.15 (18 anos)
 «O Último dos Duros»
EUROPA — 21.15 (6 anos)
 «Jerry, Primeiro Turista no Espaço»
MONUMENTAL — 21.15 (6 anos)
 «O Ministro e Eu»
VOX — 21.15 (6 anos)
 «O Soldado do Aventureiro»
ROYAL — 21.15 (18 anos)
 «Yakusa»

OLIMPIA

«Os Teatros Eróticos de Paris» (18 anos)
SATÉLITE — 21.15 (18 anos)
 «Easy Rider»
PARIS — 21.15 (18 anos)
 «Iniciação de Flossie»
LUMIAR — 21.15 (13 anos)
 «Com Jeito Vai... de Baco- marte à Solta»
CALEIDOSCOPIO — 21.15 (6 anos)
 «Branca de Neve e os Sete Anões»

LINHA DE SINTRA

AMADORA — Recreios Desportivos 21.15 (18 anos)
 «Os mortos não fazem sombra»
AMADORA — Lido 21.15 (13 anos)
 «O Comboio do Inferno»
AMADORA — Inestúdio 21.30 (13 anos)
 «Mili»
MEM MARTINS — Cine Chaby 21.15 (18 anos)
 «O Monge»
SINTRA — Carlos Manuel 21.15 (13 anos)
 «Queremos os coronéis»

OUTRA BANDA

ALMADA — Incrível 21.15 (13 anos)
 «As histórias de Fernando Capelo Gavota»
ALMADA — cademia 20.30 e 22.45 (13 anos)
 Teatro revista «A Grande Jogada»
TRAFARIA — avilhão Jardim 21.15 (14 anos)
 «Os Vikings»
LARANJEIRO — nstrução e Recreio 21.15 (18 anos)
 «Estalagem do prazer»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS — Chaplin 21.15 (13 anos)
 «O Pistoleiro do Diabo»
OEIRAS — Cine 21.15 (10 anos)
 «Spartacus»

ESTORIL

Palácio 21.15 (6 anos)
 «Batatas e Barraqueiros»
ESTORIL — Casino 18.30 e 21.15 (18 anos)
 «O Implacável»
CASCAIS — Oxford 21.15 (18 anos)
 «Fogo Real»
CASCAIS — José 21.15 (13 anos)
 «O homem que queria ser rei»

PORTO/Teatros

SA DA BANDEIRA — 21.30 (13 anos)
 «As Coisas que o Padre Faz»

PORTO/Cinemas

S. JOÃO — 21.15 (18 anos)
 «Saxe Motel»
TRINDADE — 21.30 (6 anos)
 «O Ministro e Eu»
ÁGUIA DE OURO — 21.15 (13 anos)
 «Passado Inesquecível»
SALAO BEBE — 21.15 (13 anos)
 «A Flauta Mágica»
BATALHA — 21.15 (13 anos)
 «Os Malucos em Hong-Kong»
OLIMPIA — 21.15 (13 anos)
 «Carambola»
CARLOS ALBERTO — 21.15 (13 anos)
 «Um Homem uma Cidade»
JULIO DINIS — 17.45 e 21.15 (18 anos)
 «Um Detective Sem Importân- cia»
RIVOLI — 21.15 (13 anos)
 «O Raio Relâmpago dos Comandos»
COLISEU — 21.15 (13 anos)
 «Viva Rama Viva Krishama»
ESTÚDIO — 21.15 (18 anos)
 «Como quando e com quem?»
ESTÚDIO FOCO — 21.15 (13 anos)
 «A História de Fernão Capelo Gavota»
ESTÚDIO 400 — 21.15 (18 anos)
 «A Organização»
VALE FORMOSO — 21.15 (13 anos)
 «As Férias Grandes»
PASSOS MANUEL — 21.30 (18 anos)
 «Por Quem vamos Morrer»



RENASCENÇA GRAFICA, S.A. L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TEL. X 12363
LISBOA PORTUGAL



O ministro da Administração Interna antes da partida, tendo à sua esquerda o embaixador da Líbia

Costa Brás à partida para a Líbia Estreitar relações Lisboa-Tripoli

«Consolidar as boas relações existentes entre os dois países» foi a razão fundamental apresentada pelo ministro da Administração Interna, tenente-coronel Costa Brás, que esta manhã, acompanhado pelo seu chefe de gabinete dr. José Manuel Andrade, partiu para a Líbia, onde se desloca em visita oficial, a convite do ministro libio dos Municípios, feito na altura do Congresso do P.S., em Lisboa.

O tenente-coronel Costa Brás referiu que a sua viagem a Tripoli não tem um programa definido, tratando-se especialmente de um acto de aproximação entre os dois países e de corresponder concretamente a aquele convite.

Interrogado sobre a eventualidade de abordagem de aspectos comerciais, Costa Brás disse que não vai com esse objectivo «mas é muito natural que as perspectivas se abram» e nessa altura corresponderá a elas.

Revelou também que vai dirigir um convite oficial ao primeiro-ministro libio para visitar Portugal e que está prevista a deslocação a Lisboa, em breve, de uma delegação libia.

Sobre as notícias referentes a uma possível negociação, com entidades libias com vista ao jornal «O Século», o ministro Costa Brás disse que sabia isso apenas pelos jornais mas que é assunto que não será tratado por ele «se é que existe».

Comissão Nacional do P.S. discute na Figueira moções de orientação

Começou esta manhã Figueira da Foz a reunião da Comissão Nacional do Partido Socialista, na qual participam todos os dirigentes do PS, nomeadamente o Primeiro-Ministro.

Segundo um responsável nacional do Partido Socialista contactado pelo «DL», serão discutidas durante a reunião as moções de orientação apresentadas ao Congresso que se realizou em Dezembro, nomeadamente as referentes à política económica, à política social e de trabalho, à política agrícola à condição feminina e à actividade interna do Partido. A discussão destas moções foi remetida pelo Congresso para a Comissão Nacional nele eleita, considerada como «depositária da legitimidade democrática dentro do partido no período que decorre entre dois congressos».

Não participarão no entanto na reunião da Comissão Nacional influentes elementos ligados às comissões de trabalho do PS, nomeadamente os deputados Aires Rodrigues e Carmelinda Pereira, suspensos depois de votarem contra o projecto de Orçamento e do Plano na Assembleia da República e ainda José Luís Mendes e Henrique Fernandes, presidente da direcção da Associação Académica de Coimbra, também suspensos da actividade partidária no período do pós-Congresso.

Todos eles tinham sido eleitos pela lista B, que se apre-

sentou no Congresso como alternativa à lista para Comissão Nacional que incluía o nome de Mário Soares e da maioria dos elementos sociais-democratas do PS.

Segundo nos adiantou a mesma fonte do PS é pouco provável que questões relacionadas com as suspensões e consequentes inquéritos venham a ser discutidas nesta reunião, já que é a Comissão Nacional de Conflitos a responsável por essas iniciativas.

Entretanto um tema que será decerto abordado é a convocação da segunda parte do Congresso para aprovação dos novos estatutos, os quais têm como ponto fundamental a questão do lugar que as comissões de trabalho terão na futura estrutura partidária.

O mesmo elemento da direcção nacional do Partido Socialista afirmou-nos que a tendência hoje dominante no seio do PS será a de «criar uma estrutura que dê resposta aos problemas específicos do sector do trabalho, que contribua para o desenvolvimento da unidade do partido e evite o desenvolvimento de tendências».

Segundo parece é intenção dos sociais-democratas do PS, acabar com a autonomia a nível nacional do sector do trabalho, integrando as comissões de trabalho e núcleos de empresa na estrutura das federações distritais que até agora englobavam somente as secções de residência.

“PIDES”: CONTINUA O ESCÂNDALO

Agora são “pobres diabos” e ontem saíram mais sete

O escândalo continua. Perante a indignação do povo de um País que viveu meio século sob o terror da sinistra organização que foi a P. I. D. E., mais quatro «funcionários insignificantes», saíram ontem em liberdade depois de «condenados» pelo 1.º Tribunal Militar Territorial com penas simbólicas absorvidas pela prisão preventiva já sofrida. São eles: Apio Augusto Nunes, chefe de brigada; João Martins, agente de 1.ª; Valentim Manuel Guerreiro Santos e José Manuel de Oliveira Jordão, agentes de 2.ª. Ao chefe de brigada Apio Augusto Nunes, que nem sequer tinha prisão preventiva foi aplicada a «pena» de... três anos de suspensão de direitos políticos; Valentim Manuel Guerreiro Santos, José Manuel de Oliveira Jordão e João Martins foram condenados (?) em dois, três e quatro meses respectivamente. Todos eles beneficiaram das atenuantes do célebre Decreto-Lei 349/76, aliás já alterado na Assembleia da República mas que não se sabe quando entra em vigor. O Código Penal dos tempos fascistas também forneceu o seu Artigo 39º para

funcionar a favor dos «pides».

Ao contrário do dr. Quantal e do dr. Valentim, diligentes advogados dos «pides», que vão ficar na história da Justiça deste País, o defensor destes quatro «pides» recorreu a uma argumentação reacçãoária muito elaborada, baseada na tese de que a P.I.D.E. era de facto uma «coisa abominável» mas os «pides», coitados, eram «uns pobres diabos instrumentalizados».

5.º TRIBUNAL SOLTA MAIS TRÊS

Entretanto o 5.º Tribunal Militar Territorial, presidido pelo coronel José Francisco Soares e que tem como Juiz Auditor dr. Rui José da Cunha, depois de indeferir um requerimento apresentado pelo Promotor da Justiça major Fernando Roberto, para que os julgamentos fossem suspensos até publicação no «Diário da República» da lei aprovada na Assembleia que altera as atenuantes do Decreto-Lei 349/76,

deixou sair em liberdade mais três «pides» — os agentes de 2.ª Hermenegildo Malva Azedo e José Jesus Salvador, e o chefe de brigada Kittler — «condenados» com «penas» de dez, doze e dezasseis meses respectivamente. Este último, chegou ao ponto de declarar: «Com vinte anos de serviço na casa nunca ouvi falar de torturas».

O indeferimento do pedido de suspensão dos julgamentos foi baseado no facto de que «falta de publicidade implica a inexistência do acto jurídico», ou seja o decreto não pode ser aplicado enquanto não publicado no «Diário da República» e por isso o Tribunal entendeu que «não parece lícito suspender a sua actividade por um período ainda incerto» e que «o próprio texto legal invocado pelo requerente, apenas conhecido através de alguns órgãos de Comunicação Social, estabelece, implicitamente, quando refere que tal lei entrará em vigor no dia seguinte ao da sua publicação, que até essa data, se mantêrá em vigor a lei vigente até então, à qual o Tribunal deve obediência».

Assalto ao B.P.A.

Continuação da pag. 1

sável pela caixa-forte.

Entretanto, o assalto-suicida despertara as atenções na rua: àquela hora havia polícia de serviço à esquerda, vários vendedores ambulantes encostados às montras, e numerosas pessoas a circular nas imediações. Rapidamente no lado de fora houve quem se apercebesse de que «aquilo era um assalto» e foi dado o alarme.

«VAI TUDO PELO AR»

A Polícia cercou o Banco e, disparando através das montras, atingiu os assaltantes no interior do estabelecimento. Um funcionário — Paulo Alexandre Antunes Simões — ficou também ferido.

«Foram pelo menos seis tiros», garantiu-nos uma testemunha. Um dos assaltantes, António José Gonçalves, ficou ferido com um tiro na garganta, e o outro, embora atingido não sofreu ferimentos graves. Depois, uma força da P. S. P. entrou no local e eu ordem de prisão. Um dos assaltantes tinha-se entretanto fechado num escritório, com um dos empregados por refém, e armado de revólver e granada. Um breve diálogo com o comandante da força policial levou à sua rendição. O jovem, que antes, segundo depoimento colhido no local, havia ameaçado fazer «ir tudo pelos ares», colocou a granada e o revólver no chão, e rendeu-se.

Ao todo, tinham passado dez minutos.

Um dos polícias que participaram na acção contou-nos que tinha tirado a um dos assaltantes uma granada desactivada e tinha ficado com ela na mão até que mais tarde fosse desactivada. Por sua vez, um popular ajudou a capturar um indivíduo, que se presume ser um terceiro elemento do grupo, e que se encontrava no exterior, armado. Pelo menos uma das armas usadas era um revólver calibre 38, segundo nos asseveraram testemunhas. Os próprios funcionários do

Banco se mostraram surpreendidos com aquele assalto. Os intrusos entraram aproveitando o facto de a porta ter sido aberta, como de costume, pelas 18 horas, para a saída dos bancários. Toda a acção — a tentativa de assalto, a chegada da Polícia, a captura — foi presenciada do exterior por numerosas pessoas. Aquela dependência bancária é totalmente envidraçada, sem persianas, e tinha a luz acesa, fornecendo uma perfeita visão do que se passava no interior.

A SACA VAZIA

Nas testemunhas do assalto, que o comentavam no local, ficou a ideia de que se tratava de assaltantes inexperientes, não obstante serem portadores de armas de guerra. Quanto à acção da P. S. P., que pela primeira vez em casos deste género ocorridos em Lisboa, chegou a tempo de cercar os

assaltantes, as opiniões dividiam-se. De qualquer modo, a sua intervenção — a tiro — pôs rapidamente termo ao assalto, mas poderia ter tido consequências bem mais graves, dado o elevado número de pessoas que se encontravam dentro do Banco e nas imediações.

Segundo informação do Banco do Hospital de S. José, para onde foram transportados os feridos, António José Gonçalves foi operado ainda ontem à noite para extracção de um projectil alojado na garganta, após o que recolheu à cadeia de Caxias. Outro assaltante, Fernando Jorge Godinho, de 17 anos, sofreu apenas escoriações, pelo que não ficou internado. E o bancário, após exame clínico, recolheu a casa.

No local do assalto, à parte estilhaços de vidros das montras, de toda aquela movimentada acção, ficou apenas uma saca de batatas. Vazia.

Desmentindo “A Luta”

“A P.J. não precisa de luz verde”

Lê-se num comunicado distribuído esta manhã pela Polícia Judiciária: «Reafirmamos a todos os cidadãos deste País que a Polícia Judiciária não precisa de «luz verde» de ninguém, qualquer que seja o posto que ocupe, para proceder legalmente quando sejam infringidas as normas que regem um Estado de Direito».

Este comunicado, justifica-o a P.J. no facto do jornal «A Luta», edição de 4 do corrente, divulgar que o ex-Ministro Walter Rosa «teria sido contactado previamente por esta Polícia Judiciária de Lisboa antes da detenção do seu filho, João Silva Rosa, ocorrida na madrugada do dia 31 de Dezembro do ano findo, antes, portanto, do

pedido de demissão daquele ex-membro do Governo».

Entretanto a P.J. nega a existência de qualquer contacto com Walter Rosa, o que de resto não seria plausível nem admissível «pois se tratava da averiguação de crimes comuns», e acrescenta que «a expressão **abafar o caso** que vem inserta no referido diário afigura-se nos especulação demasiado baixa para que esta Polícia Judiciária não reaja contra ela».

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM NOVEMBRO: 45 382

ALEGRIA DO CAPITAL

O dr. Proença de Carvalho, ex-advogado de Champallimaud, e agora director do jornal da CIP, dá bem a medida de como a Lei das Quotizações, última obra do actual Governo, se destina a tentar liquidar o movimento sindical e, em suma, enfraquecer a organização dos trabalhadores para defesa dos respectivos interesses. Escreve, de «câtedra», o enérgico representante do patronato: «com esta medida, de carácter eminentemente político, o Governo dá forte machadada na manipulação dos sindicatos por forças activistas que, à margem dos «autênticos interesses» dos trabalhadores seus associados, tantas vezes passivos, se têm colocado na subserviência de interesses partidários e imperia-

listas...».

«NOITE DE PORTUGAL»

Anuncia o «Templário»: «Terá lugar no Teatro Monumental, em 31 de Janeiro, por iniciativa do Partido Social-Democrata, a «Noite de Portugal». A Comissão de Honra é constituída por: Maria Manuela Eanes; Carlos Pina (director de «O Dia»); Natália Correia (directora da «Vida Mundial»); Vera Lagoa (co-directora de «O País»); Matia Barroso (PS); Helena Roseta (PSD); Maria José Sampaio (CDS) e Fernanda Leitão (directora de «O Templário»).

Até este momento, asseguraram já a sua colaboração os artistas: Amália Rodrigues, Vicente da Câmara, Frei Hermano da Câmara, Amélia Rey Colaço, Raul Solnado, Nicolau Breyner, Henrique Santana, Eugénio Salvador, António Mourão, Herman José, Beatriz Costa, Herminia Silva, Vasco de Lima Couto, Francisco José, Cidália Moreira, Rodrigo, Carlos Zel, e o Rancho Folclórico da Pedreira (Tomar).

Dois dos locutores serão: Armando Marques Ferreira e Eduardo Fidalgo.

Deus os fez...

PORTUGAL presente na «EUROPEAN FASHION FAIR» NOVA IORQUE,

6 a 9/3/77

Consciente da importância e projecção da «European Fashion Fair», decidiu o Fundo de Fomento de Exportação levar a efeito a organização duma representação do sector de confecções a nível nacional, no referido certame, que terá lugar em Nova Iorque, de 6 a 9 de Março próximo.

As firmas interessadas em expôr no «stand» de Portugal, deverão contactar até ao próximo dia 11 de Janeiro a Direcção de Serviços de Feiras e Exposições — Av. 5 de Outubro, 101 — Lisboa. Tel.: 777772 ou 777768



OS NABOS
DE 1976

8 DE JANEIRO DE 1977



AGENDA SEMANAL  DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

sete
PONTO
sete

suplemento
semanal



cinema

jorge leitão
ramos

4



música

mário vieira
de carvalho

8



teatro

carlos porto

9



livros

luís de miranda
rocha

10



televisão

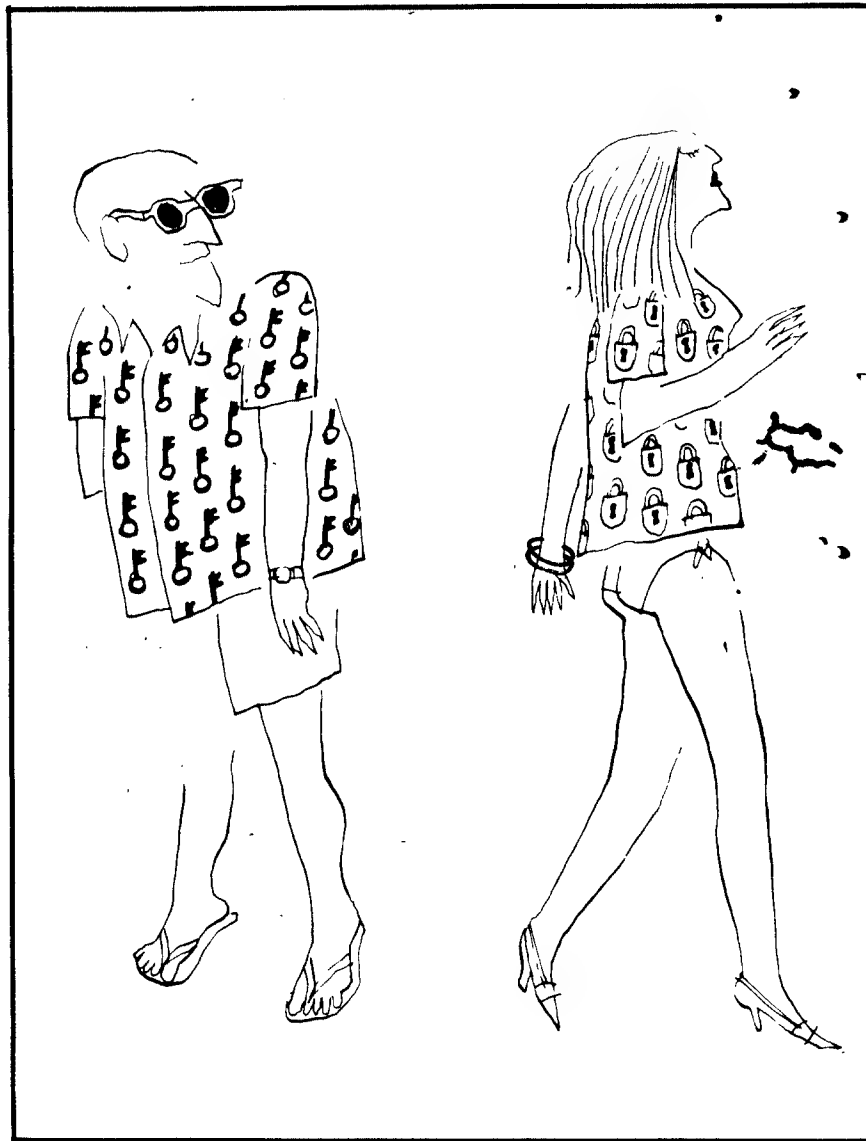
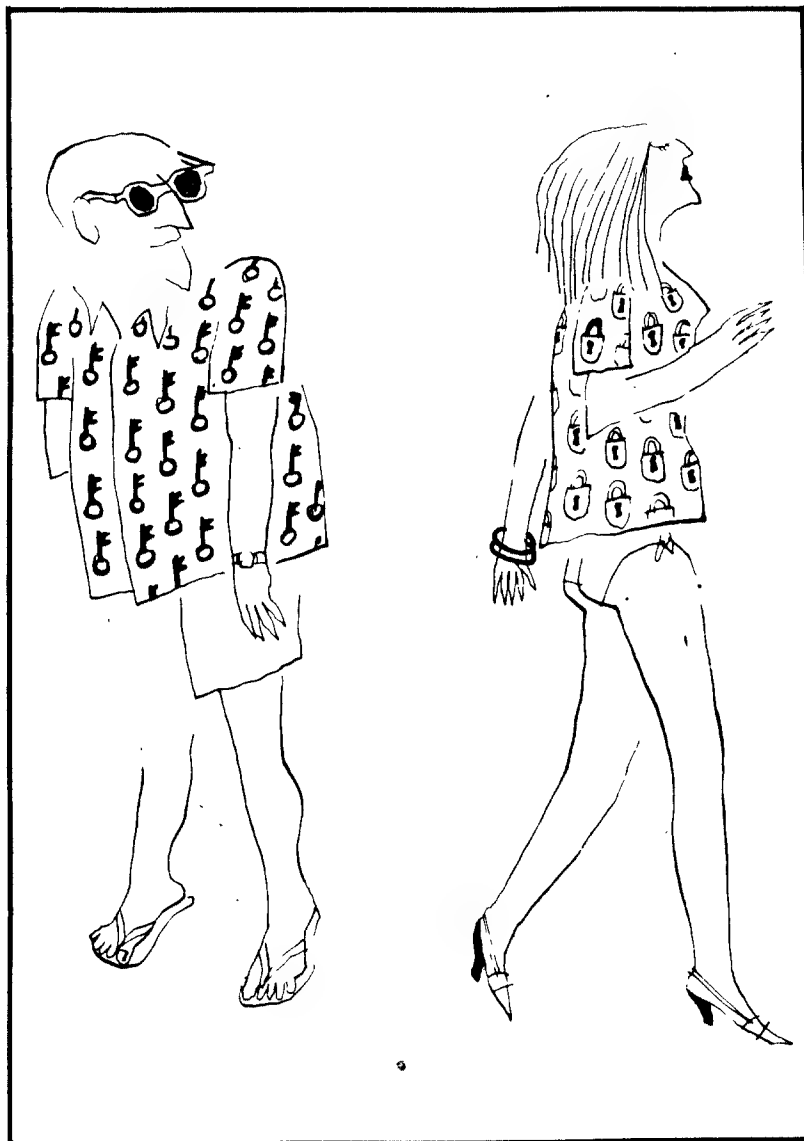
11

Coordenação
de Mário Lindolfo

Orientação gráfica
de Rodil Garcia

sete
PONTO
sete

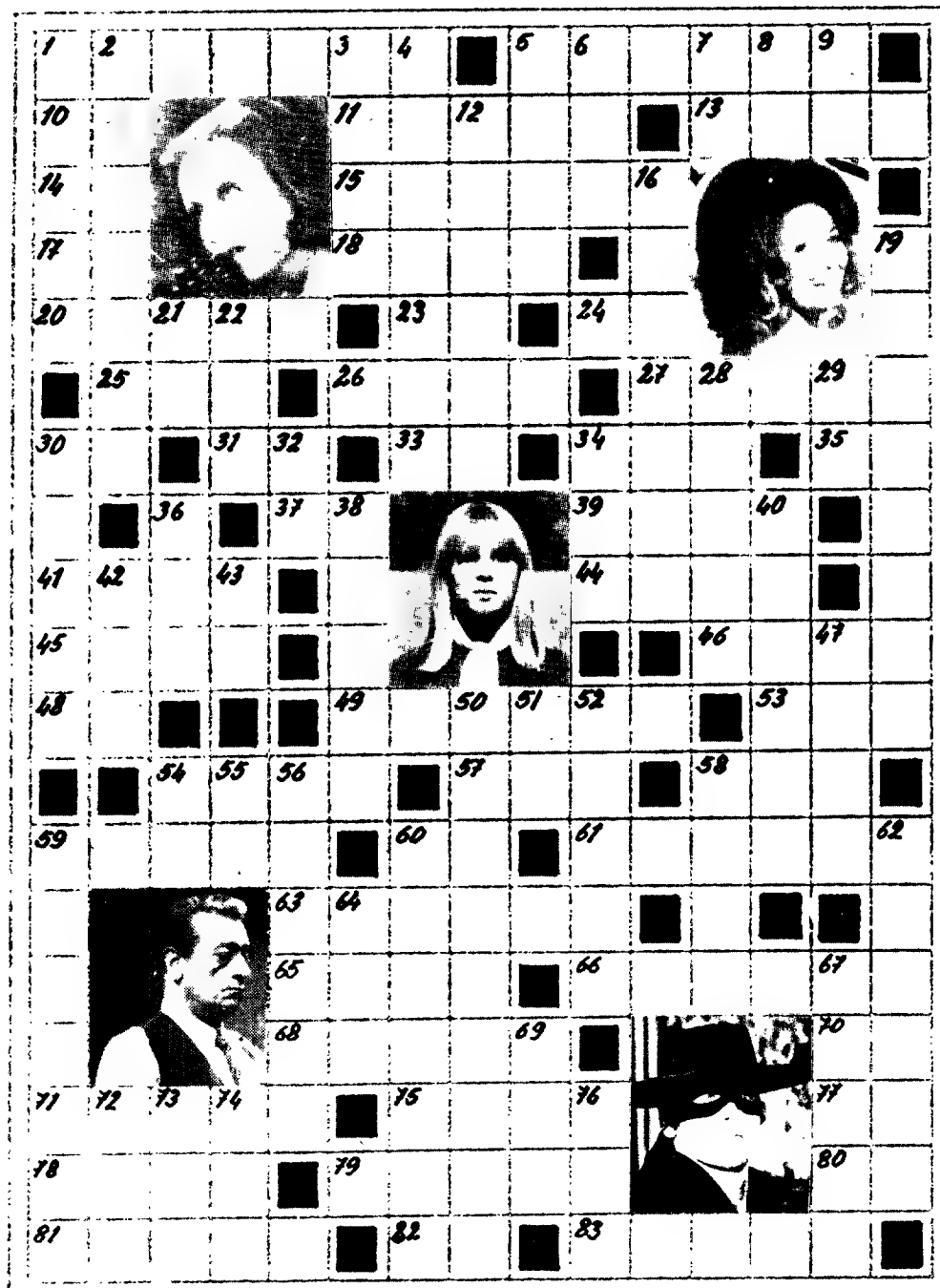
Lisboa, 8 a 14
de Janeiro de 1977



As Sete Diferenças

Entre os dois desenhos, há sete pequenas diferenças. O leitor quer fazer o exercício? As soluções vêm na página 11

palavras cruzadas

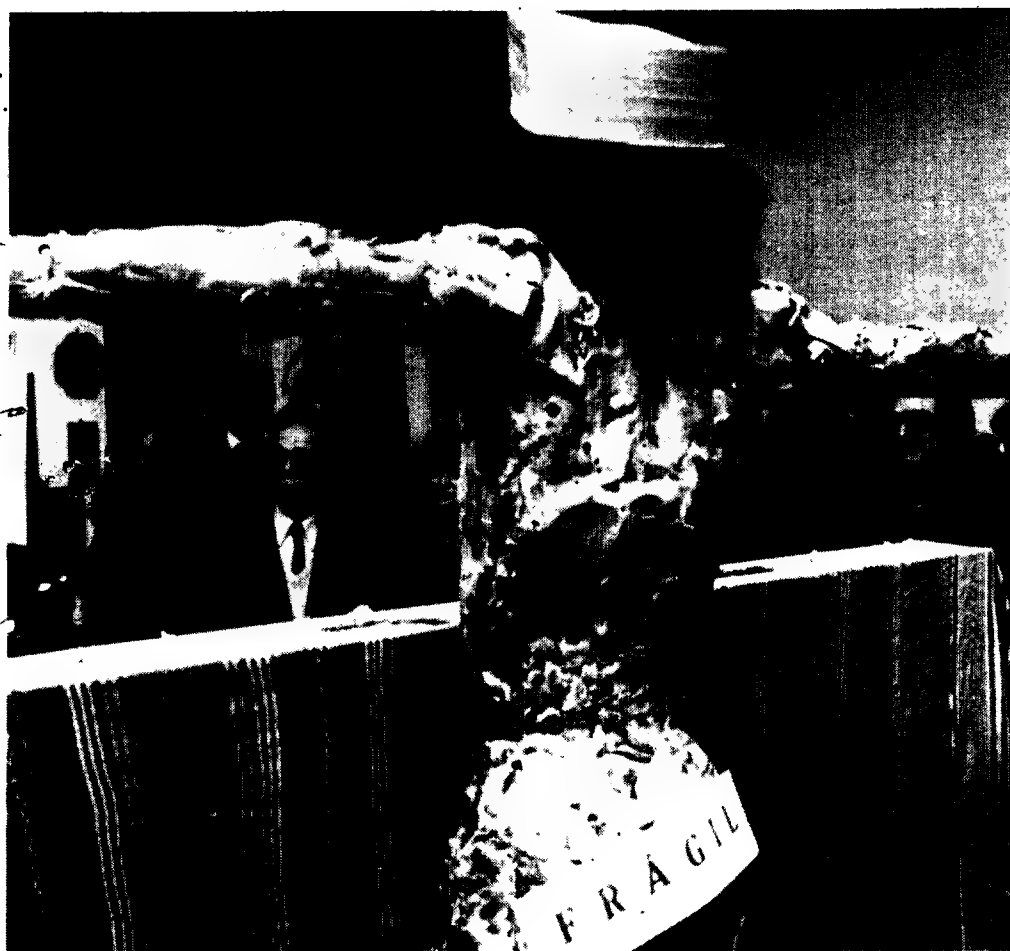


HORIZONTAIS:

1. Cançonetista portuguesa intérprete da canção «O menino», composição de Tó Zê Brito e Mike Sergeant com a ajuda de Ary dos Santos na letra. 5. Fadista portuguesa protagonista do velho filme «Capas Negras». 10. Sufixo que designa estado. 11. Provoca com tentações. 13. Ordem portuguesa de cavalaria que foi abolida em 1910 após a implantação da República e restabelecida em 1916, com o título da Ordem Militar de Avis. 14. Serviço Nacional. 15. Cobrira de iodo. 17. Cério (s.q.). 18. Padre de Alexandria, fundador da seita dos Arianos. 20/27. Actor cinematográfico francês que encarnou a figura de Zorro num filme de Duccio Tessari. 23. Compaixão. 24. Neste momento. 25. Barbatana peitoral da baleia. 26. Facto. 30. Césio (s.q.). 31. Catedral. 33. O sono das crianças. 34. Pronome pessoal. 35. Muito digno (abrev.). 37. Mazúrio (s.q.). 39. Que tem estatura ou tamanho inferior ao comum. 41/49. Vedeta australiana do «Music-Hall» Mundial que actuou no nosso Casino Estoril. 44. Grude. 45. Primeira parte do nome de uma freguesia do concelho de Montemor-o-Velho. 46. Cabo para suspender as redes da pescada. 48. Ouro (s.q.). 53. Unidade monetária do Japão. 54. Lugar onde os Persas conservam o fogo sagrado. 57. Larva das feridas dos animais. 58. Calor, quentura (Bras). 59/71. Foi a grande vedeta do filme «Ninotchka». 60. Nome de letra. 61. Esponja. 63. Ria sem ruído. 65. Mais mal. 66. Sobram. 68/70/83. Actor teatral português que tanto na tragédia como na alta comédia foi, incontestavelmente, o primeiro artista. 75. Escudeiros. 77. Espera deferimento. 78. Líquido gorduroso. 79. Olhai atentamente. 80. Pêlos de certos animais. 81. Curar. 82. Fundo de agulha (Prov. trasm.).

VERTICAIS:

1. Opera de Puccini. 2. Jornalista e escritor português autor de «A Arrepêndida». 3. Cidade da Holanda. 4. Sentença, resolução de recursos em tribunais colectivos, administrativos ou judiciais. 5. Jarro (planta). 6. Oceano. 7. Nota musical. 8. Quarto. 9. Nesse lugar. 12. Execrável. 16. Título de um conto delicioso das Mil e Uma Noites. 19. Série televisiva de uma obra de Salgari. 21. O mais. 22. Tempo do verbo ir. 28. Mete em mala. 29. Grande ribeira da Ásia Russa. 30. Tranquilidade (fig). 32. Preposição. 34. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. 36. Moeda indiana equivalente a décima sexta parte da rupia. 38. Cidade da Sicília. 40. Relativo a oásis. 42. Ilha da costa francesa do Atlântico. 43. Nosso senhor. 47. Interjeição que exprime surpresa ou dor. 50. Que gosta de guerra. 51. Erbio (s.q.). 52. Rocar. 54. Chispe. 55. Item. 56. Arranhadura. 58. Aneis. 59. Pertencente a Galiza (pl). 60. Testemunhas. 62. Esquadra. 64. Partícula que, no antigo dialecto do Norte de França, significava sim. 67. Adelaide. 69. Ecoa. 72. Freguesia do concelho de Macedos de Cavaleiros. 73. Raer. 74. Bondosa. 76. Textualmente.



«Frágil» o que resta, em saldo, de uma arte que se desmonta para ser renovada



Saldo: a etiqueta (para o preço, a discutir, sobre as obras de ocasião) e a vassoura



Bem-vindos a esta pequena mostra da loucura lusa



Marilyn, o mito: a lágrima do palhaço também, nem por isso menos lágrima



Os sapatos (azuis, rosa e rotos) do artista quando jovem



O cadáver da tia (ou da avó, ou da prima), na sala de estar familiar

Um grãozinho de loucura na mãe-pátria

Dois fazedores de arte à procura da terceira parte do segredo de Fátima agarraram em lixos, bichos, papéis, pastéis, latas, patas, «sebências», excrescências, fetos, factos, frascos, e estiveram-se nas tintas para tudo, isto é, pintaram o que tinham à mão. Posto isto, levaram a tralha durante três dias, ajudados por amigos, para o primeiro andar da Sociedade Nacional de Belas-Artes em Lisboa onde um porteiro espantado viu passar o armário da avó, a foto da Marilyn, os sapatos do pintor quando jovem, o manequim do armazém, e um garrafão de vinho. Às 18 horas de quarta-feira, os autores, Vítor Belém e Carlos Barroco, deram-se por satisfeitos e abriram as portas ao público.

E assim que nesta cidade de onde tem andado arredado o grãozinho de loucura, se instalaram os demónios. Nada mais poderá ser como dantes — suspiram as meninas que ainda retocavam naturezas mortas, e os

mestres do desenho à vista. Meio século depois de Picasso, começa-se a concluir mansamente que para pintar aquilo que muitos dos nossos artistas têm feito é bem melhor uma máquina fotográfica. Mas, para dar o salto, segundo os autores é preciso proceder primeiro à «liquidação total da existência». Vítor Belém e Barroco fazem-no à maneira dos grandes armazéns do Chiado: saldos, saldos, saldos, vamos rebentar as costuras e ver se assim se prepara o espaço para o novo artista inquebrável.

Abertas as paredes do dique, eis o resumo da acção feita pelos próprios artistas: trata-se das deambulações da mãe-pátria na lixeira, resultado de uma montagem encontrada a boiar no mar da palha na campanha de 38. A teia da história é clara: graças ao pó da brancura presente no meio do entulho da imprensa, o chefe, a igreja, a miséria, a opulência, o cão-tecnocrata, são afogados pelo lixo que eles próprios criaram. Tudo isto

sob o título genérico «liquidação total da existência», ou «o sonho da mãe-pátria preta na lixeira», ou ainda «a revelação da terceira parte do segredo de Fátima através da tortura verbal».

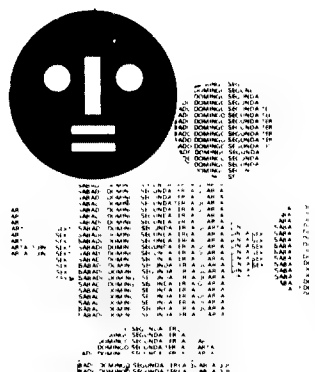
Instrumentos de tortura presentes: as cores da «Union Jack», o sorriso de Hollywood, a lata vazia da Pepsi, as fotos da família, o falo de loiça, o pó na prateleira, os envelopes-surpresa a banda desenhada, o espelho mágico, além de outras coisas que o português interessado irá descobrindo à medida que avança.

Tratando-se de Belém e Barroco, o lisboeta que deles ouviu falar ou lhes conhece a fama, fica à espera de que algo aconteça naquele primeiro andar da Barata Salgueiro. É esse o imenso gozo dos autores. As pessoas gostariam (mas gostariam?) de ser recebidas à magueirada, ou que lhes caísse em cima uma lata de tinta, ou ainda (aguentariam?) que o chão se

abrisse e fossem engolidas pelas chamas de Lucifer. Mas o milagre da azinheira, ou qualquer outro, não se repete. Os artistas são gente civilizada, correctamente vestida, que se limita a fazer uma proposta de alteração dos hábitos portugueses em matéria de artes plásticas, ou de modo de vida.

Os dados, dispersos, estão expostos. Você sobe a escada e logo vê a sua imagem reflectida num espelho mágico de feira. E o que os artistas fizeram com as suas obras. Resta a cada um decidir qual é a verdadeira imagem.

E nesta cidade onde demónios bem educados se vão instalando, desde os trazidos de Alcácer-Quibir por Fonseca e Costa, resta-lhe sair da S.N.B.A. e continuar o voo. Ao virar da esquina, Milos Forman propõe-lhe um salto maior, por cima do ninho de cucos. Enlouqueça, ou recupere a lucidez, com as pequenas-grandes coisas que afinal, sempre podem acontecer nesta pátria.



CINE/PONTO

O SOLDADO AVENTUREIRO
 de Pasquale Festa-Campanile
 (Itália-França 1976)

Fest-Campanile sujeito às leis da produção e ao vedetismo amontoado de Bud Spencer, perde o pé e assina uma película sem ponta por onde se lhe queira, sem humor e sem garra. Uma nulidade lamentável por entre a carreira de um realizador que pode, sabe e a quem exigimos infinitamente mais. Cinemas Politeama e Vox (para todos)

O MONSTRO
 de Walerian Borowczyk
 (França - 1975)

O fantástico e o erotismo andam secularmente de mãos dadas. Borowczyk, mestre de um imaginário precioso, de filigranas e velhas lendas, atinge aqui um dos seus melhores momentos, congregando um clima particular e ofegante com uma transpiração morna, uma ansiedade angustiante que precede sempre a descarga ou o vazio. Homenagem à mulher, sacerdotiza dos impensáveis prazeres, **O monstro** é um filme que guarda em si esse gosto do pormenor, do cenário e do suspense que faz de Borowczyk um autor a seguir atentamente.

Cinema Quarteto - sala 4
 (interdito a men. 18 a.)


VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
 de Milos Forman
 (USA - 1975)

Um dos 12-filmes-12 que seleccionámos entre a exibição comercial de 1976 (ver o «7.7» da semana passada), distinção que já nos mereceu alguns controversos reparos, alguns vindos de onde menos se esperaria. O que menos importa, porém, é a história que aqui se conta, antes essa forma de a narrar que sabe fazer

deslizar a violência por entre a brancura austera, a música doce e o rosto casto da enfermeira, que sabe fazer irromper um terrível clima, contar assim uma parábola breve e eficaz.

Cinemas S. Jorge e Quarteto - sala 2
 (não acons. men. 18 a.)

O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
 de Nagisa Oshima
 (França-Japão 1975)

Por entre a mediocridade com que o sexo é tratado pelos vendedores de frustrações, este filme de Nagisa Oshima irrompe como um clamor que sobra das longínquas paragens do desejo, da transgressão, da morte, do absoluto. Viagem aos limites, **O império dos sentidos** é, ainda, a concessão possível de Oshima às exigências do mercado. Equilíbrio difícil que Oshima atinge de modo exemplar, saída que só o futuro permitirá testar.

Cinema Quarteto - sala 3
 (interdito a men. 18 a.)

OS MÁRTIRES DO AMOR
 de Jan Nemec
 (Checoslováquia - 1966)

O percurso desiludido do imaginário de três personagens à espera de algo que ultrapasse um quotidiano frígido. Breves *rêveries* amargas sem palavras, servidas por uma banda de som expressivamente irónica e por uma realização precisa que dá aos gestos e aos rostos um vago clima atabafado, marionetas que logo se esfumam. Um filme para ver calmamente, como quem sorri, como quem chora.

Cinema Universal
 (Grupo C - 14 anos)

ANTES DA REVOLUÇÃO
 de Bernardo Bertolucci
 (Itália - 1963/64)

Breve começo para o que seria uma obra admirável, **Antes da Revolução** é um embrião do universo de Bertolucci que iria, depois, aprofundar muitos dos sinais aqui esboçados ou apenas sugeridos. Tal como iria largar borda-fora muito do que aqui ainda o envolve, como um carregar numa certa tragédia da incomunicabilidade antonioniana, ou algum subjectivismo romântico.

Antes da Revolução é o vultoso bloqueado dos que não chegaram a ver a terra prometida, o morrer de uma cultura asfixiada na sua inadaptação à marcha da História, o entrever do futuro.

Cinema Quarteto - sala 1
 (não acons. men. 18 a.)

CHOVE EM SANTIAGO
 de Helvio Sotó
 (França - Bulgária 1975)

O grande sucesso comercial de 1976 franqueia as portas de 1977 e lá vai indo. Cinema que se quer espectacular e emotivo mas que deveria antes buscar a reflexão serena. Mas isto são águas do ano passado, e, por isso, vamos adiante.

Cinema Nimas
 (não acons. men. 18 a.)

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
 de Dave Hand
 (USA - 1937)

Primeira longa-metragem americana de animação este filme das produções Walt Disney supervisionado por Dave Hand, é, hoje, antes do mais um clássico. Daí que as imperfeições técnicas sejam perfeitamente atribuíveis ao pioneirismo, tal como muito do entrecho



(mormente as sequências musicais) se devem ligar ao cinema que então se produzia. Um divertimento pacato, longe ainda da intoxicação em que as produções Disney se tornariam férteis de que, aliás, o documentário co-exibido com este filme é exemplo).

Cinemas Caleidoscópio e Tivoli
 (para todos)

O MINISTRO E EU
 de Miguel M. Delgado
 (México)

Cantiflas, personagem exemplar de uma ideologia pequeno-burguesa, conservadora e lacrimante, regressa aos *écrans* da cidade, para gáudio de muito público. Filme que se



Bergman no Palácio Foz

Na próxima semana a sala da Cinemateca no Palácio Foz vai apresentar um ciclo de filmes do realizador sueco Ingmar Bergman. O calendário aqui fica:

Dia 10 — **O silêncio**
 Dia 11 — **Lágrimas e suspiros**
 Dia 12 — **Cenas da vida conjugal**
 Dia 13 — **Paixão**
 Dia 14 — **O amante**

Com sessões às 15 h, 18 h e 21 h, ao preço de 5\$00, não é necessário dizer que, de novo, a sala dos Restauradores se vá encher. Inútil é, ainda, realçar a importância de Bergman como cineasta já que, da simplicidade formal das **CENAS DA VIDA CONJUGAL** (que aqui se considerou um dos 12 melhores filmes de 1976) ao monumentalismo das **Lágrimas e suspiros**, passando por **O silêncio** (filme que encerrou a sua «trilogia de câmara» e que muitos consideram dos seus pontos mais altos) até essa breve concessão ao comércio que foi **O amante** e não esquecendo **Paixão**, um dos seus filmes menos célebres (e menos vistos em Portugal) mas não de somenos rigor, Bergman é hoje, em todo o mundo, um valor cultural, e mesmo comercial, seguro.

Durante anos tomado, entre nós, como um cineasta metafísico, poucas vezes o público se apercebeu da extrema materialidade do seu cinema, da importância dos avanços linguísticos que Bergman proporcionou. Reduzido muitas vezes ao público de meia-idade das sessões clássicas só recentemente uma nova geração o descobriu e o tomou como seu, procedendo a uma leitura mais dinâmica e mais produtiva do seu cinema.

Não contendo este ciclo as obras quase «invisíveis» de Bergman mas apenas as suas mais recentes produções nem por isso, julgamos, o interesse será menor. Compre o leitor o seu bilhete o mais cedo que puder pois senão arrisca-se a não passar da entrada.

identifica lapidariamente com o muito de reaccionário que por cá resta, **O ministro e eu** é, ainda, o ocaso de um actor que mais não faz que repetir-se até ao esgotamento. Uma película cheia de boa-vontade e lugares-comuns, ou a «evidência» de um mundo sem classes mas apenas com bons e maus, eternamente.

Cinema Monumental
 (para todos)


OH! AMIGOS MEUS
 de Pietro Germi e Mario Monicelli
 (Itália - 1975)

Filme derradeiro de Germi que Monicelli acaba de rodar, obra que se quer auge e testamento e quer sê-lo desesperadamente. Filme por isso com o seu quê de necrófilo, obra para se ser indulgente, um traço grosso e um riso forçado pontado por momentos que deixam entrever que poderia ter sido esta película despida de traumas.

Este filme é, porém, nada mais que este filme

e deve dizer-se que pouco sobra de um percurso a raiar o tragicamente lamentável.

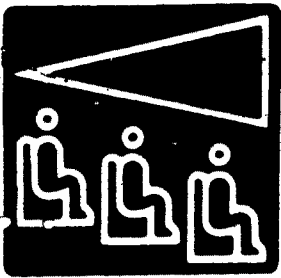
Cinema Londres
 (não acons. men. 13 a.)

O ANO 01
 de Jacques Doillon
 (França - 1972/73)

E se de repente se parasse tudo para pensar como recomeçar? E se se começasse a reflectir sobre o pobre quotidiano, a televisão, a máquina de lavar, o trabalho em cadeia, as ruas, os vizinhos com quem coabitamos paredes-meias e não conhecemos? Perguntas que este filme lança, como que pedaços de dinamite lúdico, para que, simplesmente, a lógica deste universo em que a produção comanda, não nos triture. Filme para muita recusa, não para ideologizar, apenas para despertar. Como falar da Revolução sem falar disto tudo?

(Cinema Universal)
 (não acons. men. 13 a.)



**ALVALADE**

«Heidi a rapariga dos Alpes» (M/6)
com Eva M. Singhammer, Gertard Mittermay
e Guštav Knuth Lotte Ledl.
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h

APOLO 70

«À beira do fim» (M/18)
Realização de Richard Fleischer, com Charlton
Heston, Leigh Taylor e Edward G. Robinson
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h

AVIZ

«Os malucos em Hong-Kong» (M/13)
com os Les Charlots
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

BERNA

«Vitória em Éntebbe» (M/13)
com Helmut Berger, Linda Blair, Kirk Douglas
e Richard Dreyfuss
Sessões: 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

CALEIDOSCÓPIO

«Branca de Neve e os sete anões» (M/6)
um filme de Walt Disney
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h

CASTIL

«A minha mulher agrada-te... adoro a tua»
(M/18)
com Jean-Claude Berco e Nathalie Nort
Sessões: 15, 17, 19 e 21.15 h

CINEARTE

Sábado e domingo: «O último dos duros» (M/18)
Segunda e terça: «Q última golpada» (M/18)
Quarta e quinta: «Confidências de um lavador
de janelas» (M/18)
Sexta: «Deus perdoa, eu não» (M/14)
Sessões: 15.30 e 21.15 h

CINEBOLSO

«Machissimo» (M/18)
Sessões: 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

CINESTÚDIO

«Mili» (M/13)
Sessões: 15.30 e 21.30 h

CONDES

«O raid relâmpago dos comandos» (M/14)
com Charles Bronson, Peter Finch e Horst
Bucholz
Sessões: 14, 16.30, 18.45 e 21.15 h

EDEN

«Zorro» (M/13)
Realização de Duccio Tessari com Alain Delon
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h

ESTÚDIO

«O processo Dimitrov» (M/13)
Realização de Christo Christov com Stefan
Guetzov, William Poloniye e Frank Obermann
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

**ESTÚDIO 444**

«Festa privada» (M/18)
com Isle Damsgard
Sessões: 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

EUROPA

«Jerry primeiro turista no espaço» (M/6)
com Jerry Lewis, Joan Blackman e Earl
Holliman
Sessões: 15.15 e 21.15 h

IMPÉRIO

«O duelo das águias» (M/18)
com Peter Firth, David Wood, John Gielgud
e Trevor Howard
Sessões: 15.15, 18.30 e 21.15 h

JARDIM

Sábado: «O sabor da vingança» (M/18)
Domingo: «Tommy» (M/18)
Segunda: «Quem tem medo de Virgínia Woolf?»
(M/18)
Terça: «Adeus irmão cruel» (M/18)
Quarta: «O criado» (M/18)



Quinta: «Laranja mecânica» (M/18)
Sexta: «Vício de matar» (M/13)
Sessões: 15.30 e 21.15 h

LIDO

Sábado e terça: «O comboio do inferno» (M/13)
Quarta: Teatro: «Vamos trocar de mulheres»
(M/18)
Sessões: 21.15 h

LONDRES

«Oh! Amigos meus» (M/13)
com Philippe Noiret, Ugo Tognazzi e Gastone
Moschim
Sessões: 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

MONUMENTAL

«O ministro e eu» (M/6)
com Cantiflas, Celias Castro e Angel Garasa
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h

MUNDIAL

«Onde está o Oscar?» (M/6)
com Louis de Funès e Claude Rich
Sessões: 15.15, 18.30 e 21.15 h

**NIMAS**

«Chove em Santiago» (M/18)
com Annie Girardot, Jean-Louis Trintignant,
Bibi Anderson e Laurent Terzieff
Sessões: 14.14, 16.30, 18.45 e 21.15 h

ODEON

«O esquadrão do dragão» (M/18)
com os grandes ídolos das artes marciais
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h

Paris

«Iniciação de Flossie» (M/18)
Sessões: 15.30 e 21.15 h

PATHÉ

«A iniciação de Flossie» (M/18)
A mais bela fantasia erótica
Sessões: 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

POLITEAMA

«O soldado aventureiro» (M/6)
com Bud Spencer, Andrea Ferreol e Phillipe
Leroy
Sessões: 14.15, 16.30, 19 e 21.15 h

PROMOTORA

Sábado e domingo: «A vida íntima de Dorian
Gray» (M/18)

Segunda: «Os cavaleiros do terror» (M/13)

Terça: «O gato e o rato» (M/18)

Quarta e quinta: «Abutres na cidade» (M/18)

Sexta: «O invencível» (M/14)

Sessões: 15.15 e 21.15 h

**QUARTETO****Sala 1**

«Antes da revolução» (M/18)
Realização de Bernardo Bertolucci
Sessões: 14.15, 17, 19.15 e 21.30 h

Sala 2

«Voando sobre um ninho de cucos» (M/18)
Realização de Milos Forman
Sessões: 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Sala 3

«Império dos sentidos» (M/18)
Realização de Nagisa Oshima
Sessões: 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

Sala 4

«O monstro» (M/18)
Realização de Walerian Borowczyk
Sessões: 15, 17, 19, 21 e 23 h

ROCIO

Sábado e domingo: «Os 4 cavaleiros do
kung-fu» (M/18)
Segunda: «Duelo de fogo» (M/14)
Terça: «Sinos do inferno» (M/18)
Quarta: «Massacre em Roma» (M/18)
Quinta: «Um caso de urgência» (M/18)
Sexta: «O índio valente» (M/6)
Sessões permanentes a partir das 14.30 h

ROMA

«Remédios de amor» (M/18)
com Birgit Bergen, Enzi Fuchs e Irina Kant
Sessões: 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

ROY

«Vitória em Éntebbe» (M/13)
com Helmut Berger, Linda Blair, Kirk Douglas
e Richard Dreyfuss
Sessões: 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15 h

SALÃO IDEAL

Sábado: «Amor de perdição» (M/10)
Domingo: «Uw-O-O maior de todos» (M/18)
Terça: «A Pistola» (M/18)
Quarta: «A fúria do dragão» (M/18)
Quinta: «Pânico em Nidel Park» (M/18)
Sexta: «O homem do Klan» (M/18)
Sessões: 15.30 e 21 h

**SÃO JORGE**

«Voando sobre um ninho de cucos» (M/18)
Realização de Milos Forman, com Jack
Nicholson e Louise Fletcher

Sessões: 15.15, 18.30 e 21.15 h

SATÉLITE

«Easy Rider» (M/18)
um filme de Dennis Hopper com Peter Fonda,
Dennis Hopper e Jack Nicholson
Sessões: 15, 17, 19 e 21.15 h

TIVOLI

«Branca de Neve e os sete anões» (M/6)
Um filme de Walt Disney
Sessões: 15.15, 18.30 e 21.15 h

VOX

«O soldado aventureiro» (M/6)
com Bud Spencer, Andrea Ferreol e Phillipe
Leroy
Sessões: 14.15, 16.30, 19 e 21.15 h

Sessões da meia-noite

APOLO 70

Sábado — «Chinatown» (M/18)
Domingo — «Resgate para um homem morto»
(M/18)
Segunda — «Shart-Mafia em Nova Iorque»
(M/18)
Terça — «O Circulo vermelho» (M/18)
Quarta — «O Espião do chapéu verde» (M/18)
Quinta — «Perseguição» (M/18)

CASTIL

Sábado — Antestreia
«Que ricas tias» (M/18)

CINEARTE

Sábado — «Eu e ele» (M/18)

CINEBOLSO

Sábado — «O Relojoeiro» (M/18)
Domingo — «O Gato e o rato» (M/18)
Segunda — «Joe» (M/18)
Terça — «A Classe Dominante» (M/18)
Quarta — «Acção executiva» (M/14)
Quinta — «A Lady e o Motorista» (M/14)
Sexta — «O Gafanhoto» (M/18)

ESTÚDIO 444

Sábado — «Festa Privada» (M/18)

EUROPA

Sábado — «Bobby» (M/13)

LONDRES

Sábado — «Tarzoon, a Vergonha da Silva»
(M/18)

PARIS

Sábado — «O Homem de Ferro» (M/18)

COMUNA TEATRO DE PESQUISA

Diariamente às 21.30 h.

O Muro

Inspirado em
«AS AVENTURAS DE
JOÃO SEM MEDO»
de José Gomes Ferreira

Domingo só «matinée»
às 18 h.

2.ª Feiras — Descanso
da Companhia

PREÇO ÚNICO - 40\$00
Condições especiais

PRAÇA DE ESPANHA
METRO: PALHAVÁ
Telefone 76 26 24



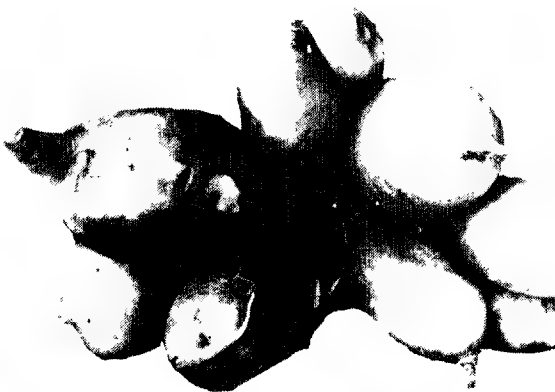
MILITAR

Em 1974, ele sai com as suas tropas de Santarém a caminho de Lisboa e, no Quartel do Carmo, exige a rendição de Marcelo Caetano. Dois anos depois, em 76, o mesmo capitão não tinha autoridade para fazer sair da sua unidade uma simples bicicleta. Que outra coisa lhe podemos oferecer, Salgueiro Maia, além do nabo?



EDUCAÇÃO

Neste sector, distinguiu-se particularmente pela inteligência, eficácia, e brilhantismo das soluções encontradas, o ministro Cardia que, tão lisonjeado ficou com o prémio do «Sete-Ponto-Sete», se dispôs imediatamente a roer a corda. Neste caso, um repolhudo nabo.



TEATRO

Considerando que ele pretendeu acabar com a actividade dos grupos independentes; considerando que recusou aos trabalhadores do Teatro ... por razões de ordem cultural (!) ... o direito de participarem na discussão para a atribuição de subsídios; considerando que deixou o Augusto Boal durante meses à porta do gabinete; Aqui se proclama o dr. David Morão (Hifen) Ferreira o nabo do ano em questões de Teatro.

MÚSICA

Ainda o preclaro David, para quem a música é outra. Perturbado com o Sindicato dos Músicos, ele chegou a admitir ... perante testemunhas ... que a soma de zeros não fosse igual a zero! Mas não pode negar que um nabo na Música, outro no Teatro, perfazem dois nabos ...

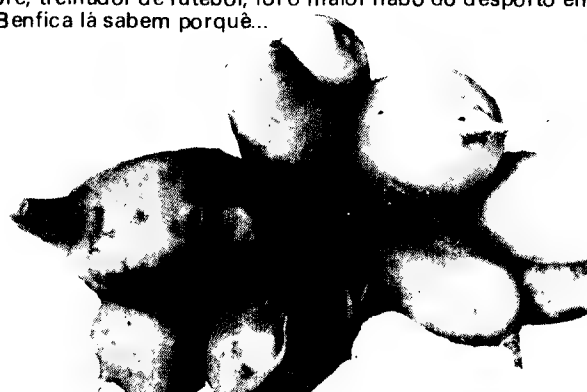


DESPORTO

O senhor Mortimore, treinador de futebol, foi o maior nabo do desporto em 1976. Os «doentes» do Benfica lá sabem porquê...

O maior nabo do 1976

O «Sete-Ponto-Sete» os maiores nabos diferentes actividades que a designação ofensiva como i desempenho de um ou profissão, não gente não tenha b formação moral. A tanto nabo, onde tratados pela ran a fazemos constitui, a aos visados. Manc diga, que nunca nabos, por tão d



Os cores dos 76

«elege nesta edição os de 1976 nas mais lades. Convém lembrar ão de nabo não é tão o isso: ser nabo no uma determinada tarefa não quer dizer que a bom coração e sólida Aliás, num País com de os problemas são a, a eleição que aqui l, até, uma homenagem nda a verdade que se a se viu tão grandes o diferentes razões.



POLÍTICA

Na política, Otelo foi sem dúvida o maior nabo de 1976. (aliás a rama começou a crescer em fins de 75). Principal responsável pela queda do fascismo. Otelo está agora obrigado ao mais rigoroso silêncio. Ninguém neste país pode ser preso por ideias políticas, menos ele, que devolveu a liberdade de pensamento e de expressão aos portugueses. É preciso ser nabo!



INFORMAÇÃO

Nandim de Carvalho foi director do jornal «O Século» por 24 horas, batendo fulgurantemente o «record» do Adelino Tavares da Silva no mesmo jornal. Nunca se viria semelhante nabo na Imprensa. Aqui vai um nabão por ter conseguido, ao menos uma vez, aparecer no cabeçalho.



LETRAS

O laureado poeta e escritor Miguel Torga, também nosso premiado, não foi a Estocolmo receber o Prémio Nobel que lhe cabia, não deu um passo para aceitar o Prémio Internacional de Poesia que lhe foi atribuído, recusou-se a vir à Associação Portuguesa de Escritores onde lhe foi prestada homenagem, mas acreditamos que virá a Lisboa a receber o seu nabo.

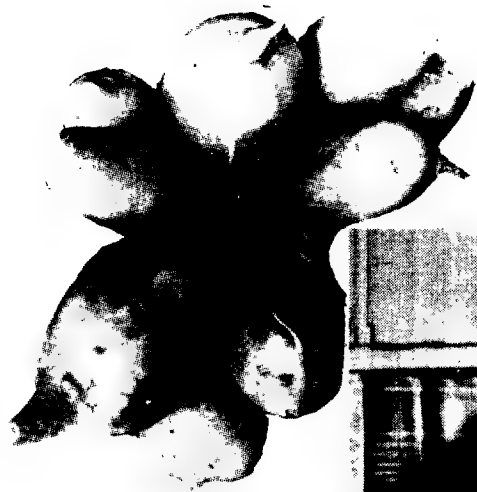


AGRICULTURA

Ao longo do ano passado, o eng.º Sousa Veloso e a sua TV/Rural, andaram a leste da Reforma Agrária. Mais do que um nabo, ele merece uma plantação dos ditos.

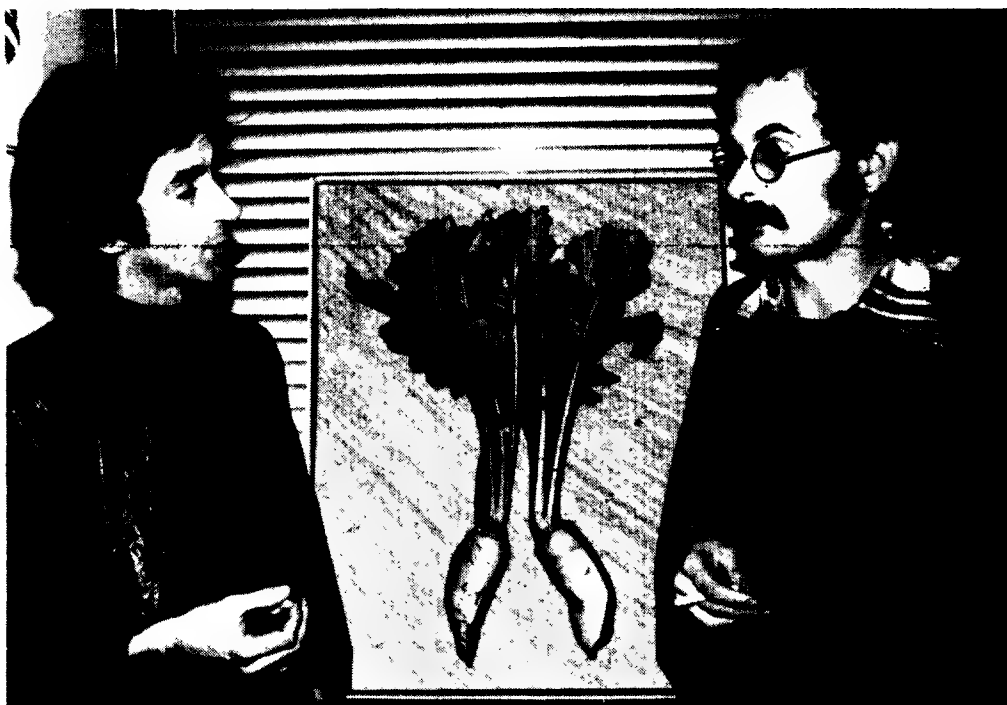
(MAIS NABOS NA PAGINA SEGUINTE!)

Mais nabos



CINEMA

Foi difícil, tal afluência de candidatos, escolher o laureado pelo Cinema. Após duas voltas, apurou-se ser António Macedo o feliz contemplado: ele foi o cinemanovista que mais filmes rodou, mas... permanecem arquivados. O que dizer de um homem que tem prontos quatro filmes de longa-metragem («Nojo aos Cães», «O Princípio da Sabedoria», «Fátima Story» e «As Horas de Maria») e não os coloca em exibição? Trata-se, obviamente, de um nabo.



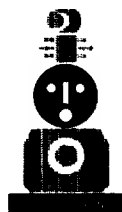
ARTES PLÁSTICAS

Para fugir, talvez, às eleições promovidas pelo «Sete-Ponto-Sete», eles só agora fizeram a exposição dos tarecos que juntaram em 1976. Mas não escapam: temos de dizer que o Vitor Belém e o Carlos Barroco foram os nabos das Artes Plásticas. Esperavam os visitantes (porque «estes dois são meio-malucos...») apanhar com algum tomate à saída ou, no mínimo, ver um «slide» do Presidente com o dedo no nariz. Mas a irreverência não passa das marcas, e, sendo assim... Nabos!!!



MÚSICA (LIGEIRINHA)

Um molho de nabos para o conjunto Maria Albertina, ressuscitado no final do ano pela RTP, e que é o expoente da música ligeira portuguesa que gostaríamos de ver enterrada sem milagre de terceiro dia. O conjunto Maria Albertina, pela sua persistência, bem merece um nabo para cada um dos seus elementos.



BAILADO

Nova temporada do Ballet Gulbenkian

No 1.º espectáculo, a reposição de *Petrushka*, numa feliz reconstituição da coreografia e dos «décors» originais. Este bailado de Stravinsky foi escrito entre Agosto de 1910 e Maio de 1911. Inicialmente concebido como concerto para piano e orquestra, foi repensado e transformado em bailado a instâncias de Diaghileff, o célebre empresário da companhia dos «Ballets Russes», que congregou à sua volta os maiores nomes da vida artística europeia durante o primeiro quartel deste século. Mas a música nasceu ligada, logo no primeiro projecto do compositor ao herói dos teatros de bonecos das feiras tradicionais da Rússia: *Petrushka*. Diaghileff entusiasmou-se com o tema e levou o próprio Stravinsky a estabelecer o argumento de colaboração com o pintor russo Alexandre Benois, a quem a partitura é dedicada. Local e época da acção: 1830, na feira de S. Petersburgo, hoje Leninegrado, (com a flecha do Palácio do Almirantado, cantada por Puchkin, divisando-se ao fundo). Estreia em Paris, 1911: Karsavina e Nijuisby nos principais papéis; coreografia de Fokine; direcção musical de Pierre Monteux. No meio do bulício da feira, com todo o seu pitoresco, desenrola-se o drama (que tem por cenário o interior do teatrinho de bonecos): o pobre Pedrito apaixona-se por uma bailarina frívola. Aquela personagem frágil mas sensível prefere a bailarina a ostentação de riqueza e de força de um outro comparsa, que completa o triângulo: o mouro.

Ficha artística:

Coreografia Fokine
Música Stravinsky
Cenário Octávio Clérigo segundo A. Benois
Figurinos Inez Guerreira, segundo A. Benois.
Direcção e ensaios Carlos Trincineiras e Jorge Garcia, segundo a produção de Jurek Lazowsky

No mesmo espectáculo o «Ballet» Gulbenkian apresenta duas novas coreografias em estreia, com a seguinte ficha artística:

«CONCERTINO

Coreografia Carlos Trincineiras
Música Hidas
Cenários e Figurinos Espiga Pinto

«OUTONO
Coreografia Vasco Wellenkamp
Música Mahler
Figurinos Helena Lozano

Calendário dia 8 às 16.00 h e 21.15 h
dia 9 às 16.00h e 21.15 h
(Auditório 1 da Fundação Gulbenkian)

CONCERTOS

PORTO

Dia 8, às 16.00 h
Associação Portugal-URSS

CONCERTO LOPES GRAÇA

Coro da Academia de Amadores de Música
Direcção: Fernando Lopes Graça

Canções regionais portuguesas e canções históricas nesta visita ao Porto, promovida pelo núcleo local da Associação Portugal-URSS, em relação com a importante condecoração atribuída ao compositor pelo Soviete Supremo.

SETÚBAL

Dia 9, às 21.30 h
Museu

CONCERTO LOPES GRAÇA

Canções para canto e piano
Dulce Cabrita (canto)
F. Lopes Graça (piano)

Aos 70 anos, este exemplo de vitalidade artística, na constante peregrinação pelo País, se possível agora ainda mais intensa. Uma experiência sempre renovada e inesquecível ouvir Lopes Graça dirigir a sua música ou acompanhar ao piano as suas canções. Como só ele sabe, com a vida interior das notas que dão mais força e sentido ao texto a ser nos revelada de toda a evidência...

LISBOA

Dia 13 às 18.30 h
Fundação Gulbenkian

ORQUESTRA GULBENKIAN CONCERTO MOZART

Mozart:

«Três Danças alemãs» «Música Maçónica»
«Concerto n.º 2 para violino e orquestra»
«Sinfonia Concertante para violino, viola e orquestra»

Viola: Anabela Chaves
Violino: Gerardo Ribeiro
Direcção: Juan-Pablo Izquierdo

Dois jovens intérpretes portugueses vão certamente justificar neste concerto as razões por que são considerados ao nível da mais elevada craveira artística. A viola de Anabela Chaves e o violino de Gerardo Ribeiro vão tocar Mozart com amor. Se o maestro Izquierdo o não impedir, a Orquestra fará o mesmo. E ao público recomenda-se igualmente a mais Mozart em vez de consumi-lo



**COMPRE
DISCOS
Com
garantia**

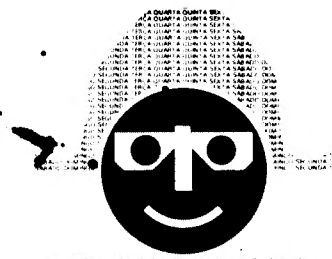
na

DISCOTECA

TOCAPIANO

Frente à praça de ALMADA

Aberta das 9 às 23 horas



caixa do PONTO

A GRANDE JOGADA DO ZÉ PATEGO

«A GRANDE JOGADA» — texto e música de José Viana. Encenação: José Viana. Colaboração Rogério Paulo. Colaboração para figurinos e Cenários: Rogério Ribeiro. Colaboração Musical: Artur Rebocho e Vitor Bonjour. Interpretação: Maria Dulce, José Viana, António Machado, Carlos Ivo, Rogério Paulo, Dina Maria, Dora Leal, Orlando Fernandes, Gil Matias, Manuel Coelho, Vicente Batalha, Janine Osório, Maria Helena Silva, Elisa de Guisette. Cooperativa Teatro Popular. Academia Almadaense. 28/12/1976.

Parece-nos que José Viana conseguiu descobrir o segredo de renovar as estruturas da revista à portuguesa sem alterar nem a sua comunicabilidade nem a sua carga crítica. É certo que ele chama à «Grande Jogada» comédia musicada mas, a nosso ver, o esquema utilizado aproxima-se mais da revista do que da comédia. É que entre uma e outra situa-se o próprio material de que José Viana se serviu, material tradicional em forma de auto que inevitavelmente nos conduz a Gil Vicente, como diz Viana, ou seja a um precursor da nossa revista. Alguns dos elementos mais importantes que caracterizam este tipo de espectáculo estão presentes na «Grande Jogada»: utilização de cenas curtas, caracterização de figuras populares, uso da canção como comentário e suporte da acção; referências constantes ao nosso quotidiano social (e esse aspecto da circunstancialidade é um dos motores da revista que funcionava como crónica dos usos e costumes do tempo imediato), uso de quiproquós linguísticos, e ainda a utilização da cortina e até o recurso à apoteose no final dos actos. Isto sem referir sinais característicos da revista, como certos momentos da participação do conjunto musical. José Viana conta que se serviu de uma história adicional, já anteriormente utilizada pelo conhecido homem do teatro colombiano Enrique Boanventura. Nas suas linhas gerais, a peça conta a história de Zé Patego (José Viana), espécie de D. Quixote dos pobres que passa a vida a «fazer bem ao próximo» julgando assim resolver as injustiças do Mundo e que é descoberto por Jesus (António Machado) que vem do Céu com S. Pedro (Rogério Paulo) para o premiar pela sua bondade, dizendo-lhe para fazer cinco pedidos que serão imediatamente satisfeitos. É através desse jogo de pedidos e respostas que Zé Patego descobre as verdadeiras linhas com que a sociedade se cose. Essas sucessivas descobertas levam-no a encontrar a verdadeira resposta, aquela de que efectivamente depende a solução dos problemas dos homens vítimas da injustiça: solução que passa, como não podia deixar de ser, pela luta de classes. Para essa descoberta é fundamental, o apoio de Jesus que é leitor

de Marx, representando S. Pedro, na sua bonomia, o reacçãoarismo da Igreja. Para contar a sua história, José Viana serviu-se de formas livres, descontraídas e bem humoradas que constituem uma crítica de certas instituições sem, contudo ferir, a sensibilidade daqueles que as aceitam. Esse traço de subtilidade é uma das notas certas deste espectáculo cuja força crítica, naturalmente política, acompanha o humor das situações, do desenho das personagens, do diálogo. O facto dessa crítica se situar a vários níveis constitui uma das riquezas do espectáculo: o arranjo dos mendigos; as perigosas capacidades de alienação pequeno-burguesa que as personagens revelam (veja-se as escalas que os mendigos percorrem; comecem por ser «galãs provincianas» com formas de vestir que a sociedade de consumo de origem americana impõe, depois passam a senhores de cartola, o que implica a sua transformação em verdadeiros exploradores). Essas capacidades de alienação são tipificadas pela personagem Zefa (Dora Leal), irmã de Zé Patego, para quem o dinheiro que este obtém jogando com os ricos, jogos que nunca perde por graça divina, é mero pretexto de exibicionismo — veja-se como muda constantemente de vestidos, como fala de carros, como trata a criada. Na sua estrutura aparentemente simples, a peça é de uma invulgar riqueza de intenções cénicas, de interferências críticas, de desdobramento de registos dramáticos. Apontaremos apenas algumas cenas que demonstram, no que têm de inventivo, de criador, o que dissemos. O plenário celestial presidido por Jesus e com a participação, em voz off de vários santos. Um microfone, um grande letrado O DIABO NÃO PASSARÁ, três retratos gigantescos desenhados atrás da cortina e que representam Joêvã, Moisés e Noé embora sejam evidentes as suas conotações com conhecimentos filosóficos utilizados em comícios. Outra cena: Zé Patego conseguiu, graças a um dos pedidos que fez a Jesus, prender a Morte em sua casa. É claro que o facto de a Morte ter deixado de trabalhar é mal visto por muita gente, desde o padre ao cozeiro e ao médico, da velha beata, que quer morrer, ao marido fresco que quer herdar da mulher velha e feia e à mulher que se quer ver livre do marido que urina na cama. Quando Zé Patego se vê obrigado a libertar a Morte, essas personagens morrem o que pretexta uma outra cena cheia de malícia com os familiares dos falecidos comentando o facto. Este tratamento irónico da Morte — que é ainda um valor sagrado — desde a sua imagem, espetada num vaso como planta mal-cheirosa e com verdete, até às reacções que a sua ausência e a sua presença provocam, caracteriza, a nosso ver, a força satírica do



José Viana, no papel de Zé Patego, é assim uma espécie de D. Quixote apostado em resolver as injustiças do mundo, passando o tempo a fazer bem ao próximo

espectáculo. Outra cena bem vista é a sátira à vida citadina imaginada pelas personagens provincianas que cantam em versos onde se nota um cheirinho a Junqueiro, coisas como a droga e a prostituição («onde é fecunda e salutar a prostituição»). Quando Zé Patego chega à conclusão de que há cada vez mais pobres apesar dele tirar imenso aos ricos para dar aos pobres, fica a saber outra coisa: não se trata de uma fatalidade, em tempos antigos não havia pobres nem ricos, quer dizer não havia explorados nem exploradores. Senhor desta chave fundamentalíssima, Zé Patego, recusa o convite de Jesus para ir para o Céu, onde seria sempre feliz, e prepara-se para se ligar aos homens que como ele pensam que é possível transformar o Mundo e estão dispostos a fazê-lo. Sem utilizar esquemas primários, José Viana criou um espectáculo de grande capacidade de politização, ou seja de desalienação. Usando fórmulas verbais que têm a ver com o nosso presente e por vezes transformando-as (por exemplo, no plenário celestial, consanto em vez de consócio), deu ao texto um impacto a que o público correspondeu de forma extraordinária. Num cenário simples mas muito bem concebido

os dois planos, a casa de Zé Patego e o Céu ligados por uma escada —, usando figurino e outros elementos como máscaras não só correctos, em relação ao contexto como cotendo aspectos críticos e criativos interessantes como no caso das máscaras gigantes das milionárias — José Viana construiu um espectáculo que representa, até pelo que tem de especificamente português apesar da técnica brechtiana utilizada, um acontecimento no nosso teatro. Não isento de falhas, claro. Teríamos preferido uma música mais rica e a esse respeito não queremos deixar de assinalar que o número final, «Aleluia», está fora do espectáculo com o seu cheiro execrável a «Godspell»; notámos quebras de ritmo motivadas pelo facto de alguns actores ainda não dominarem os papéis e ainda pelo facto de situações serem por vezes estendidas sem necessidade; o grupo de intérpretes não é tão homogêneo como seria para desejar. José Viana domina naturalmente o espectáculo porque é um grande actor, um dos maiores actores portugueses e porque o papel lhe serve como uma luva, passe o lugar-comum. Vê-lo alterar os seus registos, do cómico ao dramático, do descontraído ao tenso, sem espalhafato, com uma simplicidade de processos que define o grande artista de teatro, é uma alegria. Menos ocupados outros intérpretes acompanham José Viana: é o caso de Rogério Paulo, a quem só pediríamos uma maior economia de gestos e palavras embora o seu S. Pedro surge bem definido no que tem de aparente (bom-humor) e de profundo (reacção); é o caso de Maria Dulce que faz o palhaço que apresenta o espectáculo com a graça e a eficácia que a função pede; Dora Leal, no papel da menina fútil incapaz de subir acima das suas tamancas (excelente aquela ideia dos sapatos na bandeja); Manuel Coelho que se desdobra em vários papéis e faz uma velha beata como um actor que já domina as suas capacidades de expressão; Janine Osório («o whiske quando nasce é para todos»), Gil Matias, um bom Velho. E não deixaremos de referir a forma como todos se integraram no espectáculo. O leitor já percebeu: se é de Lisboa só tem uma coisa a fazer — atravessar o rio e ir até Almada

P.S. — Em boa verdade, o acontecimento não é só o espectáculo, é também a estreia de uma nova cooperativa de trabalhadores de teatro e é a reabertura de uma renovada casa de espectáculos

Arroz Show-Show

TEATRO DA TRINDADE
(R. Nova da Trindade
T. 323200)

HISTÓRIAS DE FIDALGOTES
ALCOVITEIRAS PASTORES E JUDEUS,
MAREANTES E OUTROS TRATANTES SEM
ESQUECER SUAS MULHERES E AMANTES
de Gil Vicente e Ruzante
pelo grupo A Barraca

Aqui está outro espectáculo que sabe bem ver.
Se é excelente a montagem dos textos de Gil
Vicente e Ruzante, a equipa que a interpreta
é de se lhe tirar o chapéu. Não perca.



DO TEATRO AO CAIS DO SODRÉ
de José Daniel Rodrigues da Costa
pelo grupo Os Cómicos

Um texto sem grande fôlego deu um
espectáculo divertido, bem interpretado, com
um arzinho revisteiro que lhe fica a matar. É
de ver.

COMUNA
(Pr. de Espanha
T. 76 26 24)

O MURO
adaptação de «As Aventuras de João Sem
Medo», de José Gomes Ferreira

José Gomes Ferreira publicou agora um grande
livro. «O Sabor das Trevas». Antes ou depois
de o ler, vá à Comuna ver um dos mais belos
espectáculos do grupo adaptado de um outro
livro daquele escritor. Será imperdoável não
ver.

MONUMENTAL
(Saldanha T. 555133)

UMA ESTRANHA FORMA DE AMAR...
de Joe Orton

Laura Alves reaparece numa peça que não é
propriamente de «boulevard», muito pelo
contrário. Pena que a relativa qualidade do
texto não corresponda a uma direcção de actores
mais capaz. Fica para a próxima... Registe-se
no entanto, o esforço da actriz em criar registos
que não são os que normalmente utiliza bem
como a vontade em acertar manifestada pelos
restantes intérpretes.

VARIEDADES

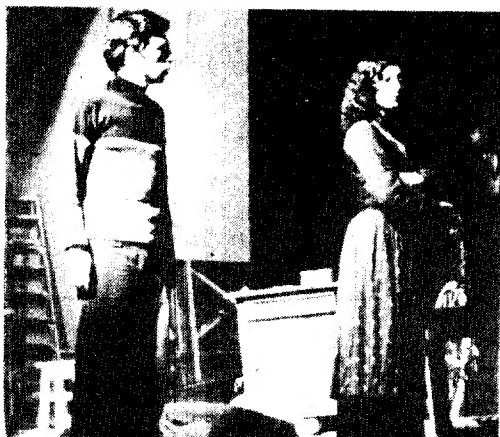
ISTO É QUE ME DÓI!

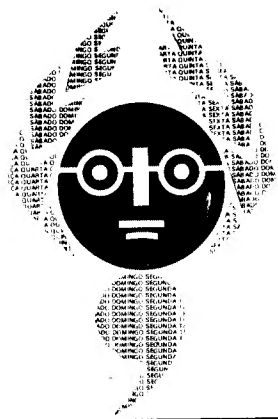
de Paulo Pontes

Solnado e os hospitais. Para os doentes e para
os seus um espectáculo que esboça com timidez
uma crítica à falta de saúde dos nossos
hospitais.

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul Cascais, 1 A
T. 66 15 15)
O TREINO DO CAMPEÃO ANTES DA CORRIDA
de Michel Deütsch
pelo Teatro da Cornucópia

Uma dupla estreia um autor francês pela
primeira vez traduzido e um encenador que
deixou a crítica e experimenta no palco a
formação teórica que adquiriu na estranha
(Centro de Estudos Teatrais, da Universidade
Cesler, Paris, com Roland Barthes, entre
outros). Um espectáculo certamente
interessante.

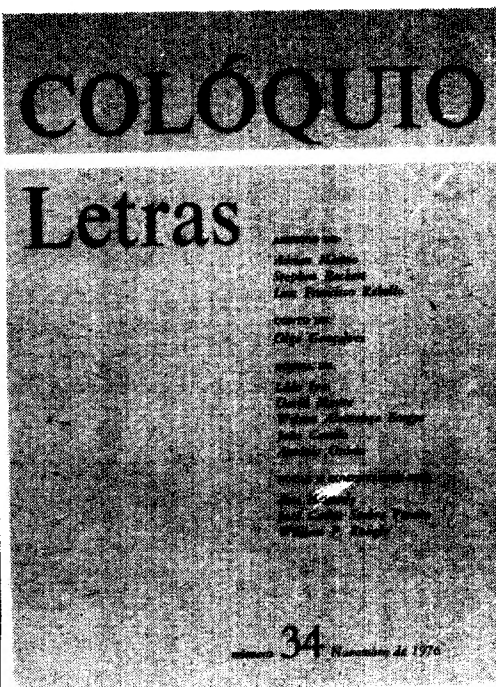




aPONTO e vírgula

COLOQUIO — LETRAS

De dois em dois meses cá estamos nós a dizer que saiu mais um número da revista **COLOQUIO — Letras**. Não se ache estranha esta constância. É que a revista da Gulbenkian, em boa ou má verdade, é a única publicação do género que se faz em Portugal, e, ainda que não fosse a excelente revista que é, nós teríamos a obrigação de referi-la. Muito embora ela se recomende em especial a iniciados na problemática literária, não deixa de se pensar que igualmente o outro público lhe pode e deve ter acesso — ao menos para ler bons textos variados, uma outra peça literária, boa poesia, notas críticas feitas por autoridades em matéria de literatura; pena somente que (por razões evidentes: trata-se de uma publicação que sai de dois em dois meses e é feita com certa antecedência) — pena somente que a revista não possa cobrir a vida literária portuguesa (e não só) com maior aproximação no tempo em relação aos acontecimentos. Esta tarefa caberia a outra ou outras publicações que não existem, ou caberia a uma publicação que talvez venha a existir mais ou menos brevemente (estamos a pensar num anunciado jornal a ser lançado pela Associação Portuguesa de Escritores de que talvez dentro em pouco — e positivas ou negativas — vamos ter notícias). Sobre o **Colóquio**. Aqui está o último número, é o 39 e refere-se a Novembro. Tem, para 104, páginas, um sumário muito numeroso: quase meia centena de textos, contadas as críticas, que algumas são demoradas e extensas). Salientar, os três textos da secção de ensaio: «A vanguarda histórica



da Liberdade», de Adiran Marino, «O cisne e a cigarra: quatro poetas em três tempos», de Stephen Reckert, e «Uma dramaturgo desconhecido: António Ponce de Leão», de Luís Francisco Rebelo. A «ficção» (outra secção da revista) é de Olga Gonçalves («Doce de laranja amarga»), na «poesia» vêm poemas de David Mestre Ledo Ivo, Wilson Alvares Borges, João Camilo e António Osório. Há mais textos: Ana Haterly escreve sobre poesia experimental (prefácio próximo: um livro de E. M. Melo e Castro); José Carlos Seabra Pereira sobre a poesia de Júlio Dantas e o Decadentismo português; Eduardo Prado Coelho faz variações em torno de um tema dado: Eugénio de Andrade e os seus «trinta anos de trabalho», que passaram e foram devidamente assinalados em 76; José da Costa Miranda sobre «Cassola, Prémio Bancarella 76». Depois é uma extensa lista de textos críticos sobre livros portugueses e brasileiros mais ou menos (mais menos do que mais) recentes. Mas, antes disso, outra coisa: uma carta do Brasil mandada por Nelly Novaes Coelho. Muito interessante, do ponto de vista informativo. Nelly fala das dificuldades que rodeiam hoje escritores brasileiros novos o

tocantes publicar e faz uma enunciação-enumeração de diversas iniciativas a que os mesmos ultimamente se têm dedicado para superar essas dificuldades. As mais das coisas que na carta de Nelly se podem ler, não as saberíamos ainda os mais de nós. Delas pode concluir-se que, no Brasil, se as coisas são difíceis a situação é outra e diferente da que nós conhecemos em Portugal. Não é de estranhar, naturalmente: há mil e mais uma justificações de toda a ordem para isso. E elas respeitam provavelmente menos ao espírito de iniciativa das pessoas e mais aos condicionamentos de que as pessoas dependem nas iniciativas que muitas pretendem e não podem consequentemente tomar.

CASIMIRO DE BRITO

Há um título dele nas novidades: **Corpo Sitiado**, edição Iniciativas Editoriais. Na capa, subtítulos: **Solidão Imperfeita, Telegramas, Canto Adolescente, Corpo Sitiado, e um posfácio**. «Reúnem-se neste espaço os poemas «salvos» de entre os primeiros que escrevi, uma das sínteses possíveis de nove anos de produção» — informa, no posfácio, o próprio autor: **Solidão Imperfeita** — os poemas desta série constituem a soma exígua de várias depurações de **Poemas da Solidão Imperfeita** (1957) e de **Sete Poemas da Rebeldes e Carta a Pablo Picasso** (1958). Restam 24 dos 46 textos propostos inicialmente — e nenhum deles mantém a forma original. **Telegramas** — Dos 43 poemas publicados nas edições de 1959 e 1961 restam 27, mas só 2 poemas (**Vinho e Primavera**) permanecem inalterados. **Canto Adolescente** — O «canto» que dá o título ao livro ficou intacto; **Arte Poética e Canto Matinal** são inéditos. **Corpo Sitiado** — Trata-se de um livro inédito; apenas 9 dos seus poemas foram publicados, em versões primitivas, nos anos de 1967 e 1968. Pensa o autor que «a publicação destes poemas vários anos depois de os ter escrito, implica uma justificação para além do facto menos importante de aqueles livros se encontrarem esgotados. Tenho-me interrogado sobre a oportunidade de reunir e depurar a minha primeira produção poética — e, entre renegá-la por imaturidade e submetê-la a tratos de polé (mas sem deformações excessivas), acabei por preferir a segunda hipótese. Não se alteraram porém, profundamente (mas o que é profundo ou superficial na construção do poema?) as soluções estilísticas — ou talvez sim. Acontece que o risco que se joga na transformação de um equilíbrio precário noutro não menos precário é indispensável à definição da matéria poética». Estamos pois em presença, digamos, de uma antologia dos poemas pertencentes à primeira fase da obra poética do autor. Feita a selecção e as tanto, por um lado, convenientes como, por outro, possíveis correcções (não as podemos avaliar, porque não temos os originais à mão), fica o livro definitivo que precederá, na bibliografia respectiva, os que depois o autor publicou. A produção aqui seleccionada data de entre 55 e 63. A imagem global do livro é a de uma certa dispersão. Mas isso pode ser uma fatalidade inerente ao tipo de livro que «Corpo Sitiado» é: um conjunto inevitável e aparentemente algo amontoado, acumulado, de textos, por assim dizer, recuperados. A questão

UM LIVRO DE JORGE DE SENA QUE O BALANÇO OMITIU

Por «imponderáveis» como este, é que, nisto de balanços, tanto uma pessoa que os faz deve prevenir quem os ler que é bom estar sempre, como se costuma dizer, de pé atrás — como quem os lê deve fazer assim mesmo que quem os faz não lhe diga isso. Aqui há oito dias fez-se uma enumeração de diversos livros de autores principalmente portugueses, publicados em Portugal no ano transacto e houve pelo menos uma omissão (esquecimento, já se vê, de grosso vulto). Trata-se de **Os Grão-Capitães**, de Jorge de Sena, sete contos do autor escritos — ele o diz — em 61 e 62 no Brasil mas só em 76 dados a público reunidos em livro (num lançamento de Edições 70).



POESIA: MUITOS LIVROS

Parece que, a pouco e pouco, voltamos ao antigamente: qualquer dia começam a ser de poemas os mais dos livros que se publicam entre nós, neste nosso pobre País de poetas. Dantes era assim, ou quase, não sei se se lembram. Ainda hoje, se forem às livrarias mais povoadas lá estão as dezenas e centenas de livros de poesia que se foram publicando ao longo destes 5, 10, 15, 20 anos, e não se venderam todos. Depois, com o «25 de Abril», foi outra «praga»: os livros «de política». O fenómeno está a perder alguma da intensidade que já conheceu, sinal dos tempos e da alteração que se produz nas solicitações que essa mudança nos faz. Vamos amanhã ter novamente avalanches de livros de poesia? Não desejamos que sim, nem desejamos que não. Aconteça o que acontecer, haverá sempre isto que nos parece inevitável: a maior parte dos livros de poesia que entre nós se publicam são francamente maus e não há nada a fazer depois de dizer isso. Por vezes seria melhor nem isso dizer. É que os autores ficam geralmente mal impressionados a nosso respeito, e não é raro criarem-nos problemas. Não é aqui lugar para dizer os problemas que nós temos, que nós são criados. Mas sempre se dirá pelo menos isto: muitas vezes, se não se referem livros que chegam às redacções dos jornais é para evitar complicações que qualquer referência (inevitavelmente «crítica», o mínimo que fosse) viria a produzir. Perante omissões, certos autores ficam certamente menos «melindrados».

POESIA E NATAL

Edição do MIC, Movimento de Intervenção Cultural: **Natal Social**, poemas de Alberto Martins Rodrigues, Fernando Grade, Hugo Beja, João Carneiro, Júlio António Salgueiro, Luísa de Brito Pires, Maria Ângela Pires, Maria Luísa Neto, Teresa Vergani e Ulisses Duarte. Sobre edições assim há sempre muito pouco a dizer. Mesmo no caso de um livro como este, onde aparecem nomes conhecidos como Fernando Grade, por exemplo. Cada poeta o seu poema, dois poemas, três e pronto. Um traço comum entre as produções insertas: o tema revertendo do temário a que o título se refere. Para o leitor interessado (e este interesse valerá a pena: a generalidade da produção, sem ser — como não poderia ser — muito boa, situa-se no entanto acima da vulgaridade e dos numerosos livros de versos que vão saindo quase dia-a-dia, ou mais), uma indicação: o livro custa 50 escudos.

ALBERTO MARTINS RODRIGUES

Já que falamos do MIC, há outra edição com esta chancela: **O nosso amor não se prende a olhos nem a cabelos — de Angola à Reforma Agrária passando pelo antedilema**. É um conjunto de poemas de Alberto Martins Rodrigues. Mais uma estreia. Sem prejuízo de referência mais demorada dentro em breve: de assinalar.

Recado ao Leitor

Propomos ao leitor que participe na valorização do seu jornal.

Propomos-lhe que contribua para a dignificação da actividade publicitária.

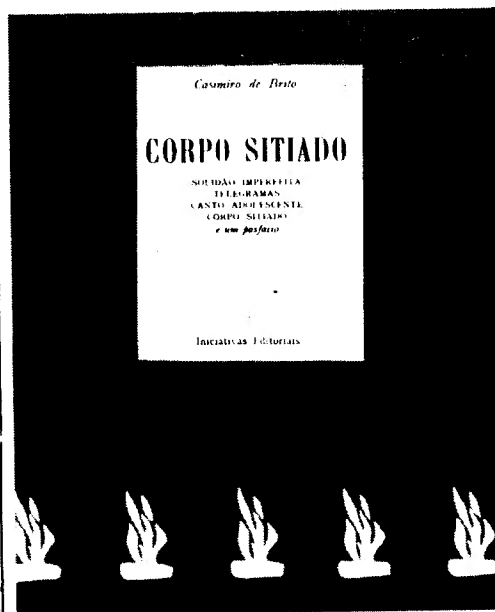
O «Diário de Lisboa» entende que a publicidade se justifica plenamente, quando é orientada por um critério de utilidade social.

O «Diário de Lisboa» considera que assim, a publicidade é um serviço prestado aos leitores. Por isso vendemos espaço. Espaço útil. Por isso solicitamos a participação dos leitores na utilização desse espaço.



Espaço que pode ser seu se aceitar as nossas regras de utilidade social e de qualidade. Qualidade e serviço oferecido aos leitores que colocam o «Diário de Lisboa» no segundo lugar (em expressão nacional e em vendas) entre os quotidianos da tarde e o tornam (por exemplo) o mais lido por um público socialmente activo, entre os 15 e os 43 anos.

Secção de Publicidade do **Diário de Lisboa**



que talvez se ponha para o leitor é a de saber se o livro lhe valerá a pena ou poderá interessar. E é evidente que sim. De resto, o nome de Casimiro de Brito é uma forte referência na poesia portuguesa nossa contemporânea, inevitável não diremos quando se trata das tendências novas ainda hoje, mas, pelo menos, de um determinado período que, evidentemente, ainda não encerrou. Referimo-nos aos fins dos anos 50, aos anos 60 quando se processou uma transformação decisiva no âmbito do realismo neo-realista, neo-realismo chamado, numa aceção mais comum. Também na obra de Casimiro de Brito se assinalam duas ou três notas características desta transformação. Também a obra de Casimiro de Brito contribuiu para que essa transformação se tornasse irreversível.



TV/PONTO

SÁBADO, 8

I Programa

- 14.02 Telejornal
destaque para o balanço desportivo da última semana
- 14.30 Ballet Bourmeister
sou morto por ballet
- 15.15 A bela Mariana
prefiro croquetes
- 15.45 Ida e volta
é um programa sobre transportes. Ca por mim, tiro o passe
- 16.15 O Povo e a Música
danças de Baião



- 16.45 Janosik
moral os polacos não têm estaleca para criar um Robin dos Bosques
- 17.40 Gentes, mercados e músicos
so vendo, como Santo Me
- 18.10 Bota das 7 léguas
noticiário para jovens, seleccionado e apresentado por jovens notícias, entrevistas e reportagens. São os jovens a imitar os adultos, copiando-lhes os erros. É feio, triste e mau
- 18.45 Animação
banda desenhada coordenada por Vasco Granja. Tá bem
- 19.15 O mundo tribal
um dia, dedicam uma edição à selva de Lisboa
- 20.30 Telejornal
engravado, como dantes



- 21.30 Espaço 1999
uma série de ficção científica
- 22.25 Brasil 77
é o espectáculo de Sérgio Mendes. É uma realização da BBC

II Programa

- 20.30 Telejornal
em simultâneo com o TJ do I programa
- 21.30 Animação
aspectos do cinema experimental
- 22.00 Cinemateca
«Maria do Mar» filmado na Nazaré, conta a história de um pescador e da sua namorada. Realização de Leitão de Barros, com Rosa Maria, Oliveira Martins, Aelina Abranches, Alves da Cunha, Perpetua dos Santos, Horta e Costa, Antonio Duarte e Maria Lao. A estreia foi no S. Luis a 20 de Maio de 19 0.

DOMINGO, 9

I Programa

- 12.32 Missa de domingo
aproveite para se confessar

- 13.10 Woobinda
é uma nova série filmada
- 13.40 Desenhos animados
- 14.00 Telejornal
- 14.20 Zé Povinho
fez 100 anos. Documentário sobre a sua história
- 14.40 A Invencível (Aparajito)
trata-se de um filme de 1957, «Leão de Ouro» do Festival de Veneza
- 16.15 Haja saúde
mais um copo
- 16.40 A voz da vida
- 17.10 Cabeça tronco e membros
O concurso do costume, desta vez com a colaboração dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Sto. António
- 17.55 Heidi
a Clara descobre que pode ser útil aos outros e fica muito contente
- 18.20 O Clube do Ferro Velho
- 18.55 TV Rural
Sousa Veloso foi o nabo de 76. V. pags. centrais
- 19.30 Biografia
Fernandes Tomás
- 20.00 Telefutebol
reportagens, comentários e resultados da jornada futebolística
- 20.30 Telejornal
- 21.35 O gesto é tudo
concurso
- 22.35 A família Bellamy



II Programa

- 20.30 Telejornal
a cara do outro, às 20. 0 no TJ 1
- 21.30 Mesa redonda
ainda é segredo

SEGUNDA, 10

- 13.30 Ciclo Preparatório TV
- 18.32 Janela grande
duas criancinhas entrevistam uma autoridade da Comissão Nacional do Ambiente sobre o problema da água no mundo
- 19.00 Abre-te Sésamo
não, não abras
- 19.30 Grupo vocal
de música contemporânea
- 20.00 Teledesporto
- 20.30 Telejornal
- 21.05 O sentido das formas
santuário do Bom Jesus em Braga. Atenção É o último programa apresentado pelo dr. Ferreira de Almeida
- 21.40 O barrete de guizos
já temos o nosso, mas este é italiano de Luigi Pirandello
- 23.40 Telejornal

II Programa

- 20.30 Telejornal
- 21.00 Mercedes Soza



- da musica popular argentina, num programa da TV de Alemanha Federal
- 21.50 Heinrich Heine nos nossos dias
um filme a reflectir a contradição ironica da vida e obra de Heinrich Heine em relação à actualidade

TERÇA, 11

I Programa

- 13.30 Ciclo Preparatório TV
- 18.32 Inglês a sorrir
- 19.00 Ratos ratolas
e diário das fabulas. Já tenho a minha conta
- 19.30 Peça a palavra
plagiando Fernando Pessoa o melhor do programa são as crianças
- 20.00 Telecinema
incógnito um dos segredos da programação da RTP
- 20.30 Telejornal
- 21.05 Momento político
adivinhem quem vem falar...



- 22.00 Ellery Queen
hoje a aventura do cão chinês, uma história com principio, meio e fim a exibir num so programa
- 22.15 Programa da Direcção de Informação
- 23.15 Telejornal

II Programa

- 20.30 Telejornal
pode vê-lo e ouvi-lo no I Programa
- 21.00 Documentário
- 22.00 Lembranças de Greene
da serie inspirada nas novelas de Graham Greene

QUARTA, 12

I Programa

- 13.30 Ciclo Preparatório TV
- 18.32 Sapatinhos de ballet
Pauline e Petrova Fossil são convocadas para uma audição...
- 19.00 Abre-te Sésamo
as crianças acham piada?
- 19.30 Ligeiríssimo
geralmente abominável. Hoje, Jose Cheta
- 19.50 Vamos jogar no Totobola
o Zé Fialho faz o possível por não aceitar, pudera, seriam milhões a ganhar o Totobola
- 20.00 A «National Gallery»
veja como um crítico de arte consegue evitar a chatice e a burrice uma lição para os mestres cá do burgo
- 20.30 Telejornal
- 21.05 Música e silêncio
veja é António Vitorino de Almeida, garante como sói dizer-se de alta qualidade
- 21.35 Noite de cinema Mogambo
Grace Kelly e Clark Gable, numa aventura hollywoodesca nas pretensas selvas africanas
- 23.50 Telejornal

II Programa

- 20.30 Telejornal
- 21.00 Teatro-estúdio
Vozef Szauna, um programa da TV polaca
- 21.50 O homem e a sua música
Verdi, hoje

QUINTA, 1

I Programa

- 13.30 Ciclo Preparatório TV
- 18.32 Bonecos
quando se dorme com os pés de fora pode acontecer o que, por exemplo, hoje traz a senhora Cegonha de mau humor...
- 19.00 Os homens, os livros e as coisas
Joaquim Manuel de Magalhães de cadeirão e cachimbo
- 19.30 O conde de Monte Cristo
a obra de Alexandre Dumas, numa versão que apetece dizer valha nos Cristo

- 20.00 A ideia e a imagem
programa literário da responsabilidade de Álvaro Manuel Machado

- 20.30 Telejornal
- 21.05 O homem e a terra
fauna ibérica
- 21.30 Vamos aos fados
hoje Alfredo Marceneiro, Teresa Silva Carvalho, João Braga e João Ferreira Rosa
- 22.00 Um programa da Direcção de Informação
e lá com eles
- 23.15 Telejornal
e fecho

II Programa

- 20.30 Telejornal
- 21.00 Cinema: A grande cidade
título original Mahanagar. Distinguido com o «Urso de prata» para a melhor realização no festival de Berlim

SEXTA, 14

I Programa

- 13.30 Ciclo Preparatório TV
- 18.32 Estúdio velho, gente nova
gente nova a proceder como a gente velha: uma frustração
- 19.00 Abre-te Sésamo
por favor LIVREM-NOS DO EGAS E DO BECAS
- 19.30 Tropicália
do Brasil, sem samba
- 20.00 Momento desportivo
debate. Debate?
- 20.30 Telejornal
- 21.05 Momento político
um programa da secretaria de Manuel Alegre
- 21.15 Passo a compasso
bailado, apresentado em bicos de pes por Armando Jorge



- 21.45 Eduardo VII
segundo episódio: as «broncas» do filho mais velho da rainha Vitória
- 23.15 Telejornal

II Programa

- 20.30 Telejornal
- 21.00 Derrapagem
filme de Ian Lomnicki, com Barbara Soltysik, Ian Englert, Jerry Kamás e outros

SOLUÇÕES

AS SETE DIFERENÇAS

- 1 — uma das chaves; 2 — argola do cadeado; 3 — saltos pretos nos sapatos; 4 — as argolas; 5 — a unha do dedo grande; 6 — a haste dos óculos; 7 — caracol no cabelo dela

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS:

- 1, TONICHA. 5, Amália. 10, Or. 11, Açora. 13, Avis. 14, S.N. 15, Iodara. 17, Ce. 18, Ario. 20/27, ALAIN DELON. 23, Do 24, Já. 25, Ala. 26, Caso. 30, Cs. 31, Se. 33, Oó. 34, Mim. 35, MD. 37, Ma. 39, Anão. 41/49, LYNN ROGERS. 44, Cola. 45, Meas. 46, Ascá. 48, Au. 53, Ien. 54, Pira. 57, Ura. 58, Acu. 59/71, GRETA GARBÓ. 60, Pê. 61, Porosa. 63, Sorria. 65, Pior. 66, Restam. 68/70/83, ALVES DA CUNHA. 75, Aios. 77, ED. 78, Oleo. 79, Mirai. 80, La. 81, Sarar. 82, Sô.

VERTICAIS:

- 1, Tosca. 2, Cnelas. 3, Haia. 4, Acórdão. 5, Arão. 6, Mar. 7, La. 8, IV. 9, Ai. 12, Odioso. 16, Aladino. 19, Sandokan. 21, Al. 22, Ias. 28, Emala. 29, Om. 30, Calma. 31, Em. 34, Mac. 36, Ana. 38, Agira. 40, Oásico. 42, Yeu. 43, N.S. 47, Céus. 50, Guerreiro. 51, Er. 52, Rapar. 54, Pe. 55, It. 56, Raspaó. 58, Aros. 59, Galegos. 60, Provais. 62, Armada. 64, Oil. 67, Adela. 69, Soa. 72, Ala. 73, Rer. 74, Boa. 76, Sfo.

A Terra parada

A prova dos nove da democracia útil em que vivemos reside (também) no facto de podermos escrever esta patacoada sem que inquisitoriais senhores nos metam a ferros. Com que então a Terra está parada e o Sol é que anda, seu asno?, é o máximo que o leitor de maus figados (azedados pelos tempos de festa que vivemos) nos poderá dizer. Pois queremos lembrar, a geito de mal alinhavada homenagem, que faz hoje 335 anos que morreu um homem cuja existência foi envenenada pelo facto de se ter atrevido a teimar que a Terra andava e o Sol é que estava parado. Galileu Galilei, assim se chamava, de ascendência nobre e pai com alguns patacos, podia ter levado a vida na boavaiela se não fora aquela obstinação em seguir e provar cientificamente a teoria de Copernico um século antes. Perseguido, enjaulado, ameaçado com a tortura, duas vezes julgado pelos capacetes negros da Inquisição, perdendo a amizade de papas e reis, Galileu Galilei passou as do Algarve por causa de uma coisa que está bem à vista de todos: a Terra é que anda, já que nada é seguro nem estável na vida sobre este planeta, em particular na península que nos cabe. Obstinação, fazendo disso pleito de honra, os poderosos da Igreja obrigaram-no a dizer que a Terra está parada, e a engolirem silêncio toda a sapiência acumulada em anos de retiro laborial. O que prova que a palavra dos papas nem sempre é a única verdade, e que de vez em quando até os herejes têm a sua razão. Pela nossa parte, e mesmo dizendo que a Terra está parada, já que nada anda nem desanda, aqui prestamos uma pequena homenagem a Galileu Galilei, que bem caro pagou o querer que as coisas mexessem. Embora noutra dimensão, já houve que o pagar entre nós, e neste século.

